EFEITOS DAS ESTRATÉGIAS DE ENSINO NA INDISCIPLINA E NA MOTIVAÇÃO DOS ALUNOS

Inês Isabel David Neto

Relatório de estágio realizado no âmbito da Unidade Curricular Prática de Ensino Supervisionada II e apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para obtenção de grau de mestre em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Matemática e Ciências da Natureza no 2.º Ciclo do Ensino Básico

2019

EFEITOS DAS ESTRATÉGIAS DE ENSINO NA INDISCIPLINA E NA MOTIVAÇÃO DOS ALUNOS

Inês Isabel David Neto

Relatório de estágio realizado no âmbito da Unidade Curricular Prática de Ensino Supervisionada II e apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para obtenção de grau de mestre em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Matemática e Ciências da Natureza no 2.º Ciclo do Ensino Básico

Orientador: Professor Doutor Francisco Vaz da Silva

2019

AGRADECIMENTOS

Chegada esta fase tão importante da minha vida pessoal, académica e profissional, gostaria de agradecer de uma forma breve a todos aqueles que de diversas formas, contribuíram para o meu sucesso e para a minha formação.

Em primeiro lugar, gostaria de evidenciar a minha gratidão à minha família, em especial aos meus pais que me deram todas as ferramentas necessárias para ser a mulher que sou hoje e que nunca permitiram que desistisse de lutar pelos meus sonhos. Sem eles a minha essência seria outra e não teria o mesmo valor.

Em segundo lugar, agradeço incondicionalmente à minha companheira e grande amiga Alda, que em muitos momentos de aflição nunca me deixou desistir e sempre me incentivou a continuar e a dar o meu melhor. Sem ela não teria tido a persistência necessária para chegar até aqui. Foi um prazer trabalhar contigo e acompanhar também o teu percurso. Espero que assim seja em todas as fases das nossas vidas.

Em terceiro lugar, gostaria de agradecer às minhas grandes amigas de sempre, Paula, Sara e Tatiana, que me ajudam a encarar o Mundo de outra forma e me apoiam em tantas fases difíceis. O meu sincero obrigada por tudo o que representam para mim.

A todas as outras pessoas que não referi e que sabem quem são, o meu profundo agradecimento por tornarem os meus dias mais alegres e por me fazerem acreditar que era possível chegar até aqui, quando tudo parecia tão distante de alcançar.

Gostaria, também, de prestar o meu reconhecimento ao Professor Doutor Francisco Vaz da Silva, que se disponibilizou desde o início para orientar este estudo e sempre me motivou para o concluir.

Finalmente, presto agradecimento a todos os professores que fizeram parte do meu percurso académico, em especial à minha professora de 1.º ciclo que me influenciou a seguir este caminho, devido à paixão com que sempre abraçou a sua profissão.

Muito obrigada a todos vocês!

RESUMO

O presente relatório visa a abordagem, de modo, reflexivo, da prática desenvolvida no âmbito da Unidade Curricular (UC) Prática de Ensino Supervisionada II (PES II), que integra o plano de estudos do Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico (1.º CEB) e de Matemática e Ciências Naturais no 2.º Ciclo do Ensino Básico (2.º CEB), tendo sido esta desenvolvida num contexto de ensino privado no 1.º CEB, numa turma de 2.º ano e num contexto de ensino público no 2.º CEB, em duas turmas do 6.º ano de escolaridade. Este revelou-se um tempo crucial para o meu futuro enquanto professora, que possibilitou a minha reflexão acerca dos desafios que a prática docente acarreta e que influencia a excelência do ensino.

Para além da descrição dos contextos, este trabalho integra uma investigação empírica realizada no contexto do 2.º ciclo, que teve como principal preocupação compreender as conceções de alunos e professores acerca da indisciplina e de que forma é que a diversificação de estratégias pode diminuir a ocorrência deste tipo de comportamentos, bem como, influenciar a motivação dos alunos de uma forma positiva. Com a finalidade de obter respostas, delinearam-se os seguintes objetivos para a concretização desta investigação: (i) descrever a dinâmica das turmas com enfoque no comportamento dos alunos e na indisciplina; (ii) caraterizar as perspetivas de alunos e professores sobre a indisciplina e (iii) estudar os efeitos da diversificação de estratégias e de atividades na ocorrência de incidentes de indisciplina e na motivação dos alunos.

Deste modo, a investigação realizada é de natureza qualitativa, tendo elegido como técnicas de recolha de dados entrevistas aos alunos e às docentes cooperantes, assim como, a aplicação de um questionário por inquérito ainda no período de intervenção neste contexto.

No que respeita à análise e discussão dos resultados foram implementadas estratégias de ensino no contexto de intervenção, nas quais se apelou ao envolvimento dos alunos, que tiveram efeitos positivos na diminuição de comportamentos de indisciplina e na motivação dos alunos.

Palavras-chave: Estratégias de Ensino; Indisciplina; Motivação dos Alunos.

ABSTRACT

This report aims to approach, in a reflective process, the practice developed in the context of the course (UC) Supervised Teaching Practice II (SEP II), which includes the master's study program in the 1st Cycle Education Teaching basic (1.º CEB) and Mathematics and Natural Sciences in the 2nd cycle of basic education. This practice has been developed in the context of a private and public education. The former in the 1st grade and the later in the 2nd grade and with two groups of the 6th grade. This proved to be a crucial time for my future as a teacher, which allowed me to think of the challenges that the teaching practice entails and the impact on achieveing teaching quality excellence.

In addition to the description of contexts, this study integrates an empirical research carried out in the context of the 2nd cycle, with the main concern was to understand the conceptions of students and teachers about discipline and how the strategies diversification can decrease the occurrence of ssuch bad behaviors, as well as influence the motivation of the students in a positive way. In order to get the answers, the following research goals were outlined: (i) characterization of the dynamics of classes focusing on the student behavior and discipline;(ii) meet the expectations of students and teachers on discipline and (iii) to study the effects of strategies diversification and activities in the event of discipline incidents.

Thus, the investigation is qualitative, having preferred data collection techniques with interviews with students and with the cooperating teachers as well as the application of survey during the intervening period.

With regards to the analysis and discussion of the results, the teaching strategies implemented in the context of my intervention, revealed to be of added value and called for the involvement of the students who demonstrated a positive outcome towards adopting less disruptive behaviors and at the same time demonstrating a substancial increase in motivation.

Key words: Teaching Strategies; Indiscipline; Student Motivation.

ÍNDICE GERAL

1. INTRODUÇÃO 1

PARTE I – PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA NO 1.º E NO 2.º CEB 3

2. PRÁTICA PEDAGÓGICA DE ENSINO SUPERVISIONADO NO 1.º E NO 2.º CEB 4

2.1. Descrição da prática desenvolvida no contexto de 1.º CEB 4

2.1.1. Finalidades educativas e princípios orientadores da ação pedagógica .. 4

2.1.2. Caraterização do grupo turma 6

2.1.3. Identificação da problemática e dos objetivos gerais de intervenção 8

2.2. Descrição da prática desenvolvida no contexto de 2.º CEB 10

2.2.1. Finalidades educativas e princípios orientadores da ação pedagógica 10

2.2.2. Caraterização dos grupos turma 11

2.2.3. Identificação da problemática e dos objetivos gerais de intervenção .. 12

2.3. Análise crítica da intervenção desenvolvida no 1.º e 2.º CEB 15

2.3.1. Processos de ensino e aprendizagem 16

2.3.2. Formas de relação pedagógica 16

2.3.3. Processos de avaliação e regulação da aprendizagem 19

PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO 21

3. APRESENTAÇÃO DO ESTUDO 22

3.1. Contextualização do estudo 22

3.2. Problemática e questões de investigação 22

3.3. Objetivos do estudo 23

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 24

4.1. A indisciplina 24

4.2. A importância da motivação escolar 27

4.3. Estratégias eficazes para motivar os alunos 30
5. METODOLOGIA 33
5.1. Caraterização do contexto e dos participantes 33
5.2. Métodos e técnicas de recolha de dados 34
5.3. Análise dos dados 36
5.4. Princípios éticos do processo de investigação 36
6. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS 38
6.1. Dinâmica das turmas com enfoque no comportamento dos alunos e na indisciplina 38
6.2. Perspetivas de alunos e professores sobre a indisciplina 40
6.3. Efeitos da diversificação de estratégias e de atividades na ocorrência de incidentes de indisciplina e na motivação dos alunos 41
6.4. Discussão dos resultados 48
7. CONCLUSÕES DO ESTUDO 50
8. REFLEXÃO FINAL 53
REFERÊNCIAS 56
ANEXOS 60

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo A. Planta da sala de aula do 1.º CEB……...…61

Anexo B. Diversas áreas que compunham a sala de aula do 1.º CEB……62

Anexo C. Planta da sala de aula do 2.º CEB……...64

Anexo D. Guião das entrevistas aos alunos das duas turmas…….….65

Anexo E. Guião das entrevistas às docentes cooperantes……...67

Anexo F. Questionário de inquérito aplicado aos alunos no final da intervenção……..70

Anexo G. Transcrição da entrevista aos alunos da turma 1……....74

Anexo H. Transcrição da entrevista aos alunos da turma 2……....85

Anexo I. Transcrição da entrevista à professora MB…….....96

Anexo J. Transcrição da entrevista à professora SS……..101

Anexo K. Análise de conteúdo à entrevista da turma 1…….107

Anexo L. Análise de conteúdo à entrevista da turma 2…….....117

Anexo M. Análise de conteúdo à entrevista da professora MB……130

Anexo N. Análise de conteúdo à entrevista da professora SS……...139

Anexo O. Rotina do número do dia……...……149

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Opinião dos alunos acerca das estratégias adotadas na aula de Matemática……..…….42

Figura 2. Opinião dos alunos acerca das estratégias que lhes permitem adquirir efetivamente novas aprendizagens na disciplina de Matemática…….43

Figura 3. Opinião dos alunos acerca das estratégias adotadas nas aulas de Ciências Naturais……44

Figura 4. Opinião dos alunos acerca das estratégias que lhes permitem adquirir efetivamente novas aprendizagens na disciplina de Ciências Naturais……45

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Estratégias implementadas durante a intervenção e o seu efeito na indisciplina e na motivação dos alunos……47

LISTA DE ABREVIATURAS

UC	Unidade Curricular
PES II	Prática de Ensino Supervisionada II
1.º CEB	Ciclo do Ensino Básico
2.º CEB	Ciclo do Ensino Básico
PI	Projeto de Intervenção
PCT	Plano Curricular de Turma

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho constitui-se como um dos elementos de avaliação referente à UC PES II, a qual faz parte do plano de estudos do Mestrado em 1.º CEB e de Matemática e Ciências da Natureza no 2.º CEB.

Para além desta parte introdutória, o documento encontra-se dividido em duas partes distintas principais. Deste modo, a primeira parte é constituída por um capítulo que engloba três subcapítulos. No primeiro e segundo subcapítulos pretendem-se descrever de forma sintética os contextos em que ocorreram as práticas pedagógicas, tanto no 1.º como no 2.º CEB, sendo por isto, apresentadas as finalidades educativas e os princípios orientadores da ação pedagógica, a caraterização dos grupos turma e a identificação da problemática e dos objetivos gerais de intervenção. Quanto ao terceiro subcapítulo, irá proceder-se à análise de forma comparada e reflexiva, dos processos de ensino e aprendizagem, das formas de relação pedagógica e dos processos de regulação e de avaliação da aprendizagem. Já na segunda parte do presente trabalho, será apresentado o estudo empírico que consiste numa investigação de natureza qualitativa em que foram realizadas entrevistas às duas turmas de 2.º ciclo e às docentes que fizeram parte da equipa de orientação pedagógica do estágio de intervenção. Deste modo, a segunda parte é constituída por cinco capítulos. O terceiro capítulo, pretende apresentar o estudo, no qual é definido e apresentado o objeto de estudo, bem como, as questões de investigação e os objetivos do mesmo. Assim, os objetivos que nortearam esta investigação são: (i) descrever a dinâmica das turmas com enfoque no comportamento dos alunos e na indisciplina; (ii) caraterizar as perspetivas de alunos e professores sobre a indisciplina e (iii) estudar os efeitos da diversificação de estratégias e de atividades na ocorrência de incidentes de indisciplina e na motivação dos alunos. No quarto capítulo, apresentar-se-á o enquadramento teórico, que pretende sustentar toda a investigação, bem como, os conceitos fundamentais associados à problemática. No que se refere ao quinto capítulo, este será composto pelos subcapítulos: caraterização sumária do contexto em que decorreu o estudo, tal como, dos participantes que deste fizeram parte; referência às opções metodológicas de investigação, em que são descritos os métodos e técnicas de recolha e análise de dados; e, finalmente, os princípios éticos que fizeram parte do processo de investigação. No sexto capítulo do presente estudo, serão apresentados e

discutidos os resultados da investigação, com base nas questões e objetivos formulados antes da realização do mesmo. No sétimo capítulo, serão evidenciadas as conclusões do estudo, em que será apresentada uma síntese reflexiva sobre os principais resultados, os constrangimentos e as limitações do estudo.

No oitavo capítulo será apresentada uma reflexão final que incidirá na análise do contributo da prática pedagógica para o desenvolvimento de competências profissionais, assim como, na identificação de aspetos significativos em termos de desenvolvimento pessoal e profissional e nas dimensões a melhorar no exercício da profissão docente.

Finalmente, os restantes capítulos referem-se à apresentação das referências que permitiram sustentar teoricamente este estudo consoante as normas de elaboração de trabalhos académicos defendidas pela instituição de ensino, bem como, os anexos que complementam, documentam e testemunham o trabalho realizado.

PARTE I – PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA NO 1.º E NO 2.º CEB

2. PRÁTICA PEDAGÓGICA DE ENSINO SUPERVISIONADO NO 1.º E NO 2.º CEB

No segundo capítulo irá proceder-se à descrição sintética das práticas pedagógicas desenvolvidas nos contextos de 1.º e de 2.º CEB que ocorreram no âmbito da UC PES II, assim como, à realização da análise crítica da prática ocorrida em ambos os ciclos de ensino.

2.1. Descrição da prática desenvolvida no contexto de 1.º CEB

A prática pedagógica no 1.º ciclo decorreu numa instituição de ensino privada, da qual fez parte uma turma do 2.º ano de escolaridade durante o período de nove semanas, que se dividiu em três fases: (i) observação, (ii) intervenção e (iii) avaliação.

2.1.1. Finalidades educativas e princípios orientadores da ação pedagógica

Na instituição de ensino, a docente cooperante estava responsável pela lecionação das disciplinas de Matemática, Português e Estudo do Meio. Todas as restantes áreas do currículo (teatro, educação física, música, expressão plástica e informática) eram da responsabilidade de professores especialistas e lecionadas, em inglês, em regime de coadjuvação. Os alunos tinham, ainda, o inglês como disciplina obrigatória, pois tratava-se de um colégio bilingue. Existia também na instituição, um tempo na agenda semanal destinado ao desenvolvimento de competências sociais, que era da responsabilidade de uma psicóloga.

Com base em diversas conversas informais com a professora cooperante, foi possível aferir que a sua ação educativa se caraterizava como sociocentrada no aluno. Com a finalidade de induzir os alunos a novos saberes, a docente cooperante baseava a sua prática pedagógica tendo em conta as intervenções extraescolares, as vivências, as necessidades e os interesses dos alunos, quer fossem de caráter social ou emocional. A docente cooperante propunha à turma atividades diversificadas, com recurso a materiais e estratégias variadas e que dessem aos alunos a possibilidade de chegarem às suas próprias conclusões, através de diferentes formas/níveis de resolução, respeitando assim a individualidade de cada um e estimulando a sua confiança.

A professora cooperante preconizava a diferenciação pedagógica na sua prática, abordando as tarefas de aprendizagem de diferentes maneiras. Assim, por forma a satisfazer as necessidades múltiplas e variadas dos alunos era promovido um ambiente de ensino diferenciado, com vista à inclusão. Para além disto, a professora privilegiava, na sala de aula, a liberdade de pensamento e de expressão, promovendo a comunicação permanente de todos os alunos, tendo em vista a partilha de experiências sociais, das suas aprendizagens e produções. As atividades que apresentava aos alunos procuravam integrar todas as áreas curriculares, através de propostas/problemas que promovessem a mobilização de saberes relacionados com vários domínios curriculares.

A ação pedagógica da docente assentava ainda na aprendizagem cooperativa e na aprendizagem por descoberta. A primeira dizia respeito ao desenvolvimento de atividades a pares ou em pequenos grupos, que permitisse aos alunos aprenderem a trabalhar em conjunto, dado que alunos com diversos níveis de aprendizagem contribuíam entre si para que se atingisse o mesmo fim. De forma a promover o trabalho cooperativo, a docente propiciava situações que estimulassem a entreajuda durante o trabalho autónomo e que possibilitassem o conflito cognitivo no aluno e/ou entre alunos. Em relação à aprendizagem por descoberta, fornecia aos alunos instrumentos que os guiassem durante o seu percurso, tanto a nível académico como pessoal, incitando um constante autoquestionamento, a procura de soluções para diversos problemas e fomentando uma permanente reflexão sobre o trabalho desenvolvido.

Com isto, era pressuposto que os alunos adquirissem os conhecimentos com base numa aprendizagem ativa, sendo estes os impulsionadores de toda a ação educativa e os seus interesses e a sua iniciativa um fator determinante nos projetos em que estavam envolvidos.

Finalmente, no que respeitava às formas de avaliação e regulação das aprendizagens, a docente cooperante privilegiava a avaliação formativa, tendo sempre como principal preocupação: o processo de evolução dos alunos, dado o seu caráter contínuo e sistemático; o envolvimento dos alunos na participação e na regulação das suas aprendizagens e a auto e heteroavaliação por parte dos alunos. Também a avaliação sumativa, era considera relevante, uma vez que permitia saber quais os conhecimentos adquiridos pelos alunos nas diversas áreas curriculares. Para além destes tipos de

avaliação, em conversas informais, a docente referiu que no início do ano letivo recorreu à avaliação diagnóstica, que serviu para identificar algumas aptidões, interesses e conhecimentos dos alunos.

2.1.2. Caraterização do grupo turma

A turma do 2.º ano de escolaridade era composta por vinte e dois alunos, pertencendo nove ao género feminino e treze ao género masculino, sendo as suas idades bastante homogéneas. Os alunos eram na sua maioria de nacionalidade portuguesa, pelo que existiam quatro alunos com dupla nacionalidade, americana-portuguesa e francesa-portuguesa, não sendo a língua materna destes quatro alunos o português.

Existia um aluno na turma diagnosticado com uma perturbação do espectro do autismo e que beneficiava de um Currículo Específico Individual[1]. Este aluno manifestava um ritmo de aprendizagem mais lento do que os restantes, pelo que era acompanhado individualmente por diferentes profissionais da área da saúde e da educação. Sempre se revelou pouco autónomo e tinha algumas dificuldades em se expressar verbalmente.

Na sua totalidade, os alunos eram residentes nos concelhos de Lisboa, Oeiras e Sintra. No que respeita à caraterização socioeconómica da turma, esta enquadrava-se na classe média-alta e alta e relativamente ao domínio sociocultural, a maioria dos encarregados de educação era detentora de um nível de formação superior.

Com base na análise dos dados de avaliação diagnóstica, foi possível verificar que a turma revelava bastante interesse e vontade em aprender, sendo a maioria dos alunos extremamente interventiva e participativa nas diversas atividades desenvolvidas, revelando assim, imensa curiosidade em fazer novas descobertas. Contudo, era um grupo bastante heterogéneo, principalmente no que respeitava a ritmos de trabalho e facilidade de aquisição de determinados conteúdos, sendo assim, desenvolvido um trabalho que assentava nos princípios da diferenciação pedagógica.

[1] Atualmente consta em vigor o Decreto-Lei 54/2018, no entanto, no período em que se realizou o estágio era esta designação que se atribuía às adaptações curriculares nos processos de ensino.

No que se refere aos conteúdos inerentes a cada área do saber, na sua globalidade os alunos manifestavam gosto pela sua aquisição, revelando-se fundamentais os diversos momentos que constituíam a agenda semanal.

Na área do Português, mais concretamente no domínio da Oralidade, os alunos encontravam-se em constante desenvolvimento da compreensão e da expressão oral, percebendo assim as instruções dadas, colocando questões quando tinham dúvidas, adequando progressivamente o discurso ao contexto de sala de aula, mobilizando novo vocabulário, apesar do par de estágio considerar que este ainda pode ser mais diverso. No domínio da Leitura e da Escrita, os alunos já tinham já desenvolvido inúmeras competências, pelo que a escrita e a leitura se destacavam como umas das suas potencialidades. No entanto, ainda revelavam algumas fragilidades em determinados conteúdos gramaticais, que terão certamente influência nos seus registos de produção escrita. Neste sentido, os alunos eram autónomos na escrita e na leitura, tanto nas atividades propostas pela docente cooperante, como nos momentos de Tempo de Estudo Autónomo.

Relativamente à área curricular de Matemática, os alunos revelavam facilidade na manipulação e representação dos números, demonstrando assim um bom sentido do número. A turma, ordenava e localizava com facilidade números na reta numérica, conhecendo o valor posicional de um algarismo no sistema de numeração decimal e realizando comparações, decomposições e diferentes operações numéricas (adição, subtração, multiplicação e divisão simples). Alguns dos alunos compreendiam as tabuadas do 2, 3, 4, 5, 6 e 10, pelo que não eram capazes de determinar os seus produtos rapidamente. Para além disto, compreendiam também com facilidade os termos dobro, triplo, quádruplo, quíntuplo, metade, a terça parte, a quarta parte e a quinta parte, representando-os corretamente. Na resolução de problemas, os alunos eram capazes de resolver diferentes tipos de problemas, com graus de complexidade diversos, recorrendo às seguintes estratégias: icónicas, simbólicas, organização de conjuntos, reta numérica e esquemas em árvore.

Finalmente, no que respeita à área de Estudo do Meio, notou-se uma evolução dos alunos nos momentos dedicados aos trabalhos por projetos, respeitando as diferentes opiniões dos colegas e das professoras e esperando pela sua vez de participar. No geral,

eram curiosos e pesquisavam informações pertinentes sobre os temas que se encontravam a ser trabalhados. Através deste método de trabalho, os discentes adquiriram os conteúdos previstos e com melhor aproveitamento.

No que respeita à sala de aula (Anexo A), esta era composta por várias áreas (Anexo B): organização, Português, Matemática, Estudo do Meio, Projetos, Biblioteca e Ficheiros. As mesas dos alunos encontravam-se dispostas por seis grupos de trabalho, tendo cada grupo entre três a quatro elementos. Como equipamentos, a sala dispunha ainda de um lavatório, um quadro de ardósia, um quadro branco, um computador, um projetor e diversos armários para arrumação dos materiais, como por exemplo, lápis de carvão, lápis de cor, borrachas, canetas de feltro, folhas de rascunho, afias, manuais e cadernos de fichas de Português, Matemática e Inglês. Importa ainda referir que todos estes materiais estavam acessíveis aos alunos, de forma a que estes fossem autónomos na regulação do seu processo de aprendizagem.

2.1.3. Identificação da problemática e dos objetivos gerais de intervenção

As potencialidades e as fragilidades identificadas na turma do 1.º CEB surgiram com base na análise dos dados de avaliação diagnóstica, através de conversas informais com a docente cooperante e todos restantes docentes que acompanhavam a turma, assim como, notas de campo, observação direta e análise das produções dos alunos. Durante o período de observação, o par de estágio avaliou os alunos no sentido de perceber quais as potencialidades e fragilidades do grupo, tendo em conta as competências previstas no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, assim como, nos restantes documentos normativos.

Desta forma, as fragilidades verificadas durante o período de estágio ao nível da área curricular de Português foram: (i) a construção gramatical das frases, tanto na escrita, como oralmente e (ii) a diversificação do vocabulário utilizado pelos alunos. No que se refere à área curricular da Matemática, a turma apresentava algumas fragilidades: (i) na leitura das horas e (ii) na memorização das tabuadas. Quanto à área curricular de Estudo do Meio e de Competências Sociais e uma vez que esta se desenvolvia por projetos, a fragilidade que a turma destacava estava relacionada com a autonomia e a responsabilidade dos alunos. Perante as fragilidades destacadas, procedeu-se à

formulação de questões que nortearam os objetivos gerais que regularam a ação pedagógica, sendo as questões-problema: (i) "Como tornar os alunos mais autónomos e responsáveis pelas suas próprias aprendizagens?", (ii) "Como desenvolver o conhecimento sintático e expandir o léxico utilizado pelos alunos?" e (iii) "Como motivar os alunos para o estudo da tabuada?".

Posto isto, a intervenção desenvolveu-se com o objetivo de maximizar as potencialidades da turma e do próprio contexto em que esta estava inserida. Deste modo, os objetivos gerais de intervenção foram: (i) desenvolver a autonomia e a responsabilidade, (ii) desenvolver o conhecimento sintático e expandir o léxico e (iii) melhorar a eficácia das estratégias de memorização das tabuadas em estudo.

Com a finalidade de desenvolver o primeiro objetivo, as estratégias globais de intervenção foram a elaboração de um novo formato para o registo individual das tarefas, um registo das tarefas realizadas pela turma nos cadernos dos alunos, a criação de um livro de tarefas, que continha a explicação da função a que respeitava cada uma e, finalmente, a diferenciação dos ficheiros disponíveis na sala assinalados com diferentes cores, consoante o seu nível de dificuldade. Relativamente ao segundo objetivo, as estratégias de intervenção consistiram na leitura e escrita de histórias/textos em coletivos ou a pares, no reconto e resumo de histórias e na criação de um dicionário de turma. Quanto ao terceiro objetivo, para o desenvolver realizaram-se jogos de tabuada, e do "*lotto* da tabuada".

A avaliação do Projeto de Intervenção (PI) foi contínua e sistemática de forma a adaptar e redefinir estratégias e práticas. Assim, foi possível concluir que o primeiro objetivo foi atingido com sucesso, uma vez que no decorrer deste estágio se verificou que os alunos, por exemplo, não discutiam sempre os mesmos conflitos no conselho, tornando-se mais autónomos na regulação dos seus desentendimentos, sendo que o livro já mencionado foi um bom impulsionador destas novas atitudes. Através do mapa de tarefas ilustrativo e com a definição das mesmas os alunos foram mais responsáveis na sua realização. Quanto ao segundo objetivo, definido anteriormente, concluiu-se que de um modo geral este objetivo não foi alcançado pela maioria dos alunos da turma, uma vez que revelaram dificuldades em expandir o vocabulário, usando tanto na oralidade como na escrita, a repetição de algumas palavras. Finalmente, em relação ao terceiro

objetivo este não foi bem conseguido, no entanto, uma vez que não houve tempo suficiente para realizar muitas atividades que promoviam o seu desenvolvimento.

2.2. Descrição da prática desenvolvida no contexto de 2.º CEB

A PES II em 2.º ciclo decorreu numa escola pública localizada em Lisboa, com duas turmas do 6.º ano de escolaridade. A prática teve a duração de nove semanas e dividiu-se em três fases: (i) observação, (ii) intervenção e (iii) avaliação.

2.2.1. Finalidades educativas e princípios orientadores da ação pedagógica

Durante o período de estágio, o par pedagógico acompanhou duas docentes cooperantes, sendo que uma das docentes lecionava a disciplina de Ciências Naturais às duas turmas e a outra docente lecionava a disciplina de Matemática, também às duas turmas.

De acordo com a observação direta e no que se relaciona com a ação pedagógica, afirma-se que na disciplina de Matemática predominava o trabalho a pares, através da resolução de exercícios relativos aos conteúdos que tinham sido abordados anteriormente pela docente, estando estes no manual adotado pela escola. Estes conteúdos eram explicitados, primeiramente, no quadro pela docente e, seguidamente, com a colaboração dos alunos, procedia-se à resolução de um ou mais exercícios no quadro alusivos ao conteúdo explicitado. Segundo as informações obtidas junto da professora cooperante de Matemática, no início de cada ano letivo é proposto aos alunos a realização de um teste diagnóstico, com o intuito de averiguar os conhecimentos já aprendidos e consolidados pelos mesmos. Em cada período letivo e como método de avaliação sumativa, a docente cooperante realizava três fichas de avaliação, de forma a dar aos alunos a possibilidade de melhorarem o seu desempenho, caso uma destas fosse referente a conteúdos em que estes pudessem sentir mais dificuldades. De forma a fornecer aos alunos vários instrumentos de avaliação, a docente cooperante propunha a realização de uma questão de aula no final do estudo do tópico matemático que encontrava a ser trabalhado, com o objetivo de lhes incutir o gosto em trabalhar regularmente. No que diz respeito à avaliação formativa, a docente tinha em conta a participação dos alunos nas diversas tarefas da aula, na assiduidade e na participação, tendo como instrumento de avaliação, para preencher

diariamente, uma grelha em que estavam comtemplados todos estes itens. No final de cada período letivo, a docente procedia à junção de todos os elementos constituintes da avaliação formativa, bem como, dos elementos que constituíam a avaliação sumativa, tais como, fichas de avaliação e apresentações de trabalhos elaborados em grupo.

No que se refere à disciplina de Ciências Naturais, as diferentes temáticas eram apresentadas pela professora cooperante de diversas formas e consoante os conteúdos que pretendia abordar, podendo ser através da visualização de um filme, da análise de um *power point*, de esquemas realizados no quadro pela docente ou da legenda de figuras. Após esta abordagem, os alunos realizavam os exercícios propostos no manual referentes aos conteúdos abordados anteriormente. As atividades prático-laboratoriais eram postas em prática pela professora cooperante, no entanto, esta revelava que a sua realização era diminuta uma vez que o tempo era bastante escasso para abordar os conteúdos previstos. A avaliação desta disciplina contemplava duas modalidades, sendo formativa e sumativa. A avaliação formativa era feita com base na participação dos alunos no decorrer das aulas, na realização das tarefas de trabalho de casa, nos comportamentos e atitudes evidenciados e na assiduidade e pontualidade dos alunos. Já a avaliação sumativa era composta por três fichas de avaliação por período, sendo que antes de cada ficha de avaliação sumativa, os alunos realizavam uma ficha formativa/de preparação que contemplava os conteúdos que seriam posteriormente englobados na ficha sumativa.

As salas em que os alunos tinham aulas diferiam de disciplina para disciplina e, por isso, não tinham todas a mesma disposição, no entanto em todas os alunos sentavam-se a pares, sendo que geralmente as mesas formavam três filas (Anexo C).

2.2.2. Caraterização dos grupos turma

De acordo com diversas conversas informais com as professoras cooperantes, bem como, com os diretores de turma das turmas, foi possível aferir que os alunos que frequentavam a escola pertenciam a diferentes níveis sociais, desde o mais elevado ao mais baixo, sendo que todas as turmas detinham uma grande diversidade social.

A turma 1 era composta por vinte e dois alunos, sendo dezasseis do género masculino e seis do género feminino e as suas idades eram compreendidas entre os dez e os treze anos. Nesta turma existiam três alunos de origem estrangeira, no entanto,

encontravam-se plenamente adaptados à língua portuguesa. Nove alunos da mesma turma apresentavam adaptações no seu processo de avaliação, uma vez que estavam sinalizados por terem incapacidades. Destes nove alunos, seis manifestam problemas de comportamento, assim como, desinteresse pelas atividades letivas, sendo acompanhados em apoios tutoriais.

Com base na análise do Plano Curricular de Turma (PCT) e através de observação direta, a turma demonstrava um comportamento heterogéneo devido à postura e atitudes de alguns dos seus alunos, contudo, verificou-se uma significativa percentagem de alunos interessados, em que os seus comportamentos eram assertivos e participativos em contexto de sala de aula. O aproveitamento da turma era pouco satisfatório espelhando, desta forma, o seu comportamento, no entanto, alguns dos elementos apresentavam aproveitamento satisfatório e mesmo bom ou muito bom.

Relativamente à turma 2, era constituída por vinte alunos, quinze do género masculino e cinco do género feminino, sendo as suas idades compreendidas entre os dez e os doze anos. Quatro alunos desta turma apresentavam algumas incapacidades, que se refletiam em dificuldades na aprendizagem, pelo que lhes eram aplicados métodos de avaliação adaptados.

Com base na observação direta e na análise do PCT verificou-se que a turma 2 era uma turma que revelava algumas dificuldades em saber estar adequadamente na sala de aula, apresentando um comportamento irrequieto e perturbando o normal funcionamento das aulas, uma vez que facilmente se distraia, conversava e participava de uma forma desorganizada. No que toca ao aproveitamento desta turma, todos os seus elementos revelavam falta de conhecimentos básicos, falta de hábitos de estudo, dificuldades de concentração, de interpretação de enunciados, de expressão oral e escrita, dificuldades em organizar ideias, no cálculo e no raciocínio lógico. Apesar disto, a turma era no geral bastante trabalhadora e empenhada na realização das tarefas propostas pelas docentes, no entanto, precisava de motivação para colmatar as dificuldades de aprendizagem.

2.2.3. Identificação da problemática e dos objetivos gerais de intervenção

No período de observação em ambas as turmas, destacaram-se algumas potencialidades cognitivas de aprendizagem, contudo, os alunos demonstraram falta de

atenção e de concentração, ou seja, pouca motivação para as aprendizagens, sendo esta uma das suas fragilidades. Assim, surgiu a primeira questão-problema, que estava relacionada com as duas disciplinas, uma vez que os alunos se distraiam com facilidade e que as tarefas envolviam um grau de raciocínio cognitivo complexo, necessitando assim de estarem concentrados.

Outro aspeto que se destacou durante o período de observação foram alguns episódios de indisciplina por parte de alguns alunos, que inevitavelmente prejudicaram os momentos de aprendizagem e criaram alguma tensão, tanto nas turmas, como nas docentes cooperantes. Estes episódios manifestavam-se através dos seguintes comportamentos: desrespeitar as regras estabelecidas para a sala de aula, falar em voz alta durante as aulas perturbando o normal decurso da mesma, não realizar as tarefas propostas, serem mal-educados com colegas e professores, agredir verbal e fisicamente os docentes e os colegas e danificar os materiais escolares propositadamente. Desta forma e sendo esta uma fragilidade, o par de estágio tentou combatê-la durante o período de intervenção, tendo por base princípios de disciplina positiva. A disciplina positiva carateriza-se como uma abordagem que não inclui a permissividade ou o controlo em demasia e que é eficaz no ensino de competências de autodisciplina, de responsabilidade, de cooperação e de resolução de problemas, baseando-se assim, no respeito mútuo e na cooperação, incorporando a firmeza com dignidade, enquanto alicerce para o ensino de competências importantes para a vida (Nelson, 2002).

Deste modo, as questões-problema que orientaram a prática pedagógica do par de estágio durante o período de intervenção foram: (i) "Como motivar os alunos para a aprendizagem da Matemática e das Ciências Naturais?" e (ii) "Como gerir a indisciplina durante as aulas de Matemática e de Ciências Naturais?".

Com base nas questões evidenciadas anteriormente, foram formulados os objetivos gerais de intervenção, sendo estes: (i) promover a aprendizagem matemática com base em tarefas exploratórias, realizadas a pares, com discussão final em grande grupo, bem como, a resolução de exercícios de aplicação e consolidação, (ii) motivar os alunos de forma a prestarem atenção, durante os momentos de aprendizagem, recorrendo a diversas estratégias de ensino-aprendizagem, bem como, integração curricular entre as duas áreas do saber e (iii) agir de acordo com os princípios de disciplina positiva, no sentido de

combater a indisciplina de alguns alunos que perturbam o normal funcionamento das aulas.

Neste sentido, pretendeu-se dar continuidade ao plano de turma das docentes cooperantes, introduzindo algumas alternativas metodológicas que conduziram a uma melhoria na aprendizagem dos alunos e nos seus resultados, valorizando assim as potencialidades das turmas. As estratégias de intervenção utilizadas para atingir bons resultados no primeiro objetivo, foram o uso predominante de tarefas exploratórias, a introdução do número do dia, a realização de diversos exercícios e problemas e a realização de jogos didáticos. Quanto ao segundo objetivo, a estratégia utilizada consistiu na motivação dos alunos através dos diversos tipos de atividades que eram propostas, bem como, do tipo de materiais que eram utilizados na sala de aula. Finalmente, no que respeita ao terceiro objetivo dava-se primazia a um ambiente tranquilo e estável em sala de aula, que propiciasse novas aprendizagens e relação equilibradas entre os alunos e entre os alunos e as docentes.

No que se refere à avaliação e regulação dos objetivos definidos anteriormente, considera-se que o primeiro objetivo foi bem conseguido uma vez que as tarefas previstas foram implementadas, contudo, verificou-se que inicialmente os alunos tinham alguma dificuldade em trabalhar a pares pois não estavam habituados a esta metodologia de trabalho. Apesar disto, com o decorrer das semanas os alunos mostraram-se mais cooperativos uns com os outros. Quanto ao segundo objetivo de intervenção, foram adotadas pelo par de estágio diversas estratégias de ensino-aprendizagem inovadoras para os alunos, tendo estes ficado mais motivados e empenhados na maior parte das atividades propostas. Como exemplo disto, pode-se aludir ao facto de terem sido proporcionados, às turmas, momentos de trabalho de grupo, tanto na disciplina de Matemática como na disciplina de Ciências Naturais, sentindo-se estes bastante entusiasmados na realização das tarefas pedidas com base nesta modalidade de trabalho, para além de se demostrarem cooperativos entre si, não causando conflitos. Por fim e relativamente ao último objetivo elencado, foi possível combater alguns episódios de indisciplina agindo com calma e ponderação e solicitando aos alunos que tinham estes comportamentos, que mantivessem a calma e refletissem acerca das suas atitudes não perturbando ainda mais o normal funcionamento das aulas. A disciplina positiva, segundo a obra de Nelson (2002),

pretende atingir resultados positivos a longo prazo, bem como, valores como a responsabilidade e a cooperação no momento, sendo que os princípios elencados nesta obra são: os alunos devem sentir as consequências naturais e lógicas, bem como, os efeitos das suas ações e atitudes; o encorajamento e incentivo necessário para aumentar a confiança dos alunos, ao invés do elogio; o respeito mútuo entre docentes e alunos e a perceção de que erra é natural e só assim se aprende. Posto isto, aferiu-se que o objetivo não foi cumprido na sua totalidade, dado que estes princípios devem ser adotados ao longo do tempo para que se obtenham efetivamente resultados, não sendo possível num curto espaço de tempo.

2.3. Análise crítica da intervenção desenvolvida no 1.º e 2.º CEB

Após a descrição sintética das práticas pedagógicas desenvolvidas nos contextos do 1.º e do 2.º CEB, torna-se necessária a análise crítica e reflexiva de alguns aspetos no que se refere às práticas ocorridas, sendo que irá incidir nos seguintes aspetos: (i) processos de ensino e aprendizagem, (ii) formas de relação pedagógica e, por fim, (iii) processos de avaliação e regulação da aprendizagem.

De uma forma geral, penso que se torna evidente que os estágios de intervenção ocorreram em contextos diversificados e com caraterísticas bastante distintas. O contexto educativo em que ocorreu a prática de 1.º CEB, constituía-se como uma instituição de ensino privado que se situava numa zona de Lisboa bastante nobre e em que população residente era considerada de classe média-alta e alta, sendo que todas as atividades desenvolvidas com os alunos se baseavam num modelo de ensino bilingue (português e inglês). Já a instituição de ensino em que decorreu a prática no 2.º CEB era uma escola pública que se situava numa zona suburbana de Lisboa e que era detentora de muitos serviços públicos e comerciais. Esta escola distinguia-se ainda, por ser uma escola de referência para a educação bilingue de alunos surdos. Neste sentido, o meio sociocultural e económico das famílias dos alunos de ambas as instituições de ensino, diferia também bastante de uma realidade para a outra.

2.3.1. Processos de ensino e aprendizagem

No que se refere aos processos de ensino e de aprendizagem, estes são divergentes tendo em conta cada instituição de ensino.

No contexto em que ocorreu o estágio de 1.º ciclo, a instituição privilegia uma metodologia de aprendizagem ativa construída a pensar nas necessidades individuais dos alunos. Desta forma, a escola tinha como principal finalidade desenvolver, nos alunos, o gosto por novas aprendizagens, sendo eles próprios os impulsionadores dos seus conhecimentos, tendo como principal preocupação a inclusão de princípios de diferenciação pedagógica nas práticas de todos os docentes. Deste modo, "ensinar é, portanto, reforçar a decisão de aprender. . . e estimular o desejo de saber" (Perrenoud, 2000, p. 71). Os conteúdos curriculares eram abordados de forma integrada, através de projetos e de temas transversais a toda a escola e que abrangiam diversas áreas do saber, das quais todos os alunos se deviam apropriar, sendo um processo que procurava ir além dos conhecimentos meramente transmitidos pelo docente e que recorria a diversas estratégias que procuravam promover uma atitude crítica e de autoeducação ao longo da vida dos alunos. Apesar de não seguir na totalidade todos os princípios do Movimento da Escola Moderna, os valores educativos da instituição de ensino, assentavam em alguns dos seus pressupostos.

Pelo contrário, no contexto de 2.º ciclo os princípios de ensino divergiam dos princípios evidenciados anteriormente. A metodologia privilegiada pela instituição de ensino assentava num método de ensino expositivo, no qual os alunos trabalhavam predominantemente de forma individual. Este aspeto torna-se evidente ao analisar a disposição das mesas de trabalho dos alunos diferem, pois nas salas de 2.º ciclo estas encontravam-se dispostas em fila e todas estavam viradas para o quadro, enquanto que na sala do 1.º ciclo as mesas estavam dispostas em pequenos grupos, inclusivamente algumas não favoreciam os alunos para olhem constantemente para o quadro, facto que privilegiava o trabalho de grupo colaborativo entre os mesmos.

2.3.2. Formas de relação pedagógica

Como referido anteriormente, o meio sociocultural e económico de que os alunos provinham era substancialmente diferente nos dois contextos. No 1.º ciclo, o

envolvimento das famílias dos alunos era diário, não havendo espaço para os educandos deixassem de realizar as suas tarefas, para além de existir uma relação de confiança e compromisso entre os encarregados de educação e todos os docentes. Em contrapartida, no 2.º ciclo verificou-se em muitos casos o insuficientemente envolvimento dos encarregados de educação dos alunos na vida escolar dos seus educandos, o que poderia auxiliar na compreensão do pouco envolvimento e na inexistência de motivação e indiferença dos alunos para com as suas obrigações escolares. Da mesma forma, o distanciamento dos pais mantinha-se também na quase inexistente relação e contacto que estes estabeleciam com os professores.

Quanto ao ambiente vivenciado em sala de aula e em toda a escola, no contexto de 1.º ciclo este era bastante afável, agradável e caloroso, dado a grande ligação que existia entre os alunos e a docente e atém mesmo, os alunos entre si. Era por isso visível que as crianças se sentiam bem na escola e motivadas para as aprendizagens. Considero que o facto de os alunos terem sessões quinzenais de competências sociais com uma psicóloga propiciou o desenvolvimento da autonomia, da autoestima e de boas relações entre pares procurando assim, dar resposta aos possíveis conflitos que pudessem existir na turma ou na escola. Desta forma, era evidente o compromisso que a instituição tinha para ir ao encontro das necessidades globais dos alunos, uma vez que eram tidas em contas as componentes intelectuais dos alunos, mas também, as componentes sociais e emocionais.

Opostamente, no 2.º ciclo o ambiente vivido em sala de aula era bastante diferente. Globalmente, os alunos mantinham uma boa relação entre si, contudo o barulho, a indisciplina e a falta de motivação destes era evidente e, por isso, este ambiente não era tão propício a novas aprendizagens como o primeiro. Sempre que os alunos tinham comportamentos incorretos ou até mesmo indisciplinados, estes eram alertados pelos professores para esses mesmos comportamentos e quando a situação se mantinha, estes optavam por pedir ao aluno que se retirasse da sala de aula, pedindo o apoio de uma auxiliar de ação educativa. Outro facto importante de salientar era a relação que a maioria dos professores mantinham que os alunos, que mostrava pouca afetividade para com os mesmos e pouco interesse em saber as principais razões para alguns dos seus comportamentos.

Posto isto, considero que ambas as intervenções foram desafiantes e me permitiram evoluir a nível profissional e pessoal, dado que no 1.º ciclo o principal desafio era motivar ainda mais os alunos para aprenderem e qual o tipo de atividades diferentes que poderiam ser realizadas com os mesmos, uma vez que já estavam habituados a estratégias de ensino e atividades bastante diversificadas. É importante ainda salientar que a gestão do tempo neste contexto era muito liberal, dado que a agenda semanal podia ser gerida em função dos interesses dos alunos, das suas necessidades e dos conteúdos que tinham que ser abordados. No caso da intervenção no 2.º ciclo, o principal desafio foi estabelecer inicialmente uma relação de confiança e de proximidade com os alunos, de modo a que estes se sentissem mais motivados e interessados em realizarem as atividades planeadas e propostas. No entanto, no final desta experiência, os resultados foram bastante satisfatórios, uma vez que os alunos se mostraram emocionados com a saída do par de estágio, pois já existia uma relação afetiva e de alguma cumplicidade, tendo os alunos pedido inclusivamente que o par de estágio os fosse visitar mais tarde.

Após a comparação entre os dois contextos escolares chego à conclusão de que as realidades educativas no nosso país são muito diversificadas e distintas. Uma vez que a minha formação engloba as valências de 1.º e 2.º CEB, julgo que deveria ser possível implementar algumas das práticas e dinâmicas observadas e vivenciadas em contextos de 1.º ciclo, também no 2.º ciclo, sobretudo no que se refere ao desenvolvimento das competências sociais dos alunos. Penso que isto se deve ao facto de estar a comparar um contexto de ensino público com um contexto de ensino privado.

Finalmente e não menos importante, considero que o regime de monodocência permite ao professor estabelecer uma relação mais próxima e afetiva com os alunos, sendo possível também dar continuidade às rotinas criadas a fim de serem observadas as diversas evoluções e conquistas dos alunos. Já o regime de pluridocência, no qual os alunos têm mais professores e passam pouco tempo com cada um deles, influencia a ligação que é criada entre estes, não sendo tão próxima como seria expectável. Também o facto de as áreas do saber estarem compartimentadas, origina a que os docentes estejam direcionados só para alguns conteúdos relacionados com a(s) disciplinas(s) que leciona, não estabelecendo assim uma relação entre as restantes disciplinas. Ao invés do 1.º ciclo,

em que é possível estabelecer uma relação de interdisciplinaridade entre as diversas áreas do saber.

2.3.3. Processos de avaliação e regulação da aprendizagem

A avaliação e regulação das aprendizagens constituem-se como dois dos tópicos mais importantes na vida escolar, não só para os alunos, como também para os professores. De acordo com Arends (2008), o termo avaliação diz respeito a toda a informação que o professor recolhe e organiza acerca dos seus alunos e de todo o trabalho que estes realizam nas suas aulas. Posto isto, privilegiaram-se nos contextos de intervenção pedagógica as seguintes modalidades de avaliação: diagnóstica, formativa e sumativa.

Por avaliação diagnóstica entendem-se os instrumentos a que se recorrem para nortear as futuras aprendizagens dos alunos, servindo como ponto de partida à aquisição de novos conhecimentos. De acordo com o Decreto-Lei n.º 139/2012 de 5 de julho, artigo 24.º "a avaliação diagnóstica realiza-se . . . sempre que seja considerado oportuno, devendo fundamentar estratégias de diferenciação pedagógica, de superação de eventuais dificuldades dos alunos, de facilitação da sua integração escolar e de apoio à orientação escolar e vocacional".

Para Santos et al. (2010), a avaliação formativa encara-se como um processo de constante acompanhamento e regulação do ensino e aprendizagem, sendo o seu principal objetivo auxiliar o professor na compreensão do funcionamento cognitivo dos alunos face a uma situação proposta, intervindo assim de forma adequada. É, por isto, nos momentos de aprendizagem que acontecem diariamente que o professor deve estar alerta para todos os indícios demonstrados pelos alunos, mas também fomentar contextos favoráveis para que a aprendizagem reguladora seja desenvolvida pelo aluno, de forma a que este se torne cada vez mais autónomo.

Por outro lado e na perspetiva de Arends (2008), a avaliação sumativa ocorre quando o docente utiliza todas as informações acerca dos alunos após realizar um conjunto de atividades de instrução, com a finalidade de se obter o desempenho destes e determinar classificações, sendo o instrumento de eleição deste tipo de avaliação as fichas de avaliação dos conteúdos.

Posto isto, em ambas as práticas desenvolvidas, as modalidades de avaliação utilizadas eram formativas e sumativas, sendo que a avaliação diagnóstica foi realizada pelo par de estágio em cada um dos contextos, no início da sua intervenção, com a finalidade de saber quais os conhecimentos que os alunos já detinham e quais as suas dificuldades.

No 1.º ciclo, dava-se muito relevo a todo o percurso desenvolvido pelo aluno até chegar ao momento de avaliação sumativa, que eram as fichas de avaliação, tendo assim predominância a avaliação formativa dos alunos. Como já foi dito anteriormente, neste contexto os encarregados de educação estavam muito presentes na vida escolar e académica dos seus educandos e, por isso, exerciam alguma pressão para que estes obtivessem excelentes resultados nos momentos de avaliação sumativa. Pelo contrário, no 2.º ciclo e como já foi referido anteriormente, grande parte dos alunos que se mostravam constantemente desmotivados e desinteressados em permanecerem na escola e adquirirem novas aprendizagens, obtendo resultados pouco satisfatórios nos momentos de avaliação sumativa, em que realizavam testes de avaliação e questões-aula e, por isso, também não tinham um bom desempenho na sua avaliação formativa, pois não existia um trabalho desenvolvido por estes ao longo de cada período letivo. Julgo que o pouco interesse por parte dos encarregados interferia com a motivação e interesse dos alunos para realizarem todos os trabalhos pedidos pelos professores. Porém, considero que a diferença observada entre os dois contextos poderá estar relacionada com as formas como a avaliação era realizada.

Desta forma, julgo que as modalidades de avaliação sumativa e formativa devem ser privilegiadas no momento de atribuir uma classificação final ao aluno, no entanto, considero que a avaliação das aprendizagens e o desempenho que os alunos vão revelando ao longo do tempo e todo o trabalho realizado, deve ser um fator muito importante a ter em conta por parte dos professores. Finalmente, considero que os professores devem avaliar-se a si próprios de forma autónoma e crítica, pois ao avaliarem os resultados dos alunos estão também a avaliar o desempenho das suas práticas pedagógicas, dado que "os professores não ensinam para avaliar, mas avaliam para ensinar melhor e garantir a qualidade das aprendizagens" (Estanqueiro, 2010, p. 83).

PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO

3. APRESENTAÇÃO DO ESTUDO

De forma a enquadrar a investigação, no presente capítulo, serão dados a conhecer os seguintes subcapítulos: (i) contextualização do estudo, (ii) problemática e questões de investigação e, finalmente, (iii) objetivos do estudo.

3.1. Contextualização do estudo

Tendo por base os estágios de intervenção realizados, tanto no 1.º como no 2.º CEB, o presente estudo tem como principal finalidade analisar a influência de estratégias de ensino sobre os comportamentos de indisciplina e a motivação dos alunos, definida como atenção e concentração, no desempenho das atividades propostas nas aulas. No estágio realizado no 2.º ciclo, foi possível verificar frequentemente que os alunos se sentiam desmotivados e desinteressados em adquirirem novos conhecimentos e realizarem algumas tarefas propostas pelos docentes ou por mim própria. Deste modo, o meu interesse está relacionado com a compreensão dos fatores que podem ter implicações nesta desmotivação. Para além do desinteresse dos alunos, constatei e observei diversos comportamentos de indisciplina, que considero que podem ser consequência da sua desmotivação.

Desta forma, uma vez que não se verificou a ocorrência desta problemática em relação aos alunos do 1.º ciclo, a presente investigação incide na análise do efeito da diversificação de estratégias de ensino e de atividades na ocorrência de incidentes de indisciplina e na motivação dos alunos.

3.2. Problemática e questões de investigação

De acordo com as questões evidenciadas no parágrafo anterior e os diversos momentos observados em contexto de sala de aula, as questões que orientaram este estudo são: (i) "Quais as perspetivas de alunos e professores sobre a indisciplina nas suas aulas?", (ii) "Quais as estratégias que os professores e os alunos consideram ter mais efeito na motivação dos alunos?" e (iii) "Será que quando os professores utilizam estas estratégias existem episódios de indisciplina com menos frequência e os alunos estão mais motivados?".

3.3. Objetivos do estudo

Com base nas questões formuladas no ponto anterior, surgem os objetivos específicos de investigação que se pretendem desenvolver com a realização do presente estudo:

1. Descrever a dinâmica das turmas com enfoque no comportamento dos alunos e na indisciplina.

2. Caraterizar as perspetivas de alunos e de professores sobre a indisciplina.

3. Estudar os efeitos da diversificação de estratégias e de atividades na ocorrência de incidentes de indisciplina e na motivação dos alunos.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Com o objetivo de explicar e aprofundar os conceitos associados às questões-problema e às suas formas de resolução, neste capítulo serão apresentadas as revisões bibliográficas que serviram de suporte para a realização deste estudo.

4.1. A indisciplina

Neste subcapítulo pretende-se caraterizar o que é a indisciplina, em que tipos de comportamentos se pode traduzir e quais os fatores que justificam estes comportamentos por parte dos alunos.

Na perspetiva de Silva, Nossa, Silvério e Ferreira (2008), antes de definir o conceito de indisciplina, importa primeiro definir o conceito de disciplina. Este conceito deriva da palavra discípulo, que significa aquele que não aprende. Assim sendo, a indisciplina na sala de aula refere-se às atitudes e aos comportamentos que nesta ocorrem e que dificultam ou impedem o processo de ensino-aprendizagem.

A indisciplina na sala de aula consiste numa questão complexa, que não se traduz só num problema técnico e científico, mas sobretudo num problema político e educacional com bastante relevância (Lopes, 2013). Da mesma forma Amado (2000), refere que se trata de um fenómeno complexo, que se manifesta de diversas formas e em diferentes graus de intensidade, tendo na sua génese múltiplos fatores de natureza social, familiar, pessoal e escolar.

No entender de Estanqueiro (2010), a indisciplina carateriza-se pelo conjunto de comportamentos dos alunos que perturbam o normal funcionamento das aulas que são muito frequentes e constituem um desafio permanente para os docentes. O autor distingue indisciplina de violência escolar, dado que esta ocorre com menos frequência do que a indisciplina. Os fenómenos de indisciplina e violência escolar atingiram grandes proporções nas últimas décadas, derivado à democratização do ensino e ao aumento da população escolar.

Na perspetiva de Silva (2001), a indisciplina traduz-se na violação de normas previamente estabelecidas, o que prejudica e impede o decorrer do processo de ensino-aprendizagem e as interações na sala de aula e na escola. A autora enfatiza a ideia de que os comportamentos indisciplinados dos alunos têm sido alvo por parte de diversos

estudos, segundo as perspetivas psicológicas, sociológicas e pedagógicas, sendo unânimes quanto à importância de regras que viabilizem a disciplina em sala de aula. A abordagem psicológica, associa a indisciplina aos alunos com necessidades educativas especiais que poderão apresentar perturbações neuróticas ou de personalidade. Já a perspetiva social, compreende os comportamentos indisciplinados dos alunos como resultado das interações existentes em sala de aula, podendo o grupo-turma desencadear esses comportamentos. Por outro lado, a perspetiva pedagógica responsabiliza os docentes pelos acontecimentos de indisciplina, tornando-se relevante a planificação adequada das aulas e a criação de um clima favorável a novas aprendizagens.

É recorrente ouvir docentes queixarem-se de episódios de indisciplina em contexto de sala de aula e como esta afeta o seu normal funcionamento. No entanto, o que poderá ser considerado por um docente como um comportamento de indisciplina, para outro poderá traduzir-se apenas em excesso de energia (Silva, 2001).

Atualmente, tanto os alunos como os seus encarregados de educação, manifestam comportamentos bastante mais agressivos do que as gerações anteriores, tornando-se a escola um reflexo da sociedade. Desta forma, Estanqueiro (2010), destaca quatro fatores que podem propiciar comportamentos de indisciplina: (i) o ambiente familiar, (ii) a origem social dos alunos, (iii) a organização da escola e (iv) as práticas pedagógicas dos professores. No primeiro é enfatizada a ideia de que indisciplina e a violência dependem claramente da experiência relacional que o aluno vivencia na família desde a sua infância, pois um ambiente familiar instável, em que os pais sejam demasiado autoritários, excessivamente permissivos ou ausentes, tem implicações no desenvolvimento pessoal e social dos alunos, devendo existir amor e disciplina no ambiente habitacional. O segundo, refere-se à origem social de que os alunos são provenientes, que na maior parte dos casos são meios socioeconómicos bastante desfavoráveis e de dificuldade na integração escolar e na conquista do sucesso. O terceiro enquadra-se no âmbito da organização da escola, que está estruturada de uma forma burocrática, rígida e seletiva, tendo pouco diversidade no que respeita à sua oferta formativa e à resposta que deve dar a todos os alunos e às necessidades específicas de cada um. Por último, o quarto fator refere-se às práticas pedagógicas utilizadas pelos docentes, uma vez que a indisciplina pode ser um processo, por vezes inconsciente, de contestar a autoridade dos professores, que poderão ser

considerados pelos alunos como incompetentes ou injustos, na sua avaliação ou na gestão das relações interpessoais, não sendo por acaso, que os casos de indisciplina ocorrerem mais numa determinada disciplina, ou com um professor em específico, podendo os docentes diversificar as estratégias de ensino e as atividades, no sentido, de diminuir os episódios de indisciplina.

Posto isto, diversas investigações têm dado relevo às perspetivas dos alunos e aos seus contributos para a compreensão de problemas comportamentais e indisciplinados na sala de aula e na escola, no sentido de melhorar as práticas pedagógicas dos docentes (Silva, 1998). Em conformidade com isto, Jesus (2001) sugere algumas estratégias que o professor deve adotar para diminuir os episódios de indisciplina dos alunos: (i) manter-se sempre calmo, sereno e seguro com o objetivo de influenciar os comportamentos dos alunos; (ii) ser flexível na sua atuação, desde que seja coerente e estável, surpreendendo os alunos com reações positivas; (iii) ser mais tolerante em determinados momentos e evitar confrontos desnecessários com os alunos; (iv) não se distanciar dos alunos indisciplinados; (v) encorajar os alunos quanto aos seus progressos, através de elogios e da enfatização dos aspetos positivos das suas conquistas; (vi) fazer com que os alunos voltem a acreditar que podem vir a alcançar resultados escolares positivos; (vii) delegar funções a um dos líderes da turma, responsabilizando-o pelo gestão dos comportamentos dos colegas; (viii) separar os alunos que perturbam o normal funcionamento das aulas; (ix) repreender os alunos de forma a que os colegas não se apercebam e apenas quando seja efetivamente necessário; (x) identificar os casos de alunos com problemas familiares e tentar apresentar soluções para essas situações e (xi) responsabilizar os alunos a corrigirem os seus comportamentos, levando-os a desenvolver comportamentos de autodisciplina.

De acordo com Estanqueiro (2010), a indisciplina na sala de aula prejudica o ambiente de ensino-aprendizagem, fazendo com que se perca tempo e energias, para além de ser uma das principais causas de mal-estar na profissão docente, podendo levar os profissionais ao esgotamento físico e emocional. Grande parte dos professores alega a crise de valores, a influência negativa dos meios de comunicação social, as más políticas educativas, a falta de compromisso por parte das famílias e a falta de liderança dos diretores das instituições de ensino, como principais fatores responsáveis pela indisciplina

e violência nas escolas. No entanto, o autor considera que muitos dos docentes deveriam assumir a sua dose de responsabilidade, principalmente no que se refere à prevenção de comportamentos de indisciplina, dado que, os docentes conquistam o respeito dos alunos através da sua competência científica e pedagógica.

Finalmente, Amado e Freire (2014), categorizam a indisciplina através de três níveis distintos. O primeiro nível de indisciplina abrange as infrações às regras de trabalho e de produções centradas na sala de aula, sendo postas em causa as regras estabelecidas para os diversos momentos que desta fazem parte. Já o segundo nível põe em causa as relações entre os pares, desconsiderando valores como o respeito mútuo, a amizade, a solidariedade e a colaboração. Finalmente, o terceiro nível traduz-se no confronto direto do aluno com a autoridade exercida pelo docente, manifestando-se em insultos, obscenidades, desobediência, chamadas de atenção, castigos e num quadro com mais gravidade, agressividade contra docentes e funcionários e, inclusivamente, contra a propriedade dos mesmos e da escola.

4.2. A importância da motivação escolar

Atualmente a motivação escolar constitui uma área de investigação que, na opinião de Gutiérrez (citado por Ribeiro, 2011) permite explicar, prever e orientar todos os comportamentos dos alunos em contexto escolar. Neste sentido, a motivação académica tem um papel preponderante nos processos de ensino-aprendizagem, tendo também, uma função ativadora e catalisadora no que respeita a comportamentos, permitindo que o aluno se envolva de uma forma mais profunda e empenhada na construção das suas próprias aprendizagens (Veríssimo, 2014).

De acordo com Veríssimo (op. cit.), revela-se fundamental que os alunos se encontrem motivados, pois só assim poderão ter iniciativa, enfrentar desafios, recorrer a estratégias mais eficazes e diversificadas de resolução de problemas, manifestar curiosidade, entusiasmo e interesse, de forma a sentirem-se mais eficientes, utilizando estratégias cognitivas e metacognitivas, aprendendo assim mais e de forma mais profunda, tornando o seu percurso escolar mais duradouro. Importa, por isto, compreender a origem da desmotivação dos alunos, que se pode traduzir em duas situações: a primeira relaciona-se com a inadequação dos métodos de ensino utilizados

pelos docentes e a segunda com o facto de os alunos não demonstrarem vontade em aprender (Duque, Marques, Santiago e Neves, 2016). Para os mesmos autores, são enfatizados alguns fatores que poderão contribuir para a desmotivação dos alunos, como por exemplo, a falta de vontade para estudar, o aborrecimento crónico, a apatia escolar, a ausência de expectativas de êxito e a diminuição da própria autoestima.

Constata-se ainda, que a desmotivação ou falta de motivação, advém da distração e falta de atenção e se carateriza como uma fonte de indisciplina e insucesso escolar, sendo este um dos maiores desafios para os professores, pois ensinar a quem não quer aprender é como lançar sementes em terreno pedregoso, não dando frutos (Estanqueiro, 2010).

Deste modo, os autores Duque, Marques, Santiago e Neves (2016), aludem a teorias sociocognitivas para a aprendizagem, distinguindo a motivação de duas formas: motivação intrínseca e motivação extrínseca.

A motivação intrínseca, aplica-se em casos em que o aluno se mostra intrinsecamente motivado, sentindo prazer e satisfação ao realizar e se envolver numa tarefa ou atividade (Duque et al., op. cit.). Torna-se claro que a motivação intrínseca corresponde a situações em que o aluno não receberá qualquer recompensa pelo trabalho que está a desempenhar, tornando-se as tarefas satisfatórias por si só (Ribeiro, 2011). De acordo com a mesma autora, os alunos que estabelecem metas de aprendizagem envolvem-se mais facilmente no processo de ensino-aprendizagem, adquirindo conhecimentos e desenvolvendo diversas competências, em que a sua principal preocupação é a demonstração dos seus níveis de competência e rendimento. Deste modo, está em causa o controlo dos comportamentos dos alunos, dos seus próprios interesses e das suas disposições.

De forma contrária, a motivação extrínseca evidencia-se quando um aluno realiza atividades com a finalidade de obter recompensas, quer sejam externas, sociais ou materiais, uma vez que se preocupa com a opinião de outros e desempenha as tarefas com o objetivo de agradar os familiares e os professores, receber elogios e evitar punições (Duque et al., op. cit.). Também na opinião de Ribeiro (op. cit.), na motivação extrínseca os comportamentos dos alunos são influenciados pelo meio exterior, na qual os fatores motivacionais não são inerentes ao sujeito ou ao tipo de tarefa que é proposta, mas sim, ao resultado da interação entre ambos. Segundo Tapia (citado por Ribeiro, 2011), um

aluno extrinsecamente motivado está preocupado em obter metas externas, preocupando-se sobretudo com a sua imagem e na obtenção de bons resultados nos momentos de avaliações.

Posto isto, importa perceber a importância da motivação dos alunos em contexto de sala de aula. No entender de Ribeiro (2011.), para que este processo ocorra é necessário que os alunos tenham como principal objetivo o domínio dos conteúdos que estão a ser desenvolvidos e não apenas a conclusão das tarefas ou a obtenção de uma nota suficiente para progredir de ano. Os alunos predispostos para novas aprendizagens demonstram empenho, interesse e investimento em energia psíquica no que se refere a atividades/tarefas que envolvam o seu esforço mental. Esta postura deve ser reforçada pelo professor, que deverá desenvolver e implementar estratégias cognitivas e metacognitivas. A autora, reforça ainda a ideia de que as dimensões cognitiva e afetiva devem estar intimamente relacionadas na aquisição de conhecimentos, dado que a tomada de consciência da natureza do saber e do facto de cada aluno ser detentor de um potencial que favorece as aprendizagens, pode aumentar com o envolvimento da sua personalidade e promover nos alunos atitudes como a autoconfiança e a valorização de si próprios, necessárias a qualquer desenvolvimento e aprendizagem. Contudo, os docentes não podem considerar que seja expectável que os seus alunos se sintam, de forma permanente, intrinsecamente motivados para a realização de todas as tarefas que propõem, sendo por isso fundamental que, ainda assim, executem as tarefas propostas, encontrando estratégias que suportem o seu comportamento.

Finalmente, no que respeita à operacionalização e medição deste conceito, as autoras Siqueira e Wechsler (2006), referem que a motivação pode ser avaliada através das seguintes técnicas de recolha de dados: observação direta dos comportamentos, entrevistas aos docentes acerca dos aspetos que podem interferir com a motivação dos alunos e questionários por inquérito aplicados aos alunos. As autoras destacam ainda a importância de compreender e avaliar de forma precisa os aspetos essenciais que motivam os alunos, pois só assim, se torna possível a implementação de estratégias de ensino que incentivem a motivação e o gosto nos alunos para adquirirem novas aprendizagens.

4.3. Estratégias eficazes para motivar os alunos

De forma a motivar os alunos para novas aprendizagens, na perspetiva de Veríssimo (2014), torna-se fundamental discutir estratégias práticas, eficazes e realistas, que se adaptem aos contextos, às necessidades específicas de cada aluno e dos professores, ao ano de escolaridade e ao conteúdo ou área curricular em questão. Assim, a mesma autora faz questão de esclarecer alguns pressupostos que permitirão a operacionalização das estratégias, sendo estes: (i) a motivação pode sofrer variações, dado que os alunos não se mantêm interessados da mesma forma, por todos os conteúdos programáticos e todos os dias; (ii) a motivação é determinada por diversos fatores, não sendo o professor o principal responsável pela mesma, apesar de ser um dos agentes educativos que tem maior impacto na sua promoção; (iii) o professor é um modelo motivacional, pois a observação de modelos é determinante no processo de ensino-aprendizagem, não deixando de ser imprescindível que também este se sinta motivado para poder transmitir essa motivação aos alunos; (iv) a motivação operacionaliza-se quando existe uma relação pedagógica estruturada, com base na definição de regras firmes e claras, no que se refere aos comportamentos e ao trabalho, na gestão eficaz da sala de aula, que irá atribuir ao professor maior legitimidade e credibilidade perante os alunos; e por fim, (v) importa compreender em primeira instância a razão ou as razões para os alunos estarem desmotivados.

Neste seguimento Veríssimo (2014), refere que existem três fatores que estão na origem da desmotivação dos alunos. O primeiro, está relacionado com a dificuldade que os alunos têm em aprender, resultante do insucesso, das diversas dificuldades e de frustrações contínuas. O segundo, deve-se ao facto de os alunos considerarem que não é importante aprender, pois não compreendem a aplicabilidade dos conteúdos ou das tarefas que lhes são propostas e tendem a desmotivar-se rapidamente. No que respeita ao terceiro fator, os alunos não sentem satisfação ao realizarem as atividades propostas, tornando-se estas maçadoras, repetitivas e pouco estimulantes, sendo por isto importante que se relacionem e implementem estratégias e atividades apelativas para os mesmos.

Em conformidade com isto, a mesma autora associa as estratégias pedagógicas aos fatores acima apresentados. Deste modo, o primeiro fator considera a desmotivação como uma consequência da dificuldade em adquirir novas aprendizagens, sendo que as

estratégia sugeridas são: (i) a construção de relações sólidas e interpessoais entre os alunos e os professores; (ii) o feedback claro e detalhado acerca dos aspetos a melhorar, corrigir e desenvolver, devendo este fornecer aos alunos pistas ou soluções de como atingir esta melhoria; (iii) a possibilidade de propor aos alunos tarefas desafiantes e que lhes permitam experienciar o sucesso, estimulando a sua autoconfiança, sendo que para tal o professor deve ajustar estrategicamente as tarefas de acordo com as atuais capacidades dos alunos, pois ao ter sucesso, os alunos sentem que conseguem realizar as tarefas e quanto maior for o número de tarefas que realizam, mais aumentam os índices motivacionais; (iv) permitir aos alunos que consigam gerir as suas aprendizagens, tornando-os responsáveis pelas mesmas, sendo crucial que se promova continuamente a autorregulação da aprendizagem naturalmente necessária ao processo de ensino-aprendizagem, em que devem ser criadas situações nas quais o aluno possa decidir o que quer fazer na sala de aula, evitando assim situações em que o processo de ensino-aprendizagem é exclusivamente dirigido e da responsabilidade do professor; (v) reconhecer as emoções negativas que advêm das dificuldades dos alunos em contexto escolar, devendo o docente ser um agente positivista nestes momentos; (vi) atribuir mais importância ao esforço evidenciado pelos alunos do que propriamente aos resultados que estes obtêm; (vii) evitar a comparação de alunos com dificuldades de aprendizagem em relação aos seus pares e (viii) evitar que os alunos se sintam desmotivados para as aprendizagens. No que respeita ao segundo fator, a desmotivação advém da aplicabilidade das tarefas ou conteúdos programáticos, que para os alunos se tornam irrelevantes. As estratégias sugeridas para este fator de desmotivação são: (i) fornecer tarefas, materiais e atividades que permitam aos alunos sentir que estão a realizar um trabalho relevante e útil; (ii) relacionar os conteúdos programáticos com situações problemáticas e que fazem parte da vida dos alunos; (iii) atribuir significado ao discurso utilizado em sala, fornecendo exemplos de situações reais e concretas; (iv) estimular a autonomia e a proatividade dos alunos, de forma a reduzir a sua passividade em sala de aula; (v) estimular a definição de objetivos eficazes e alcançáveis com os alunos; (vi) fazer projeções do futuro dos alunos e, finalmente, (vii) estabelecer uma relação de comunicação frequente com o conselho de turma e com os encarregados de educação. Por fim, no que respeito ao último fator, a desmotivação pode ser consequência da ausência

de desafio e interesse para os alunos, sendo que as estratégias pedagógicas sugeridas são: (i) motivar os alunos a encarar a escola como um contexto privilegiado; (ii) criar ambientes de aprendizagem estimuladores que permitam aos alunos a sensação de bem-estar e de positivismo; (iii) estabelecer relações pedagógicas em que os alunos sintam que o professor respeita as suas individualidades; (iv) estimular a criatividade dos alunos; (v) introduzir atividades, tarefas e materiais inovadores e apelativos para os alunos; (vi) promover um ambiente cooperativo e colaborativo em contexto de sala de aula; (vii) demonstrar interesse e envolvimento nas próprias atividades que o professor propõe e, (viii) enfatizar a ideia, junto dos alunos, de que nem todas as tarefas escolares são prazerosas e agradáveis.

5. METODOLOGIA

Neste capítulo pretende dar-se a conhecer a metodologia em que se baseou este estudo, a caraterização do contexto e dos respetivos participantes, os métodos e técnicas de recolha de dados, a análises dos dados, assim como, os princípios éticos que nortearam o processo de investigação.

Por metodologia, entende-se um ramo do saber que estuda os métodos científicos, mas também, as técnicas de investigação e uma certa proximidade com a epistemologia (Pardal & Lopes, 2011).

O presente estudo é de natureza qualitativa, dado que privilegia na análise o caso singular e operações que não implicam quantificação e medida (Pardal & Lopes, 2011).

5.1. Caraterização do contexto e dos participantes

Tal como já foi referido em capítulos anteriores, fizeram parte da amostra deste estudo duas turmas do 6.º ano de escolaridade e duas docentes cooperantes responsáveis pela lecionação das disciplinas de Matemática e Ciências Naturais, inerentes ao estágio pedagógico no 2.º ciclo. Com a finalidade de manter o anonimato das docentes cooperantes, passarei a denominá-las por (MB) e (SS), sendo que no caso das turmas continuarei a denominá-las como (turma 1) e (turma 2).

Posto isto, a turma 1 era constituída por vinte e dois alunos e a turma 2 era composta por vinte alunos, sendo que nas entrevistas realizadas aos alunos apenas participaram 4 alunos da primeira turma e 5 alunos da segunda turma.

Os critérios de escolha dos alunos que participaram na investigação, neste caso da amostra, foi feita de forma intencional, dado que detinha um conhecimento profundo dos alunos e, por isso, dei preferência aos alunos que apresentavam graus de motivação e comportamentos de indisciplina bastante díspares, escolhendo assim alunos que não eram indisciplinados e que estavam motivados, bem como, alunos que provocavam episódios de indisciplina e que não estavam motivados para as aprendizagens.

Por isto, a amostra intencional é escolhida pelo investigador, pressupondo algum conhecimento sobre o universo e muita intuição, constituindo-se assim um recurso de excelência, que tem como principal objetivo a preocupação, a captação e compreensão dos significados em contextos específicos, em que se insere, mais especificamente a

amostra variada, que se centra na diversidade para a captação de diferenças e de coincidências (Pardal & Lopes, 2011).

5.2. Métodos e técnicas de recolha de dados

Segundo Bogdan e Biklen (1994), num estudo desta natureza a fonte de dados é o ambiente, sendo que o investigador se constitui como o instrumento principal e que atribui especial importância ao processo, em detrimento dos resultados. No que se refere à recolha dos dados, estes são descritivos, uma vez que são apresentados sob a forma de palavras ou imagens.

Numa primeira instância privilegiou-se a recolha de dados com base na observação direta do contexto de 2.º CEB, tendo sido realizadas, posteriormente, entrevistas semiestruturadas com base nos guiões orientadores elaborados previamente, incidindo uma delas na entrevista realizada aos alunos (Anexo D) e a outra na entrevista realizada às docentes cooperantes (Anexo E). Para além destas técnicas de recolha de dados, recorreu-se a um questionário de inquérito (Anexo F), que foi aplicado a todos os alunos de ambas as turmas, aquando do final do estágio de intervenção, com a finalidade de saber quais estratégias e atividades utilizadas pelo par de estágio, que os alunos mais gostaram e os motivaram.

De forma a ir ao encontro do primeiro objetivo, "Descrever a dinâmica das turmas com enfoque no comportamento dos alunos e na indisciplina" e serem recolhidos os dados necessários, privilegiaram-se a observação direta e as respostas obtidas nas entrevistas realizadas aos alunos. Quanto ao segundo objetivo, "Caraterizar as perspetivas de alunos e professores sobre a indisciplina", recorreram-se às respostas obtidas nas entrevistas feitas aos alunos e às docentes cooperantes. Por último, no terceiro objetivo, "Estudar os efeitos da diversificação de estratégias e de atividades na ocorrência de incidentes de indisciplina e na motivação dos alunos", tiveram-se em conta algumas das respostas obtidas no questionário por inquérito e nas entrevistas realizadas aos alunos.

A primeira técnica de recolha de dados utilizada, a observação direta, abrange "a identificação de problemas, o entendimento de conceitos, bem como a análise de relações em aplicações de esquemas de diferenciação dos mesmos" (Mónico, Alferes, Castro & Parreira, 2017, p. 724). Em sintonia com isto, para Pardal e Lopes (2011), não existe

ciência sem observação, nem estudo científico sem um observador. Deste modo, destaca-se a importância desta técnica de recolha de dados, que teve a duração de cerca de nove semanas, tendo sido duas semanas dedicas exclusivamente à observação e nas restantes sete decorreu a intervenção pedagógica, em que os registos foram realizados através de notas de campo. Deste modo, durante este período foi possível observar e compreender quais os alunos que detinham mais dificuldades e aqueles que apresentavam comportamentos indisciplinados. Nesta perspetiva, para poder intervir no contexto de forma fundamentada, o professor deverá saber observar e problematizar, interrogando a realidade e construindo hipóteses explicativas (Estrela, 2008).

Quanto à segunda técnica de recolha de dados, a entrevista é uma das técnicas mais privilegiadas pelos investigadores em ciências socias, que implica um processo de comunicação entre o entrevistador e o(s) entrevistado(s), podendo influenciar-se mutuamente no sentido positivo ou negativo (Aires, 2015; Pardal & Lopes, 2011). Desta forma, as entrevistas foram realizadas com dois grupos de alunos e com as docentes cooperantes, com base em guiões de entrevista semiestruturados, que atribui um caráter informal à mesma. Não esquecendo o guião, "a interação do entrevistador tem como finalidade encaminhar a comunicação para os objetivos da entrevista, sempre que o discurso se desvie das intenções da investigação – suscitando o aprofundamento da informação requerida – de elementos compreensivos que, naturalmente, o entrevistado deixa escapar (Pardal & Lopes, 2011, p. 87). Neste sentido, os guiões orientadores das entrevistas realizadas aos alunos e às docentes cooperantes foram elaborados de acordo com as questões-problema, evidenciadas no capítulo anterior e com a finalidade de encontrar respostas que satisfizessem os objetivos desta investigação.

Finalmente, o questionário carateriza-se por ser um instrumento de recolha de informação, que é preenchido pelo informante e que se constitui como uma das técnicas de recolha de dados mais utilizadas (Pardal & Lopes, 2011). O questionário por inquérito define-se pelo estudo de um tema realizado junto de uma população, no qual a amostra se determina com o objetivo de determinar certos parâmetros (Ketele & Roegiers, 1999). Este questionário foi elaborado com o auxílio de um dos docentes supervisores da Escola Superior de Educação de Lisboa, antes do término do estágio de intervenção, tendo sido aplicado a todos os alunos das duas turmas do 6.º ano de escolaridade.

5.3. Análise dos dados

Para a análise dos dados obtidos nas entrevistas, privilegiou-se a técnica de análise de conteúdo que "assenta na desocultação metódica e criteriosa de "detalhes", linguísticos ou visuais (…), para uma compreensão mais aprofundada da comunicação e, simultaneamente, fidedigna" (Pardal & Lopes, 2011, p. 93).

Deste modo, após a realização das entrevistas a todos os elementos que constituíram a amostra, procedeu-se à transcrição das entrevistas realizadas à turma 1 (Anexo G) e à turma 2 (Anexo H), bem como, à docente cooperante MB (Anexo I) e à professora cooperante SS (Anexo J) e, posteriormente, à elaboração da análise de conteúdo de cada uma das entrevistas. Esta técnica de análise dos dados permite o confronto e a comparação de diversas narrativas, para além de permitir a representação dos conteúdos ou elementos das mensagens, de uma forma rigorosa e objetiva, através da sua codificação por categorias e subcategorias, a perceção do seu sentido pleno. Trata-se por isto, de uma técnica que permite a realização de inferências interpretativas, com base em conteúdos expressos que depois de serem categorizados serão explicados e compreendidos (Amado, 2014). Considera-se assim que esta técnica é "um método muito empírico, dependente do tipo de "fala" a que se dedica e do tipo de intervenção que se pretende com o objetivo" (Bardin, 2004, p. 26).

Para além da técnica referida anteriormente, procedeu-se também ao tratamento de alguns dos resultados obtidos no âmbito de um questionário aplicado aos alunos no final da intervenção em 2.º CEB, que tinha como principal objetivo conhecer as estratégias que os alunos privilegiavam para aprenderem nas disciplinas de Matemática e Ciências Naturais. Deste modo, as estratégias identificadas foram qualificadas em função de uma escala de likert e os resultados representados na forma de gráficos de barras.

5.4. Princípios éticos do processo de investigação

Aquando da realização de uma investigação, devem ter-se em conta alguns princípios éticos que visam a confidencialidade e preservação da identidade dos alunos e da instituição em que ocorreu o estudo. A fim de ter em conta estes princípios, procedeu-se à consulta da Carta Ética da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação da autoria

de Baptista (2014), que se traduz num conjunto sistematizado de orientações essenciais para a investigação, reflexão e ação profissional.

Neste sentido, a presente investigação teve em consideração os seguintes princípios éticos: (i) o dever de informar os participantes sobre a investigação que vai ser desenvolvida e a obtenção do seu consentimento para participarem; (ii) a proteção dos inquiridos que constituem a amostra do estudo contra eventuais danos ou prejuízos que advenham dos resultados da investigação; (iii) a solicitação e a autorização dos inquiridos para a divulgação dos dados; (iv) a garantia dada aos inquiridos no que respeita à confidencialidade e ao anonimato dos dados; (v) facultar a possibilidade aos inquiridos de desistirem a qualquer momento do processo de investigação e, por fim, (vi) informar os inquiridos sobre a divulgação dos resultados.

6. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo serão apresentados os resultados que resultaram desta investigação, através de três subcapítulos, que pretendem atribuir respostas aos objetivos delineados anteriormente.

6.1. Dinâmica das turmas com enfoque no comportamento dos alunos e na indisciplina

De forma a ir ao encontro deste objetivo, tiveram-se em conta a observação direta efetuada durante a realização do estágio e a análise e comparação das respostas dos alunos da turma 1 (Anexo K) e da turma 2 (Anexo L) explicitadas nas análises de conteúdo das duas entrevistas.

No que se refere à caraterização da turma 1 e comportamentos de indisciplina da mesma, segundo o que foi possível observar durante o período de estágio, globalmente os alunos detinham bastantes capacidades cognitivas, tendo facilidade em adquirir novas aprendizagens. Ao serem abordados novos conteúdos com os alunos, era evidente a motivação e entusiamo de grande parte deles, assim como, a vontade em ter uma participação ativa nas aulas. Quanto aos comportamentos evidenciados pela turma, estes eram bastante heterogéneos, dado que a maioria dos alunos respeitava as regras de funcionamento da sala de aula, realizava as tarefas propostas, interessava-se em adquirir novos conhecimentos e competências, sendo que os restantes alunos, muitas das vezes perturbavam o normal funcionamento das aulas, pois faziam bastante barulho, não cumpriam as regras necessárias para permanecerem na sala de aula, desrespeitavam os colegas e as docentes, agrediam psicológica e verbalmente os colegas, eram violentos e, por vezes, eram também mal-educados para com as docentes.

Com base na análise das respostas dadas pelos alunos quanto à temática da caraterização da turma, estes consideraram que o grupo é constituído por alunos geralmente inteligentes, em que alguns eram mais inteligentes do que os outros. Para além disto, os entrevistados referiram que a turma é unida, dado que existia uma relação de amizade entre os seus membros. No que respeita aos comportamentos de indisciplina manifestados pelos alunos, estes consideram que: o comportamento de um ou mais alunos

prejudicam a restante turma, pois "R: A turma fica destabilizada por causa de alguns colegas, que começam a falar e depois todos vão atrás."; a turma nem sempre era indisciplinada, pois em alguns momentos tinha um comportamento exemplar e noutros existiam comportamentos de indisciplina; os episódios de indisciplina estavam associados a alguns elementos da turma em específico, não sendo todos os alunos indisciplinados; os alunos com comportamentos indisciplinados não assumem que são indisciplinados; os tipos de comportamentos indisciplinados dos alunos são diversos, em que estão englobados o mau comportamento, a falta de atenção nas aulas e nos trabalhos que são solicitados pelos docentes, a falta de respeito para com os professores, não realizar os trabalhos para casa que estes solicitam, serem agressivos com os colegas e os docentes e praticarem bullying contra os colegas.

Relativamente à turma 2, com base na observação direta, esta era uma turma que apesar de não apresentar comportamentos de indisciplina muito frequentes e com gravidade, mostrava-se muito pouco interessada e motivada em realizar as atividades propostas pelas docentes, sendo esta uma causa para os resultados dos alunos serem fracos ou pouco satisfatórios. Quando eram propostas tarefas ou atividades aos alunos era notório o seu desinteresse em realizá-las, tal como, quando as docentes diversificavam as estratégias de ensino, no início os alunos mostravam-se motivados e empenhados, contudo, rapidamente perdiam o interesse na tarefa que estavam a realizar.

Através da análise de conteúdo à entrevista realizada a alguns membros desta turma, foi possível averiguar que "D: A turma é malcomportada, porque somos muito agitados, mais numas disciplinas.", sendo que exagera nos comportamentos, portando-se consoante os seus interesses, diferindo os comportamentos drasticamente. Não obstante a isto, apenas uma das entrevistadas referiu gostar da sua turma. Em relação aos tipos de comportamentos de indisciplina destacados pelos alunos, estes referiram que a indisciplina é: faltar ao respeito para com os professores, não realizando as tarefas que estes solicitam; a conversa excessiva por parte dos alunos, dado que interrompiam os professores e falavam sem terem permissão e os alunos portarem-se mal e estarem desatentos ao que os professores dizem.

Finalmente, as estratégias que os alunos elencaram serem mais eficazes para aprenderem em ambas as disciplinas, são as seguintes: (i) promover o trabalho de grupo

em sala de aula; (ii) realizar, com mais frequência, aulas que envolvam o trabalho prático; (iii) reproduzir música com o volume moderado, durante as aulas ou em momentos de avaliação; (iv) utilizar materiais lúdico-didáticos para manipulação; (v) existir mais do que um professor da mesma área curricular na sala de aula, (vi) realizar visitas de estudo com frequência; (vii) solicitar que os alunos elaborem mais registos escritos nos seus cadernos; (viii) solicitar que os alunos façam mais apresentações orais; (ix) dar continuidade à rotina do número do dia e (x) fazer trabalhos de casa que apresentem mais desafio aos alunos.

6.2. Perspetivas de alunos e professores sobre a indisciplina

Com base no que foi descrito anteriormente, foi possível aferir que os alunos, de ambas as turmas, estavam conscientes dos comportamentos de indisciplina existentes nas mesmas, tendo também a noção de quais os comportamentos com mais ou menos gravidade. Outro aspeto evidenciado pelos alunos foi a definição abrangente que têm do conceito de indisciplina, pois é: terem maus comportamentos, desrespeitarem as regras da sala de aula, faltarem ao respeito e serem agressivos com os professores e com os colegas, não demonstrarem interesse nas atividades ou tarefas propostas pelos docentes e não prestarem atenção ao que os docentes dizem ou solicitam.

Após conhecer as perspetivas dos alunos acerca da indisciplina, importa agora analisar as respostas das docentes face aos comportamentos de indisciplina.

No que se refere aos comportamentos das turmas, a análise de conteúdo à entrevista da professora MB (Anexo M), permitiu concluir que a docente considerava que a turma 1 era bem-comportada, apesar de destacar um pequeno grupo de 3 ou 4 elementos mais problemáticos e de se verificarem alguns incidentes de indisciplina, como a má educação, os alunos falarem entre si e não acatarem ordens. Por outro lado, a docente mencionou a turma 2 como um grupo pequeno, indisciplinado e muito conversador, sendo que os alunos apresentavam algumas dificuldades de aprendizagem e os seus resultados eram insatisfatórios. Quanto à indisciplina em sala de aula, a professora considera que se evidência de diversas formas, entre estas: a falta de educação por parte dos alunos; as ameaças verbais e físicas contra colegas e professores; o não cumprimento das regras definidas para o normal funcionamento da sala de aula, os alunos levantarem-se do lugar

sem a autorização das docentes; os alunos estarem constantemente na conversa e não cumprirem aquilo que os docentes pedem.

Relativamente aos comportamentos das turmas, na análise de conteúdo resultante da entrevista à professora SS (Anexo N), esta explicitou que a turma 1, na globalidade, não era indisciplinada uma vez que os resultados são satisfatórios, apesar de existir um pequeno grupo que destabilizava o normal funcionamento das aulas, no entanto quando a docente diversificava as estratégias, este grupo de alunos realizava as tarefas propostas. Em relação à turma 2, a docente destaca que a turma tinha poucos elementos, que apresentavam algumas limitações, eram conversadores, não era um grupo indisciplinado e que apesar de esta tentar colmatar as dificuldades evidenciadas "(…) eles nunca conseguem mostrar interesse, pois estão sempre a reclamar e sempre desinteressados para realizar alguma tarefa".

6.3. Efeitos da diversificação de estratégias e de atividades na ocorrência de incidentes de indisciplina e na motivação dos alunos

Para verificar se este objetivo foi cumprido, tiveram-se em conta as respostas dadas pelos alunos no questionário por inquérito e nas entrevistas, da qual resultou a análise de conteúdo.

No questionário por inquérito de avaliação das estratégias que os alunos consideram serem mais eficazes, participaram 42 alunos de ambas as turmas de 2.º ciclo. Através de algumas das questões nele contidas, pretendeu-se conhecer as opiniões dos inquiridos acerca das estratégias utilizadas pelo par de estágio durante a prática pedagógica, tanto na disciplina de Matemática, como na disciplina de Ciências Naturais.

No que se refere à área curricular de Matemática, uma das questões e consequentes respostas, utilizadas para este estudo foram a questão 1 "Numa escala de 1 a 4 indica o que mais gostaste de fazer nas nossas aulas de Matemática" em que se apresentavam as diversas modalidade de trabalho utilizadas pelo par de estágio. Assim, com base na análise do gráfico a seguir apresentado, que ilustra as diversas estratégias adotadas pelo par de estágio para dinamizar estas aulas, aferiu-se que, na sua globalidade, os alunos gostaram de realizar as atividades propostas pelo par de intervenção, destacando-se a

rotina do número do dia[2] como a atividade que os alunos das duas turmas mais gostaram de realizar. Foi possível ainda concluir que o número de alunos que responderam "não gostei nada" ou "gostei pouco" foi diminuto em todas as afirmações.

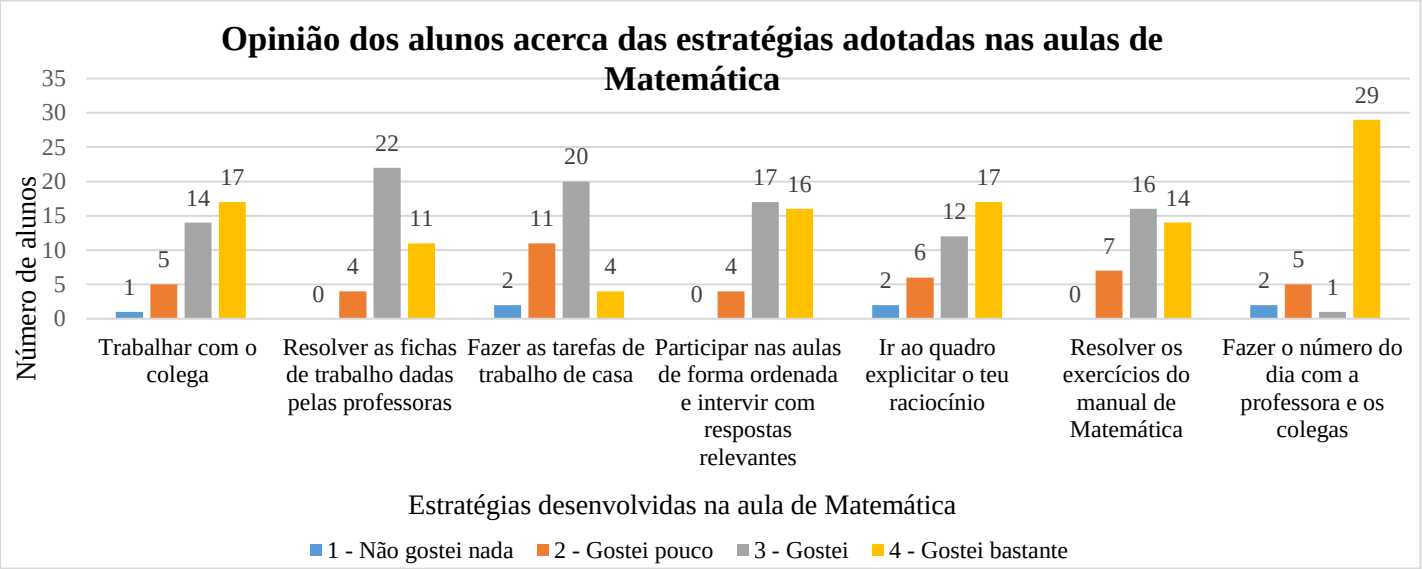


Figura 1 – Opinião dos alunos acerca das estratégias adotadas nas aulas de Matemática. Dados recolhidos em questionário aplicado aos alunos de 6º ano do 2.º CEB, 2019.

Ainda no que respeita à área curricular de Matemática, a outra questão utilizada foi "Na disciplina de Matemática, aprendo melhor…", em que era solicitado aos alunos que selecionassem as opções que identificavam as estratégias mais eficazes para que compreendessem os conteúdos inerentes a esta disciplina. Assim, através da sua análise, foi possível chegar à conclusão de que a grande maioria dos alunos aprenderam melhor ouvindo a professora a abordar os conteúdos, bem como, a realizar fichas de trabalho. Não obstante a isto, responderam ainda que ao exporem as suas dúvidas e tendo uma explicação das mesmas por parte da docente era, também, uma excelente forma de aprenderem. Deste modo, foi percetível que os alunos compreenderam bem os tópicos matemáticos quando a professora os explicava no quadro, tendo esta explicação a colaboração da turma. É ainda importante referir que uma minoria dos alunos declarou que aprende com os colegas, quando expõe uma dúvida, no entanto, e aquando do trabalho

[2] Esta rotina encontra-se ilustrada no capítulo dos Anexos, mais especificamente no Anexo O.

em grupo o par de estágio percebeu que ao longo do período de intervenção os alunos cooperavam cada vez melhor e mais uns com os outros. Este resultado diminuto pode dever-se ao facto de os alunos não estarem habituados a trabalhar em grupo, tal como, em confrontar as suas opiniões com os outros, o que os pode conduzir a uma resposta desta ordem.

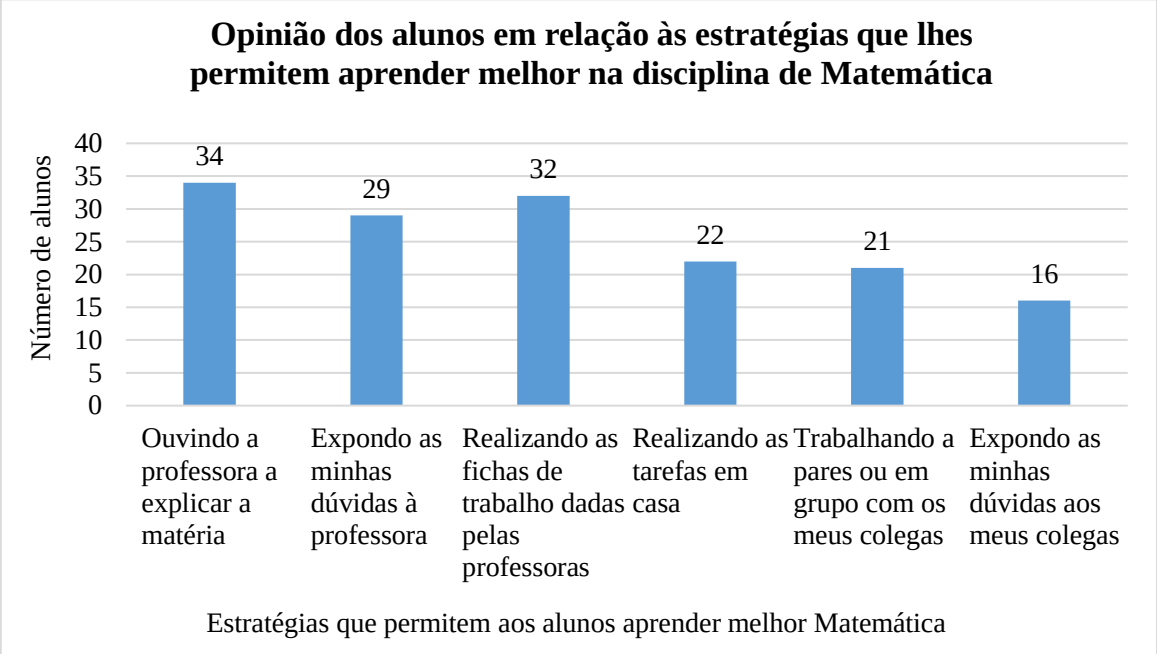


Figura 2 – Opinião dos alunos acerca das estratégias que lhes permitem adquirir efetivamente novas aprendizagens na disciplina de Matemática. Dados recolhidos em questionário aplicado aos alunos de 6º ano.

Relativamente à disciplina de Ciências Naturais, foram utilizadas também duas questões englobadas no questionário que são semelhantes às questões apresentadas anteriormente, mas que respeitam a esta disciplina. Deste modo, a terceira questão "Numa escala de 1 a 4 indica o que mais gostaste de fazer nas nossas aulas de Ciências Naturais", tinha como principal finalidade conhecer a opinião dos alunos acerca das estratégias adotadas pelo par de estágio na disciplina de Ciências Naturais. Através da sua observação, é possível aferir que estas estratégias agradaram bastante os alunos, salientando-se: o trabalho de grupo, que consistiu na elaboração de um recurso em cartolina sobre as doenças cardiovasculares e que a maior parte dos alunos gostou muito de o realizar; a aula em que foi dissecado um coração de porco, na qual os alunos mostraram bastante entusiamo e motivação. Assim, conclui-se que as estratégias que os

alunos preferiram foram a metodologia de trabalho em grupo, bem como, o trabalho experimental como estratégia de aprendizagem nas aulas de Ciências Naturais. Para além disto, em todas as outras estratégias adotadas, os alunos também demonstraram contentamento, tendo sido as aulas de Ciências Naturais bem conseguidas, uma vez que os alunos estavam motivados para as aprendizagens, assim como, foi possível a compreensão dos alunos no que se refere aos conceitos envolvidos.

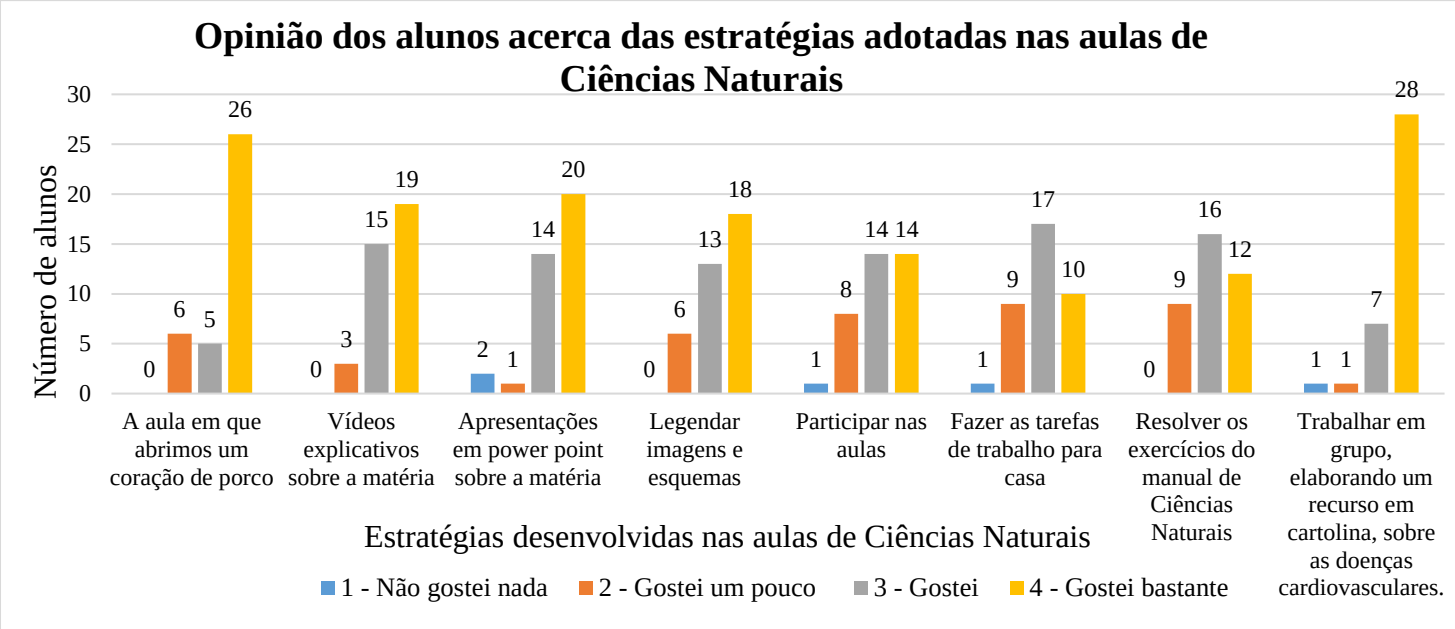


Figura 3 – Opinião dos alunos acerca das estratégias adotadas nas aulas de Ciências Naturais. Dados recolhidos em questionário aplicado aos alunos de 6º ano.

Finalmente, a quarta questão "Na disciplina de Ciências Naturais, aprendo melhor…" em que se pedia aos alunos que selecionassem as opções com que se identificavam, no que se referia às estratégias mais eficazes para que compreendessem os conteúdos inerentes a esta disciplina. Posto isto, a partir da visualização do gráfico seguinte, conclui-se que os alunos afirmam que aprendem melhor através da visualização de vídeos explicativos, ouvindo a professora a explicar a matéria e quando expõem dúvidas à docente. Para além disto, referem ainda que aprendem, também, através da apresentação de *power points* e realizando os trabalhos em casa. Finalmente, uma minoria de alunos revelou que aprende com a ajuda dos colegas e expondo dúvidas aos mesmos.

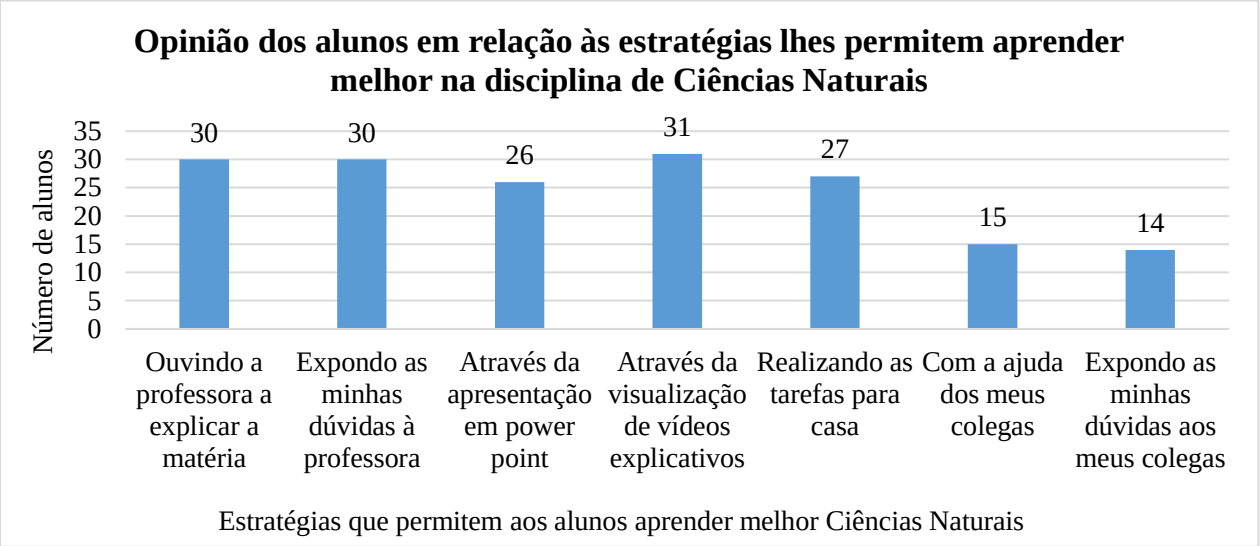


Figura 4 – Opinião dos alunos acerca das estratégias que lhes permitem adquirir efetivamente novas aprendizagens na disciplina de Ciências Naturais. Dados recolhidos em questionário aplicado aos alunos de 6º ano.

Após a análise de algumas das respostas dadas pelos alunos às questões existentes no questionário por inquérito, considera-se pertinente analisar também as respostas dadas pelos grupos durante as entrevistas, que se realizaram posteriormente ao período de intervenção.

Portanto, os alunos da turma 1 referiram que as estratégias que os motivam mais para adquirirem novas aprendizagens são a realização de jogos matemáticos e científicos, aprendendo assim de uma forma lúdica. Apenas um aluno referiu que a metodologia de realização de trabalhos em grupo propicia o aumento de ruído na sala de aula, não sendo esta estratégia considerada como eficaz por este aluno. No que respeita à forma de ensinar dos seus professores, os entrevistados apreciam a forma como os professores abordam os conteúdos e propõem as tarefas. Por outro lado, na turma 2, as respostas dadas pelos entrevistados foram mais conclusivas e detalhadas. De uma forma geral, os alunos sentem-se agradados pelo facto de os professores diversificarem as suas estratégias de ensino, sendo este um fator determinante na sua concentração e na relação que estabelecem com os seus pares. Também os alunos desta turma concordam que quando os docentes solicitam que trabalhem em pequenos grupos, há a existência de mais barulho dentro da sala de aula. Quanto à forma como os professores ensinam, na globalidade, os alunos gostam das metodologias de ensino utilizadas pelos professores. No que respeita

ao tipo de atividades que os alunos gostariam de realizar com mais frequência inserem-se: aulas mais práticas; a reprodução de música em volume moderado de forma a propiciar a concentração dos alunos; a realização de atividades que promovam o trabalho em pequenos grupos; a manipulação de materiais lúdico-didáticos em diversas tarefas; a permanência de pelo menos mais um professor da mesma área curricular; a realização de mais visitas de estudo ou saídas de campo; atividades que incidam mais na escrita dos alunos de forma a desenvolver a sua capacidade de escrita e os diversos âmbitos que esta implica; a solicitação por parte dos docentes para que os alunos executem apresentações orais; a continuação da rotina do número do dia, no que respeita à área curricular de Matemática e, finalmente, os trabalhos de casa apresentarem mais desafio aos alunos.

De forma a promover a motivação dos alunos para as aprendizagens, na turma 1 os entrevistados referiram que gostariam que os professores: não fossem tão sérios, sorrissem mais, fossem mais brincalhões, divertidos, afetivos e carinhosos para com eles; reproduzissem música em momentos de avaliação de forma a propiciar a sua concentração; e prestassem mais atenção aos verdadeiros interesses dos alunos, dado que "S: Só dizem que têm que dar a matéria e não têm tempo para isso." Na turma 2, as opiniões dos entrevistados são também semelhantes às opiniões anteriormente apresentadas, pois os alunos gostariam que: os professores mantivessem uma relação mais próxima com eles; que estivessem mais bem-dispostos nas aulas para se sentirem mais motivados; tornassem os conteúdos mais atrativos para os alunos, através da elaboração de esquemas e da abordagem dos conteúdos com base em piadas; e que estivessem mais motivados, pois referiram que a motivação dos docentes para darem as suas aulas, interfere e promove a motivação dos alunos.

Posto isto, com base nas estratégias sugeridas pelos alunos nas entrevistas e as estratégias aplicadas no contexto, verificou-se que as estratégias aplicadas pelo par de estágio durante o período de intervenção diminuíram os comportamentos de indisciplina, como é possível observar na seguinte tabela (Tabela 1).

Estratégias implementadas na sala de aula	Efeitos das estratégias na indisciplina e na motivação
1. Promover o trabalho de grupo em sala de aula. · O trabalho de grupo foi dinamizado em diversos momentos, tanto na disciplina de Matemática, como na disciplina de Ciências Naturais.	· Os episódios de indisciplina diminuíram, pois, os alunos: não criaram conflitos entre pares, demonstraram respeitos pelas docentes cooperantes e pelo par de estágio e não foram agressivos verbal ou fisicamente para com as docentes e os colegas. No entanto, como é natural, com esta metodologia de trabalho houve um pouco mais de barulho. · Os alunos estavam mais envolvidos nas tarefas e, por isso, mais motivados para as realizarem.
2. Realizar, com mais frequência, aulas que envolvam o trabalho prático. · Realizou-se uma aula em que se dissecou o coração de um porco na disciplina de Ciências Naturais.	· Nesta aula, não se registaram episódios de indisciplina dado que não houve conflitos entre pares, os alunos não foram agressivos com os colegas ou as docentes e respeitaram os procedimentos. · Foi notória a vontade de participar nas tarefas necessárias para esta atividade. Os alunos estavam muito entusiasmados e interessados em observar e relacionar todas as partes do coração, que já tinham sido abordadas numa aula anterior.
3. Existir mais do que um professor da mesma área curricular na sala de aula. · Em cada aula estavam presentes a professora cooperante e as duas estagiárias.	· Esta estratégia permitiu que os alunos tivessem mais acompanhamento, fator que diminui a conversa excessiva entre os alunos e a falta de interesse e empenho em realizar as atividades propostas. · O facto de existir mais do que um docente na sala de aula, fez com que houvessem menos distrações por parte dos alunos e estes estivessem mais motivados.
4. Solicitar que os alunos elaborem mais registos escritos nos seus cadernos. · Em ambas as disciplinas, era solicitado aos alunos que sintetizassem os conteúdos nos cadernos.	· Era notório que os alunos estavam mais envolvidos e, por isso, havia menos episódios de indisciplina, como a conversa em excesso, distrações constantes e falar mal para os colegas ou professores. · O facto de os alunos terem que estar atentos ao que estava a ser sistematizado, possibilitava o seu envolvimento e interesse, evidenciando-se assim mais motivação da sua parte.
5. Dar continuidade à rotina do número do dia na disciplina de Matemática. · Esta rotina foi introduzida pelo par de estágio.	· Durante a realização desta atividade, os alunos eram bastante participativos, o que impedia a ocorrência de comportamentos de indisciplina. · Os alunos demonstravam bastante interesse e motivação ao realizarem esta atividade, tendo uma participação bastante ativa.

Tabela 1 – Estratégias implementadas durante a intervenção e o seu efeito na indisciplina e na motivação dos alunos.

6.4. Discussão dos resultados

Após a apresentação e análise dos resultados obtidos, importa analisá-los reflexivamente, mobilizando, sempre que se justifique os referenciais teóricos.

No que se refere ao primeiro objetivo, "Descrever a dinâmica das turmas com enfoque no comportamento dos alunos e na indisciplina" concluiu-se que as duas turmas apresentavam comportamentos indisciplinados, uma com mais gravidade e frequência do que a outra, sendo que na primeira turma os comportamentos de indisciplina eram causados maioritariamente por um grupo específico de alunos e na segunda turma, estes comportamentos estavam relacionados com a falta de motivação e interesse dos alunos em adquirirem novos conhecimentos e realizarem as atividades sugeridas. Deste modo, verificou-se que as turmas tinham dinâmicas e comportamentos de indisciplina diferentes, pois numa das turmas os comportamentos de indisciplina eram causados por um grupo de alunos, que destabilizava as aulas, fazendo muito barulho, provocando os colegas e as professoras. Na segunda turma, os comportamentos de indisciplina estavam relacionados com a conversa excessiva e a falta de atenção prestada para realizar as tarefas. Em conformidade com isto, os comportamentos evidenciados por ambas as turmas, espelham os três níveis de fenómenos estabelecidos por Amado 2000, estando o primeiro nível relacionado com *desvios às regras de produção* em que se inserem comportamentos disruptivos dos alunos que perturbam o normal funcionamento das aulas. O segundo nível refere-se aos *conflitos interpares*, nos quais se inserem as dificuldades de relacionamento entre os alunos da turma e que, podem vir a traduzir-se em fenómenos de bullying. O terceiro nível, *conflitos da relação professor-aluno*, é composto por comportamentos que põem em causa a autoridade e o estatuto do professor, englobando a violência e o vandalismo contra a propriedade da escola.

No que se refere ao 2.º objetivo, "Caraterizar as perspetivas de alunos e professores sobre a indisciplina", verificou-se que os alunos estavam conscientes que as suas turmas eram indisciplinadas e quais eram os comportamentos de indisciplina considerados mais graves, no entanto, para os entrevistados foi difícil atribuir um conceito específico para a indisciplina. No caso das docentes cooperantes, ambas consideraram que as duas turmas eram indisciplinadas, evidenciando uma mais indisciplinada do que outra. As professoras tinham a mesma opinião que os alunos destacaram relativamente à atribuição de um

conceito específico para a indisciplina. Desta forma, a indisciplina "constitui um dos problemas que mais preocupa os professores, necessitando, por isso, de ser assumido por todos os intervenientes no processo educativo, de modo a ser analisado objetivamente, a fim de identificar as suas causas" (Valente, 2014, p. 4). Neste sentido, é notória a consciência que os alunos têm de que fazem parte de turmas indisciplinadas (Jesus, 2001).

Finalmente, no que respeita ao terceiro objetivo, "Estudar os efeitos da diversificação de estratégias e de atividades na ocorrência de incidentes de indisciplina e na motivação dos alunos", os alunos elencaram um conjunto de estratégias que consideraram serem mais eficazes para aprender nas áreas curriculares de Matemática e de Ciências Naturais. Ao sugerirem estas estratégias, compreende-se que têm a noção exata das estratégias eficazes e interessantes, que os ajudam a aprender de forma significativa, sendo bastante interessante a análise das mesmas, uma vez que é notória a sua vontade em fazer parte do processo de ensino e aprendizagem, tendo um papel bastante ativo e empenhado nas decisões tomadas dentro da sala de aula. Esta vontade dos alunos é corroborada por Domingues (1995), que defende que este tipo de organização dos processos de ensino-aprendizagem oferece aos alunos a possibilidade de interagir no contexto, dando-lhes a autonomia e a responsabilidade de que estes necessitam.

No entanto, apenas algumas destas estratégias foram implementadas durante o período de intervenção pedagógica, sendo: (i) a realização de trabalhos de grupo em sala de aula; (ii) a realização, com mais frequência, de aulas que envolvessem o trabalho prático; (iii) a existência de mais do que um professor da mesma área curricular na sala de aula; (iv) a elaboração de mais registos escritos nos cadernos dos alunos e (v) a continuação da rotina do número do dia na disciplina de Matemática. Assim, foi possível aferir que as estratégias aplicadas pelo par de estágio em contexto de sala de aula, não só diminuíram os episódios de indisciplina, como também permitiram motivar os alunos para a concretização das tarefas solicitadas e promover o seu interesse em adquirir novos conhecimentos. Posto isto, verifica-se a importância de uma relação de confiança entre professores e alunos, dado que se esta não existir, dificilmente se torna possível a transmissão de conhecimentos ou a realização de tarefas, poderá originar o desinteresse por parte dos alunos e comportamentos de indisciplina (Amado, 2000; Valente, 2014).

7. CONCLUSÕES DO ESTUDO

No decorrer desta investigação, tive a possibilidade de refletir acerca da problemática da indisciplina em contexto de sala de aula, realizando, para o efeito, pesquisas bibliográficas e estudos investigativos capazes de dar respostas aos objetivos formulados.

Mediante as respostas obtidas nas entrevistas, aos alunos e às professoras cooperantes e em algumas questões do questionário por inquérito, aplicado também aos alunos, considero que os objetivos inicialmente delineados foram alcançados. Com efeito, e no que concerne à gravidade de comportamentos indisciplinados, aferiu-se que os comportamentos destacados pelas docentes que prejudicam em demasia o normal funcionamento da sala de aula são falar sem autorização, fazer barulho em demasia, desinteresse e desmotivação na concretização das tarefas, conversar excessivamente com os colegas, agressividade contra colegas e professores e falta de educação para com os pares e os docentes. No que respeita às opiniões dos alunos entrevistados, também estes, estão conscientes de que as suas turmas são indisciplinadas e quais os comportamentos que prejudicam o decorrer das aulas, indo ao encontro dos mesmos comportamentos destacados pelas docentes cooperantes. Considera-se que os alunos estão cientes desta problemática, devido à consciência de que os comportamentos de indisciplina afetam a aprendizagem de todos os alunos e à repreensão sistemática por parte dos professores, em relação a este tipo de comportamentos.

Deste modo, foi possível satisfazer as necessidades do estudo, dado que se pretendia analisar a influência de estratégias de ensino sobre os comportamentos de indisciplina e a motivação dos alunos, definida como atenção e concentração no desempenho das atividades propostas nas aulas. As estratégias destacadas pelos alunos como eficazes para aprendizagens mais significativas, estão relacionadas com o trabalho de grupo entre pares, a aposta por parte dos docentes em aulas mais dinâmicas e não tão centradas no exercício da ação pedagógica do docente em sala de aula, a realização de atividades que envolvam o trabalho prático ou a manipulação de materiais lúdico-didáticos, o envolvimento dos alunos no seu processo de ensino-aprendizagem e, finalmente, a existência de mais do que um professor de uma determinada área curricular na sala de aula, para que os alunos tenham um acompanhamento individual e consciente, no que se

refere às suas potencialidades e fragilidades ou aspetos a melhorar. Posto isto, verificou-se a importância destas estratégias na diminuição da ocorrência de comportamentos de indisciplina na sala de aula e na crescente atenção e empenho que os alunos dedicavam às tarefas solicitadas.

Outro aspeto a destacar, respeita à dificuldade em operacionalizar a medição/verificação dos conceitos de indisciplina e de motivação, uma vez que neste estudo, se estabeleceu desde início uma relação entre a falta de motivação como uma causa para alguns comportamentos de indisciplina evidenciados pelos alunos, não sendo esta a única causa apontada. Tal como foi referido anteriormente, o conceito de indisciplina é polissémico, dada a falta de consenso que a temática suscita, quando abordada pelos diversos intervenientes da vida escolar, sejam estes professores, alunos ou encarregados de educação (Nascimento, 2007). Relativamente ao conceito de motivação, este é mais fácil de definir, como referem Alaiz e Barbosa (1995), a motivação é acompanhada de vários níveis de atenção, para além de ser um fator essencial para a aprendizagem, funciona como uma espécie de filtro altamente seletivo da enorme quantidade de informação que os sentidos nos fornecem permanentemente. A respeito destes dois conceitos, considera-se que avaliar a motivação é uma tarefa árdua, sendo a medição da atenção que os alunos prestam ao realizarem uma tarefa um dos aspetos mais eficazes de medição.

Com a realização deste estudo, pretendeu-se verificar a eficácia de estratégias na diminuição de episódios de indisciplina e na motivação dos alunos. Esta investigação, que envolveu dois grupos de alunos demonstrou que existe um efeito positivo e eficaz decorrente da diversificação de estratégias no comportamento, quer no caso da turma 1, em que os problemas de indisciplina se centravam mais num grupo específico de alunos, quer na turma 2, em que a dificuldade consistia na falta de motivação e desinteresse para realizar as tarefas.

Neste sentido, Veiga (2001), sugere dois tipos de estratégias: estratégias específicas e gerais. Nas estratégias específicas o autor destaca a importância em descentralizar dos comportamentos indisciplinados dos alunos, não lhes dando muita importância, possibilitar ao aluno a sua participação ativa e responsável em diversos momentos da aula, estabelecer uma relação envolvente, fazendo com que o aluno sinta que o professor

se preocupa com ele e encorajar e motivar os alunos fazendo-os compreender que são capazes de alcançar os seus objetivos. No que respeita às estratégias gerais, o autor destaca o encorajamento e o louvor pessoal, pressupondo-se uma atitude de respeito e consideração positiva pelo aluno.

Finalmente, destaca-se a problemática da indisciplina como uma questão que propicia o stress na profissão docente, pois um professor que não consegue lidar com estes episódios e com a desmotivação dos alunos facilmente se sentirá também desmotivado para exercer a sua prática profissional. Em conformidade com isto, Jesus (2001) destaca uma investigação realizada com professores portugueses, justamente sobre esta problemática, que referiram: sentir que não tinham um controlo adequado nos comportamentos dos alunos, os alunos indisciplinados tiravam-lhes muito tempo, fator que prejudicava o trabalho com os outros alunos.

8. REFLEXÃO FINAL

Após a elaboração deste relatório, importa refletir acerca do contributo da prática pedagógica em ambos os ciclos de ensino e da investigação para o desenvolvimento de competências profissionais.

O primeiro aspeto que gostaria de destacar foi o facto de ter tido a oportunidade de desenvolver a minha prática pedagógica em escolas metodologias de ensino diferenciadas, aspeto que me permitiu obter uma visão mais aproximada da realidade existente no universo escolar. No entanto, considero que, em ambas as escolas, foi possível ir ao encontro das componentes da formação inicial previstas no plano de estudos da PES II. A possibilidade de associar a teoria à prática revelou-se fundamental para que todos os conhecimentos adquiridos até então ganharem sentido, uma vez que nos momentos de intervenção houve a possibilidade de os aplicar.

Outro fator a evidenciar é o contributo do trabalho das docentes cooperantes ao longo deste percurso, pois o apoio das mesmas, o feedback e a constante adequação das estratégias de ensino sugeridas pelas mesmas, contribuíram para a existência de um ambiente de cooperação, aceitação mútua e respeito, sentindo-me assim mais motivada e com o desejo que querer trabalhar mais e cada vez melhor. Em consonância com isto, Caires, Almeida e Vieira (2010), referem que a formação e aprendizagem no âmbito pedagógico são enriquecidas através do desenvolvimento de trabalho em parceria, sob a orientação de um profissional mais experiente e do envolvimento dos professores estagiários nas diversas dimensões de responsabilidades inerentes a esta profissão. Assim, embora me tenha deparado com alguns obstáculos durante os períodos de intervenção, considero que foram todas bem-sucedidas. Para além disto, a as relações empáticas e de alguma proximidade com os alunos foram um fator benéfico para a criação de situações de aprendizagem favoráveis aos alunos.

Também a possibilidade de realizar ambas as práticas pedagógicas em cooperação com uma colega, revelou-se um fator de extrema importância, dado que permitiu a constante reflexão e adequação das estratégias, sempre com a finalidade de melhorar e ajustar a nossa intervenção a cada dia de aulas. Não só por isto, como também pelo facto de nos podermos apoiar uma à outra, que sem dúvida, se revelou muito importante, tendo em conta que em determinados momentos, em que toda a turma necessitava de apoio,

prestávamos auxílio aos alunos, ainda que não fosse o nosso momento de intervenção. Torna-se evidente a necessidade de que os professores trabalhem de forma cooperada e debatam problemas e ideias, no sentido de diversificar as suas estratégias e melhor o ambiente de ensino-aprendizagem dos alunos. Deste modo, a colaboração entre docentes constitui-se como uma das dimensões do desenvolvimento profissional docente (Hargreaves, 1998). Neste sentido, Jesus (2001), também refere que os professores aprendem muito com a experiência pessoal, mas também podem aprender bastante com o conhecimento e experiências dos colegas de trabalho, sendo imprescindível para o sucesso do trabalho em equipa, que os docentes apresentem uma atitude de autenticidade, empatia, cooperação e valorização das experiências e sugestões dadas pelos colegas.

Enquanto professora estagiária constato a importância da reflexão após cada intervenção, não só agora, neste período de formação inicial, como ao longo de toda a minha vida profissional, pois só assim será possível fazer um ajuste contínuo e atento da minha prática pedagógica, em que são tidas em conta as necessidades individuais de cada aluno. Neste seguimento, Leitão e Alarcão (2006), sugerem que o processo de formação profissional de docentes se desenvolve a partir da sua prática, da constante reflexão acerca da mesma e da resolução de problemas que esta suscita, assumindo assim, a investigação um fator de relevância no que se refere ao desenvolvimento da prática docente. Não obstante a isto, Day (2001), defende que a reflexão constitui o ponto essencial da investigação, contudo a apesar de ser uma condição importante, não é suficiente.

No que diz respeito ao contributo da minha investigação para o desenvolvimento de competências profissionais, posso afirmar que esta concorreu para a construção da minha prática pedagógica, dado que um dos aspetos que me levou a escolher o tema de investigação estava relacionado com a falta de motivação dos alunos para permanecerem na sala de aula e adquirem novas aprendizagens. Pessoalmente, considero que se os alunos não estiverem motivados, o trabalho do professor se encontra bastante dificultado em diversos níveis. Derivado a isto, construir a profissionalidade docente não se limita somente a dominar os conteúdos inerentes a cada área curricular, mas também à apropriação do processo de investigação como componente fundamental, quer da sua formação quer do seu desenvolvimento profissional (Leitão & Alarcão, 2006).

Quanto à investigação desenvolvida, considero que esta permitiu o desenvolvimento de competências essenciais para a formação docente, como a capacidade reflexiva, investigativa e crítica. A decisão de realizar o estudo somente no 2.º ciclo esteve relacionada com a verificação das suas potencialidades através da observação e intervenção neste contexto.

Pessoalmente, a UC PES II, demonstrou-se um desafio à minha personalidade em termos de persistência e de motivação para concretizar objetivos e de aceitação do erro, como fonte de experiência para posteriores aprendizagens. Ainda numa perspetiva pessoal, considero importante referir que a profissão docente desde muito cedo me cativou, uma vez que sempre verifiquei a sua real importância na formação de sociedades, na mudança de hábitos, valores e crenças e na forma de olhar o mundo com olhos de quem gosta realmente da profissão que desempenha. De facto, a profissão docente é um desafio de extrema grandiosidade que obriga o professor a dar sempre o seu melhor, exigindo dedicação, total atenção, competência, valor, mas também muita dedicação, treino e um constante gosto pela aprendizagem (Machado, 2011).

Finalmente, face ao meu futuro profissional sinto-me bastante motivada para começar a trabalhar, no entanto não consigo deixar de sentir uma certa preocupação com alguns aspetos inerentes a esta profissão, entres estes, o excesso de burocracia a que os docentes estão sujeitos e a competição entre docentes que já observei em alguns contextos. Reconheço que a profissão docente, para além das inúmeras competências e capacidades que exige, carece de uma vocação que vai além dos domínios de conhecimento científico. Portanto, "o processo de supervisão ultrapassará, assim, a pessoa do professor em formação para atingir o seu alvo último que será o desenvolvimento integral dos alunos" (Silva, 1997, p. 60).

REFERÊNCIAS

Aires, L. (2015). *Paradigma Qualitativo e Práticas de Investigação Educacional* (1.ª ed.). Lisboa: Universidade Aberta.

Alaiz, V., & Barbosa, J. (1995). *Aprender a ter sucesso na escola* (1.ª ed.). Lisboa: Texto Editora.

Amado, J (Coord.). (2014). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação* (2.ª ed.). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Amado, J. S. (2000). *A Construção da disciplina na escola: suportes teórico-práticos* (1.ª ed.). Porto: Edições ASA.

Amado, J., & Freire, I. (2014). Uma visão holística da(s) indisciplina(s) na escola. Em J. Machado, J. M. Alves, A. Bolivar, I. Freire, J. Amado, J. Formosinho, . . . M. S. Guerra, *Melhorar a escola - Sucesso Escolar, Disciplina, Motivação, Direção de Escolas e Políticas Educativas* (pp. 55-71). Porto: Universidade Católica Editora.

Arends, R. (2008). *Aprender a Ensinar* (7.ª ed.). Madrid: McGraw-Hill.

Artiaga, M. J., Cardoso, A., Carvalho, G., & Telo, C. (2014). *Normas para a Elaboração de Trabalhos Académicos.* Lisboa: Escola Superior de Educação de Lisboa - Instituto Politécnico de Lisboa.

Baptista, I (Coord.). (2014). *Instrumento de Regulação Ético-Deontológica - Carta Ética.* Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação.

Bardin, L. (2004). *Análise de Conteúdo* . Lisboa: Edições 70.

Bogdan, R., & Biklen , S. (1994). *Investigação qualitativa em educação - uma introdução à teoria e aos métodos.* Porto: Porto Editora.

Caires, S., Almeida , L., & Vieira , D. (abril de 2010). O estágio na formação de professores: validação da versão reduzida do inventário de vivências e perceções do estágio. *Avaliação Psicológica, 9*(1), pp. 1-12.

Day, C. (2001). *Desenvolvimento Profissional de Professores - Os desafios da aprendizagem permanente.* Porto: Porto Editora.

Decreto-Lei n.º 139/2012 de 5 de julho. *Diário da República n.º 129/2012 – I Série*. Ministério da Educação, Lisboa.

Decreto-Lei n.º 52/2018 de 6 de julho. *Diário da República n.º 129/2018 – I Série*. Ministério da Educação, Lisboa.

DGE. (2017). *Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória.* Lisboa: Ministério da Educação - Direção Geral de Educação. Obtido em 10 de outubro de 2017, de https://dge.mec.pt/sites/default/files/Noticias_Imagens/perfil_do_aluno.pdf

Domingues, I. (1995). *Controlo Disciplinar na Escola* (1.ª ed.). Lisboa: Texto Editora.

Duque, E., Marques, J., Santiago, K., & Neves, S. (2016). Motivação para a Aprendizagem - Construção e Validação de uma Escala de Avaliação. *Holos, 4*, pp. 231-244.

Estanqueiro, A. (2010). *Boas Práticas na Educação - O Papel dos Professores.* Lisboa: Editorial Presença.

Estrela, A. (2008). *Teoria e Prática de Observação de Classes* (4.ª ed.). Porto: Porto Editora.

Hargreaves, A. (1998). *Os professores em tempos de mudança: o trabalho e a cultura dos professores na idade pós-moderna* . Alfragide: McGraw-Hill.

Jesus, S. N. (2001). *Como prevenir e resolver o stress dos professores e a indisciplina dos alunos?* (3.ª ed.). Porto: ASA.

Ketele, J.-M., & Roegiers, X. (1999). *Metodologia da Recolha de Dados.* Lisboa: Instituto Piaget.

Leitão, A., & Alarcão, I. (2006). Para uma nova cultura profissional: uma abordagem da complexidade na formação inicial de professores. *Revista Portuguesa de Educação, 19*(2), pp. 51-84. Obtido em 21 de novembro de 2019, de http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0871-91872006000200004

Lopes, J. A. (2013). A indisciplina em sala de aula. Em J. A. Lopes, & D. L. Espelage, *Indisciplina na Escola* (1.ª ed., pp. 39-67). Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Machado, J. (2011). *Pais que educam, professores que amam* (1.ª ed.). Barcarena: Marcador.

Mónico, L., Alferes, V., Catro, P., & Parreira, P. (2017). Observação participante enquanto metodologia. *Investigação Qualitativa em Ciência*, pp. 724-733.

Nascimento, M. J. (2007). *Pensamentos e práticas disciplinares de professores.* Lisboa: EDUCA (Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação).

Nelson, J. (2002). *Disciplina Positiva* . Lisboa: McGraw-Hill.

Pardal, L., & Lopes , E. S. (2011). *Métodos e técnicas de investigação social.* Porto: Areal Editores .

Perrenoud, P. (2000). *Novas Competências para Ensinar.* Porto Alegre: Artmed Editora.

Ribeiro, F. (junho de 2011). Motivação e aprendizagem em contexto escolar. *PROFFORMA*(3). Obtido de http://www.cefopna.edu.pt/revista/revista_03/pdf_03/es_05_03.pdf

Santos, L. (org.), Pinto, J., Rio, F., Pinto, F. L., Varandas, J. M., Moreirinha, O., . . . Bondoso, T. (2010). *Avaliar para aprender - relatos de experiências de sala de aula do pré-escolar ao ensino secundário.* Porto: Porto Editora.

Silva, C. F., Nossa , P., Silvério , J., & Ferreira, A. J. (2008). *Incidentes críticos na sala de aula - Análise Comportamental Aplicada (ACA)* (2.ª ed.). Coimbra: Quarteto.

Silva, F. V. (dezembro de 1998). Nós brincamos mas também trabalhamos: um estudo sobre os interesses e as estratégias dos alunos de uma turma difícil. *Análise Psicológica, XVI*(4), pp. 553-567.

Silva, M. C. (1997). O Primeiro ano de docência: o choque com a realidade. Em M. T. Estrela (Org.), C. Carrolo, M. C. Silva, F. C. Alves, M. I. Loureiro, M. L. Silva, & A. P. Caetano, *Viver e Construir a Profissão Docente* (pp. 51-80). Porto: Porto Editora.

Silva, M. L. (2001). *Indisciplina na aula - um problema dos nossos dias* (2.ª ed.). Porto: Edições ASA.

Siqueira, L. G., & Wechsler, S. M. (junho de 2006). Motivação para a aprendizagem escolar: possibilidade de medida. *Avaliação psicológica, 5*(1), pp. 21-31.

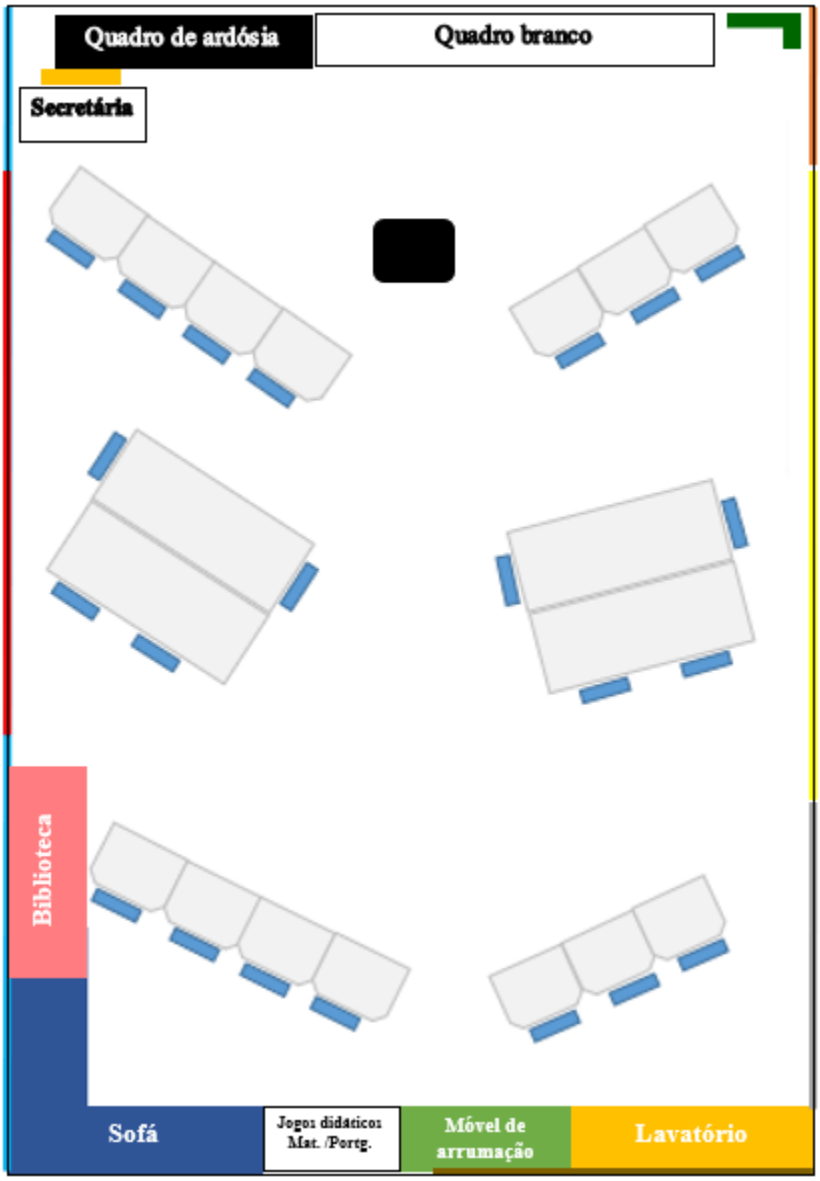
Valente, E. J. (2014). *A (in)disciplina dos alunos na perspetiva dos professores : um contributo para um estudo na Escola Secundário com 2º e 3º ciclos Professor Reynaldo dos Santos.* (Dissertação de mestrado, Universidade Aberta, Lisboa). Obtido em 25 de novembro de 2019, de https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/3213

Veiga, F. V. (2001). *Indisciplina e Violência na Escola - Práticas Comunicacionais para professores e pais* (2.ª ed.). Coimbra, Almedina.

Veríssimo, L. (2014). Motivar os alunos, motivar os professores: Faces de uma mesma moeda. Em J. Machado, J. M. Alves, A. Bolivar, I. Freire, J. Amado, J. Formosinho, . . . M. S. Guerra, *Melhorar a escola - Sucesso Escolar, Disciplina, Motivação, Direção de Escolas e Políticas Educativas* (pp. 73-90). Porto: Universidade Católica Editora.

ANEXOS

Anexo A – Planta da sala de aula do 1.º CEB



Planta da sala de aula

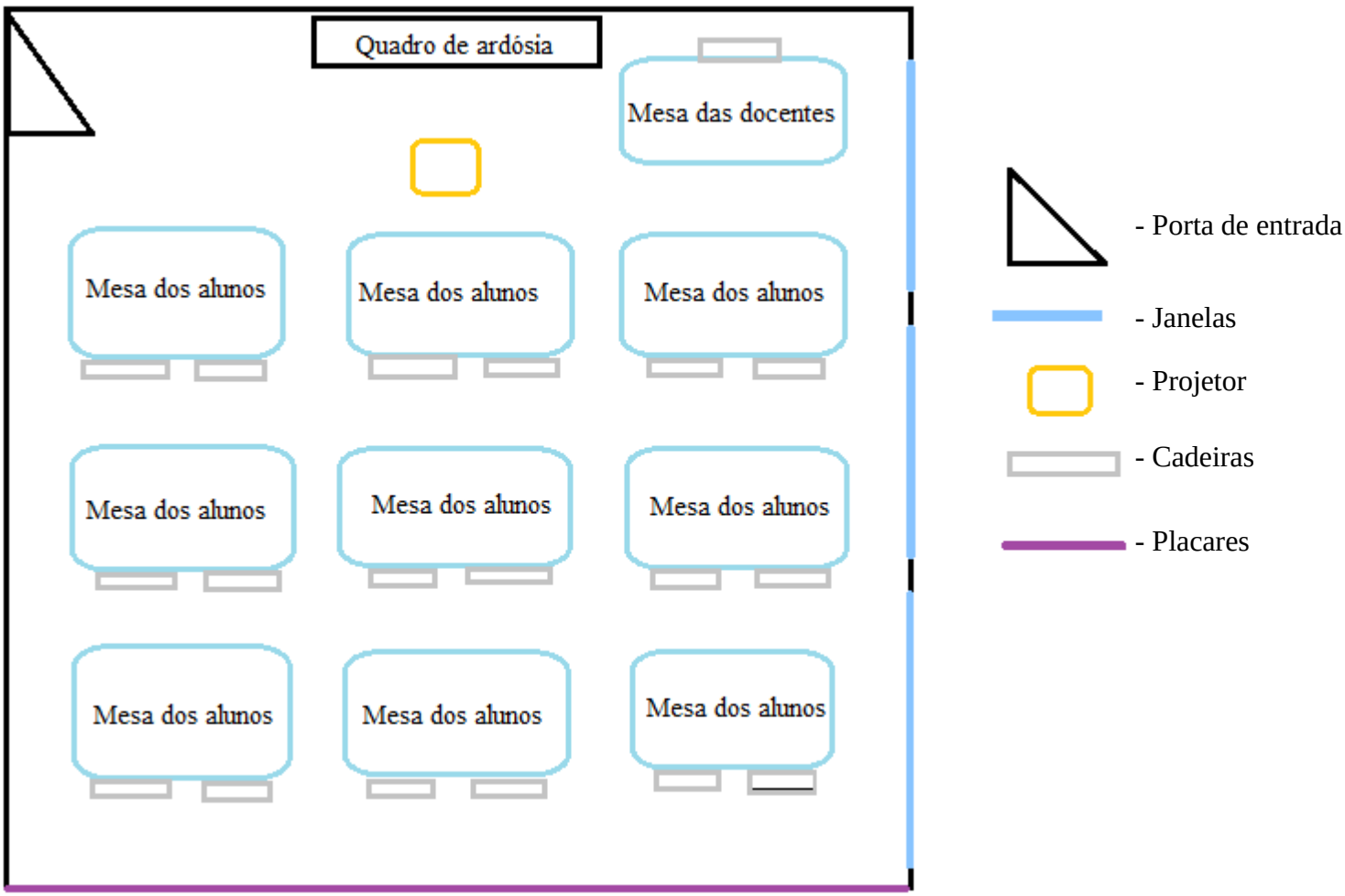
- Projetor
- Porta da sala de aula
- Janelas
- Área de Estudo do Meio
- Área de Matemática
- Área de Português
- Área de Projetos
- Área da Organização

Anexo B – Diversas áreas que compunham a sala de aula do 1.º CEB

Áreas	Materiais	Descrição
Organização	Calendário	O calendário é móvel e, todos os dias, o aluno responsável atualiza o dia da semana, o dia do mês, o mês e o ano. Os alunos vão reconstituindo a sequência dos dias da semana, dos dias do mês, tomando consciência de que nem todos os meses têm o mesmo número de dias, de que o mês acaba, mas que a semana continua, de que os meses se contam por períodos de 30 dias. O calendário funciona como um instrumento que ajuda a construir relações temporais e espaciais.
	Mapa das presenças	O mapa das presenças é uma tabela de dupla entrada, onde, diariamente, se registam as presenças, atrasos e faltas dos alunos. É utilizado um código combinado e permite estabelecer e coordenar relações espaciais e temporais.
	Agenda Semanal	A agenda semanal fornece aos alunos e ao professor uma visão geral das rotinas e das atividades a realizar durante a semana. Constitui assim um instrumento que ajuda a organizar o trabalho e o tempo.
	Registo do tempo	O registo do tempo é uma tabela com os dias do mês, na qual os alunos registam o tempo diariamente. Permite aos alunos registarem de forma elementar e simbólica as condições atmosféricas diárias.
	Mapa de tarefas	O mapa das tarefas é uma tabela de dupla entrada, onde, semanalmente, se regista e avaliam os alunos responsáveis por determinadas tarefas definidas pela turma. Potencia a progressiva responsabilização e envolvimento dos alunos.
	Diário de turma	O diário de turma é um registo semanal "por onde passa a vida do grupo" e que, em Conselho de turma, serve de suporte à negociação e regulação das relações socioeducativas da turma. Os objetivos são: participar e avaliar a vida da turma; expressar opiniões através da escrita.
	Lista com o nome dos alunos	Está afixada uma lista com os nomes dos alunos da turma. Este instrumento é bastante consultado pelos alunos em diferentes momentos de aprendizagem, nomeadamente, nos

		momentos de Português através da realização de jogos de descoberta.
Ficheiros	Ficheiros de ortografia	Fichas de trabalho que incidem no desenvolvimento de competências relacionadas com a ortografia.
	Ficheiros de leitura	Fichas de trabalho que incidem no desenvolvimento de competências relacionadas com a leitura.
	Ficheiros de gramática	Fichas de trabalho que incidem no desenvolvimento de competências relacionadas com a gramática.
	Ficheiros de organização e tratamento de dados (OTD)	Fichas de trabalho que incidem no desenvolvimento de competências relacionadas com a organização e tratamento de dados (OTD).
	Ficheiros de resolução de problemas	Fichas de trabalho que incidem no desenvolvimento de competências relacionadas com a resolução de problemas.
	Ficheiros de números e operações	Fichas de trabalho que incidem no desenvolvimento de competências relacionadas com o tópico matemático de números e operações.
Matemática	Nesta área são expostos: cartazes/trabalhos dos alunos com os conteúdos trabalhados em sala de aula e que apoiam os alunos nas suas atividades diárias. Tais como: estratégias de resolução de problemas, estratégias de cálculo mental, reta numérica, entre outros.	
Português	Nesta área são expostos: cartazes/trabalhos dos alunos com os conteúdos trabalhados em sala de aula e que apoiam os alunos nas suas atividades diárias. Tais como: textos trabalhados, regras ortográficas, conteúdos gramaticais, entre outros.	
Estudo do Meio	Nesta área são expostos: cartazes/trabalhos dos alunos com os conteúdos trabalhados em sala de aula e que apoiam os alunos nas suas atividades diárias. Tais como: projetos dos alunos, projetos do colégio, entre outros.	
Biblioteca	Na sala de aula existem livros que podem ser lidos durante o momento de Tempo de Estudo Autónomo ou consultados para pesquisa durante os momentos de trabalho de projeto.	

Anexo C – Planta da sala de aula do 2.º CEB



Anexo D – Guião das entrevistas aos alunos das duas turmas

Temas	Objetivos	Formulário de Questões
1. Introdução da entrevista	- Legitimar a entrevista. - Motivar os entrevistados.	- Informar os alunos sobre o trabalho em curso e o objetivo da entrevista. - Assegurar o caráter confidencial e anónimo das informações. - Solicitar autorização para gravar.
2. Caraterização da turma	- Conhecer a descrição da turma (comportamento, interação, cooperação e relacionamento entre pares) na perspetiva dos alunos. - Saber quais as perspetivas dos alunos face aos comportamentos (disciplina/indisciplina) da turma em que estão inseridos.	**1.** Como descreves a tua turma? **2.** Achas que a turma é indisciplinada?
3. Perspetivas dos alunos sobre as causas da indisciplina na sala de aula	- Saber o que os alunos consideram indisciplina. - Compreender mediante um episódio, se os alunos consideram que é indisciplina, se é recorrente, como é que os professores reagem e se deveriam reagir de outra forma. - Perceber se os alunos consideram, graves ou não, os episódios de indisciplina ocorridos.	**3.** O que é para ti a indisciplina? **4.** Numa das aulas, um dos alunos entrou na sala batendo com o pé na porta e não pediu desculpa. **4.1.** Será que é indisciplina? **4.2.** Porque é que achas que aconteceu? **4.3.** Acontece muitas vezes? **4.4.** Como é que o professor costuma reagir? **4.5.** O que achas da atuação do professor? **4.6.** Será que deveria agir de outra forma? **4.7.** Como é que os outros professores teriam reagido?

		5. Mediante alguns episódios que ocorreram nas aulas (gritar nas aulas, empurrar a porta com força e não pedir licença para entrar, ofender os colegas, estar desatento) consideras que: **5.1.** Consideras que estes tipos de comportamentos são graves ou não? **5.2.** Na tua opinião, quais são as causas para este tipo de comportamento? **5.3.** Se não consideras este tipo de comportamentos graves, que comportamentos de indisciplina seriam mais graves para ti?
4. Motivação dos alunos para permanecerem na sala de aula	- Saber se os alunos se sentem motivados com as metodologias de ensino adotadas pelos professores. - Conhecer as atividades que os alunos gostariam de realizar na sala de aula, de forma a sentirem-se mais motivados para as aprendizagens. - Saber que tipo de atividades é que os alunos gostariam de realizar na sala de aula para se sentirem mais motivados.	**6.** Quando os professores utilizam outras estratégias nas aulas, consideras que os episódios de indisciplina diminuem? Porquê?**7.** Gostas da forma como o(a) professor(a) ensina? **8.** Que atividades gostarias que os professores fizessem na sala de aula para te sentires mais motivado(a)? **9.** Que outras alternativas propões para te sentires mais motivado(a) para aprender? **Questões secundárias:** - Numa escala de 1 a 4 sentes-te motivado(a) para aprender? - O que é que podia mudar, para vocês que se sentissem mais motivados?
5. Conclusão (agradecimentos)	- Finalizar a entrevista.	- Agradecer e valorizar a colaboração dos entrevistados na realização do trabalho.

Anexo E – Guião das entrevistas às docentes cooperantes

Temas	Objetivos	Formulário de Questões
Introdução da entrevista	- Informar sobre o trabalho em curso e o objetivo da entrevista. - Assegurar o caráter confidencial e anónimo das informações. - Solicitar autorização para gravar. - Motivar as entrevistadas.	- Informar sobre o trabalho em curso e o objetivo da entrevista. - Assegurar o caráter confidencial e anónimo das informações. - Solicitar autorização para gravar.
1. Descrição do percurso profissional das docentes	- Recolher informações sobre o percurso profissional das docentes.	**1.** Qual é a sua experiência profissional no âmbito da docência? E com este grupo de alunos em concreto?
2. Descrição dos alunos da turma	- Compreender a opinião das docentes face aos comportamentos da turma 6.º 2.ª. - Compreender a opinião das docentes face aos comportamentos da turma 6.º 4.ª. - Conhecer as estratégias adotadas pelas docentes para prevenir a indisciplina. - Conhecer as medidas que as docentes adotam quando ocorrem episódios de indisciplina.	**2.** Como carateriza a turma 6.º 2.ª? **2.1.** Acha que são um grupo indisciplinado? **2.2.** Considera que todos ou quase todos os alunos são indisciplinados (irrequietos) ou é um fenómeno caraterístico de um pequeno grupo? **2.3.** Com este grupo pode dar um exemplo de um episódio de indisciplina que considere mais sério? **2.4.** Que comportamentos de indisciplina são mais frequentes? **2.5.** Que estratégias adota para prevenir este tipo de comportamentos? **2.6.** Que estratégias adota quando a indisciplina ocorre? **3.** Como carateriza a turma 6.º 4.ª? **3.1** Acha que são um grupo indisciplinado?

		3.2 Considera que todos ou quase todos os alunos são indisciplinados (irrequietos) ou é um fenómeno caraterístico de um pequeno grupo? **3.3.** Com este grupo pode dar um exemplo de um episódio de indisciplina que considere mais sério? **3.4.** Que comportamentos de indisciplina são mais frequentes? **3.5.** Que estratégias adota para prevenir este tipo de comportamentos? **3.6.** Que estratégias adota quando a indisciplina ocorre?
3. Causas da indisciplina	- Identificar as causas associadas aos diferentes tipos de comportamentos demonstrados pelos alunos. - Conhecer as causas intrínsecas e extrínsecas à escola, que justifiquem os maus comportamentos dos alunos.	**4.** O que é poderá explicar este comportamento da parte dos alunos? **5.** Quais são as causas da indisciplina dos alunos? **6.** Haverá relação entre a motivação dos alunos para as aprendizagens e os comportamentos de indisciplina que mantêm em sala de aula?
4. Motivação dos alunos para as aprendizagens	- Conhecer as perspetivas das docentes face à motivação dos seus alunos para as aprendizagens. - Identificar as estratégias que as docentes consideram ser mais eficazes na motivação dos alunos. - Identificar os sinais demonstrados pelos alunos face à sua motivação.	**7.** Nas suas turmas verifica que, na sua maioria, os alunos se sentem motivados para aprender? **8.** Quais as estratégias que considera mais eficazes para motivar os alunos para as aprendizagens? **9.** Quais os sinais que a levam a perceber se os alunos estão motivados ou não?
5. Estratégias adotadas pelas docentes para motivar os alunos	- Perceber se a metodologia de ensino das docentes é diferenciada quando os alunos estão desmotivados para as aprendizagens.	**10.** A sua forma de atuar (ensinar) é diferente quando sente que os alunos não estão motivados? **11.** Que diferenças são essas? **12.** Quais os fatores mais relevantes para os alunos adotarem uma postura interessada e empenhada na sala de aula?

	- Compreender, na ótica das docentes, os fatores mais importantes para os alunos demonstrarem empenho nas aulas.	
6. Conclusão (agradecimentos)	Finalizar a entrevista.	- Agradecer a valorizar a colaboração das docentes na realização do trabalho.

Anexo F – Questionário de inquérito aplicado aos alunos no final da intervenção

Questionário sobre os interesses dos alunos

Nome: _____ Ano/Turma: _____ N.º: ___ Data: ___/___/____

Chegou a hora de irmos embora, mas antes, queremos saber se gostaste da nossa presença e das nossas aulas. Para isso, pedimos-te que respondas a algumas questões.

Matemática

1. Numa escala de 1 a 4 indica o que mais gostaste de fazer nas nossas aulas de Matemática.

Atividade	Escala			
	1 Não gostei nada	**2 Gostei um pouco**	**3 Gostei**	**4 Gostei bastante**
a) Trabalhar com o/a colega.				
b) Resolver as fichas de trabalho dadas pelas professoras.				
c) Fazer as tarefas de trabalho para casa.				
e) Participar nas aulas de forma ordenada e intervir com respostas relevantes.				
f) Ir ao quadro explicar o teu raciocínio.				
g) Resolver os exercícios do manual de Matemática.				
h) Fazer o número do dia com a professora e os colegas.				

2. Refere o que achas que correu menos bem e o que menos gostaste de fazer nas aulas.

_____

_____

3. Refere o que gostavas de continuar a fazer nas aulas de Matemática com as tuas professoras.

_____

_____

4. Seleciona, com uma X, as opções com que mais concordas.

Na disciplina de Matemática, aprendo melhor…

	a) Ouvindo a professora a explicar a matéria.
	b) Expondo as minhas dúvidas à professora.
	c) Realizando as fichas de trabalho dadas pela professora.
	d) Realizando as tarefas em casa.
	e) Trabalhando a pares ou em grupo com os meus colegas.
	f) Expondo as minhas dúvidas aos meus colegas.

Ciências Naturais

5. Numa escala de 1 a 4 indica o que mais gostaste de fazer nas nossas aulas de Ciências Naturais.

Atividade	Escala			
	1 Não gostei nada	**2 Gostei um pouco**	**3 Gostei**	**4 Gostei bastante**
a) A aula em que abrimos um coração de porco.				
b) Vídeos explicativos sobre a matéria.				
c) Apresentações em power point sobre a matéria.				
d) Legendar imagens e esquemas.				
e) Participar nas aulas.				
f) Fazer as tarefas de trabalho para casa.				
g) Resolver os exercícios do manual de Ciências Naturais.				
h) Trabalhar em grupo, elaborando um trabalho em cartolina, sobre as doenças cardiovasculares.				

6. Refere o que achas que correu menos bem e o que menos gostaste de fazer nas aulas.

_____

_____

7. Refere o que gostavas de continuar a fazer nas aulas de Ciências Naturais com as tuas professoras.

_____

_____

8. Seleciona, com uma X, as opções com que mais concordas.

Na disciplina de Ciências Naturais, aprendo melhor…

	a) Ouvindo a professora a explicar a matéria.
	b) Expondo as minhas dúvidas à professora.
	c) Através de apresentações em power point.
	d) Através de vídeos explicativos.
	e) Realizando as tarefas para casa.
	f) Com a ajuda dos meus colegas.
	g) Expondo as minhas dúvidas aos meus colegas.

Obrigada pela tua colaboração!

Desejamos-te muito sucesso!

Alda Moreira e Inês Neto

Anexo G – Transcrição da entrevista aos alunos da turma 1

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA AOS ALUNOS DA TURMA 1

1. Como descreves a tua turma?

A: A minha turma é bastante inteligente e tem muitas capacidades, só que às vezes portam-se um bocadinho mal, porque por vezes fazem barulho e alguns colegas respondem mal aos professores.

D: Alguns são inteligentes e outros não. Mais ou menos uns cinco respondem mal aos professores. São agressivos, dizem palavrões e, por vezes, ofendem os professores. Um dos alunos ameaçou de morte a *stora* de Matemática. Tiveram que chamar o *stor* da direção e tudo.

R: Metade da turma porta-se mal. É uma turma muito inteligente e às vezes passa-se da cabeça. Tem maus comportamentos e eu às vezes também. Outras vezes a turma porta-se bem e é exemplar, quando estamos nas aulas e nos portamos mal, às vezes os *stores* falam ou gritam, depois portamo-nos logo bem. De um colega nosso então nem se fala.

S: Uns são inteligentes, outros fazem mais bagunceiro, são bons amigos eu acho. Somos uma turma unida. Em relação ao comportamento acho que nos portamos muito mal, falamos muito e os professores acabam por se zangar connosco.

R: A nossa turma fica destabilizada por causa de alguns colegas, como o (T) e o (Ri) que começam na brincadeira e a falar e depois todos vão atrás e começamos a rir e a falar.

Todos: O mau comportamento de um destabiliza a turma toda.

2. Achas que a tua turma é indisciplinada?

A: Parte dela é um bocadinho.

D: Sim.

R: Sim, uns cinco ou seis é que são indisciplinados, mas os outros até se portam bem. São o (Ri)., o (L), a (S). eu às vezes, o (N) também e o (A).

S: Eu porto-me mal às vezes, mas não é assim tanto, mas às vezes a turma é muito malcomportada sim.

3. O que é para ti a indisciplina?

A: A indisciplina é o mau comportamento dos alunos, por exemplo, estar a responder mal ao professor, portar-se mal e não fazer os trabalhos que os professores pedem.

D: É o mau comportamento, responder mal aos *stores*, não ser responsável quando não fazemos os trabalhos de casa e é só isso.

R: Para mim a indisciplina é quando se portam todos mal, quando não dão atenção às aulas e não fazem os trabalhos. São preguiçosos, não querem fazer nada e quando há uns que respondem mal, muito mal aos *stores*, são agressivos e os *stores* ficam muito zangados. É como o (T) ele ofende "bué". Depois é como chamar coisas aos colegas, como o (T) que da outra vez estávamos na aula de Matemática e começou a dizer ao (D) que lhe partia os dentes todos no meio da aula e estava só a gozar com ele. O (T) já disse que o (Ri) era deficiente mental e o *stor* apanhou-o a dizer isso.

D: Vocês diziam que o (T) tomava comprimidos e toma.

R: O (T) diz, mas não faz porque já sabe que depois o Diretor de Turma vai apanhá-lo e vai suspendê-lo.

S: Mas já fez à (D), começou-lhe a dar muitos pontapés na barriga no recreio.

R: O (T) também não pode fazer nada, porque já sabe que se fizer alguma coisa vai pagar por isso. Se fizer alguma coisa vai apanhar da turma ou então leva dos *stores* uma suspensão.

Questão secundária: Ele já foi suspenso não foi?

S: Ele já foi avisado que podia ser tirado dos pais e continua a fazer a mesma coisa.

R: Ele já foi suspenso três vezes.

D: Mais, então o (Si), que nunca fez nada assim muito grave e partiu a cabeça ao (A) e foi logo suspenso. Como é que o (T) não tinha sido suspenso tantas vezes com tantas ameaças?

S: Eu acho o mesmo que eles disseram. A indisciplina é o mau comportamento da turma, responder mal aos *stores* e isso.

4. Numa das aulas, um dos alunos entrou na sala batendo com o pé na porta e não pediu desculpa.

4.1. Será que é indisciplina?

S: O (Ri) entra sempre assim na sala, ao soco ou ao pontapé na porta.

A: Sim, pela forma como entra na sala de aula, sem pedir desculpa pelo que fez e nem sequer pedir autorização para entrar. Logo no início devia ter simplesmente aberto a porta e pedido à professora com licença para entrar.

D: Sim, porque para já não se deve estragar nada na escola. Ele podia estragar a porta e os materiais da escola e não se deve mesmo estragar o material da escola.

R: Sim, primeiro porque ele tem que abrir a porta, mas direito, não é a dar pontapés e murros. Tem que pedir licença para entrar. Se a professora deixar deixa, se não deixar vai-se embora.

4.2. Porque é que achas que aconteceu?

A: Não sei.

R: Só eu é que sei porque é que ele se porta assim.

D: Ele é sempre assim. Ele entra todos os dias com um pontapé ou um murro na porta e nem sequer pede para entrar.

R: O comportamento dele é assim, porque quando ele está no recreio às vezes zanga-se com os outros e depois vem descarregar para a aula. Ele chateia-se muito com os amigos e familiares e depois vem descarregar para a sala.

D: Por exemplo na sala de Educação Visual ele está sempre tá sempre a dar pancadas na cabeça dos mais baixos, a mim ao (Ri) e ao (Di).

S: A mim dá-me muitos calduços na cabeça.

D: Então, a mim normalmente ele chega atrás de mim e faz-me assim (gesto de calduço na cabeça e apertão no ombro) e tipo aperta bué.

R: Ele goza com o (A).

S: Goza com as pessoas, não tem respeito pelas pessoas.

A: O (Ri) por vezes goza comigo.

D: Muitas vezes mesmo.

R: Ele o (A) parece que sofre de bullying, todos gozam com ele, mas são mais aqueles que se portam mal. O (Ri) nas aulas dá-me com coisas na cabeça e eu digo: "Mas estás a brincar com quem?" e o gajo cala-se logo.

S: Ele não pode entrar sem bater à porta, tem que pedir licença, porque está a desrespeitar os *stores*, os alunos e está a perturbar a aula. Ele tem problemas e depois descarrega nos outros e nas coisas, dá murros na mesa. Responde mal aos professores quando eles não fizeram nada de mal. Quando se porta mal e a professora chama a atenção diz sempre que não fez nada.

D: Quando a professora chama alguém da direção para o vir buscar ele cala-se logo.

S: Ainda hoje no teste de Português ele estava a dar com o teste na cabeça dele e chamaram logo a professora da direção.

R: Foi assim, nós estávamos a fazer o teste e ele já tinha acabado. Depois embrulhou-o e fingiu que estava a cantar e que o teste era um microfone e fez "bu bu". E depois disse ainda começou a provocar a "stora" e a distrair os colegas.

A: Uma das principais razões pela qual eu ando na psicóloga é por causa do bullying e do que me fazem.

4.3. Acontece muitas vezes?

A: Sim acontece muitas vezes.

S: Sim praticamente todas as semanas, ou praticamente todos os dias ele entra com uma pancada na porta e responde mal todos os dias aos professores. Às vezes também falta às aulas só para não chatearem e para estar com os amigos no recreio.

R: Sim, praticamente todos os dias. Foi como agora na aula de Educação Visual entrou ao pontapé na sala

D: Sim, por exemplo ele faz muita porcaria para sair da aula ir lá para fora.

S: Só que às vezes acaba por ir para a direção e disso ele não gosta.

R: Foi como agora na aula de HGP, deu um pontapé na porta e entrou.

4.4. Como é que o professor costuma reagir?

A: Começam a chatear-se com os alunos e a dizer para continuarem a trabalhar. Quando os alunos se começam a portar muito mal, os professores pedem ao delegado ou o subdelegado para irem chamar uma auxiliar ou os professores da direção.

D: Por exemplo, numa aula ele estava só a mandar coisas para o lixo e a professora mandou-o logo para a rua e foi chamar uma auxiliar.

S: Os professores costumam mandar os alunos para fora da sala. Uma vez o (Ri) falou e a *stora* mandou-me logo para a rua e ele nem sequer admitiu que foi ele.

A: Mas por exemplo, o professor de História aguenta bastante tempo até mandar os alunos para a rua.

R: O *stor* de História manda um berro e ele cala-se logo.

D: Normalmente os *stores* não fazem muito caso quando ele dá um pontapé na porta ou coisa assim. Ele uma vez disse um palavrão e a *stora* mandou a (S) para a rua, mas mesmo admitindo que foi ele a *stora* mandou-a para a rua**.**

R: Os *stores* costumam reagir muito mal porque ele está a irritar os *stores* e está a fazer com que os *stores* gritem e se zanguem com eles e às vezes diz que não foi ele a fazer as coisas e os outros é que sofrem com isso, como no caso da (S), a (S) não tinha feito nada e foi para a direção por causa do (Ri). Às vezes eu e o (L) não

fazemos nada e eles começam a dizer que o (Ri) falou e eu vou para a rua por causa deles.

S: Porque eles fazem isso na brincadeira e depois o R. é que vai para a rua.

D: Há o grupinho do (B), do (L), do (R) e do (Lea) que falam nas aulas e depois acusam o (Ri) sem ser ele o culpado.

4.5. O que achas da atuação do professor?

S: Às vezes eles fazem mal e outras vezes fazem bem, porque eles às vezes não aguentam e mandam logo para a rua mesmo na segunda oportunidade, mas às vezes fazem bem porque o aluno já está a abusar muito.

D: Eu concordo com a (S).

A: Eu também concordo com ela.

R: Eu também.

4.6. Será que deveria agir de outra forma?

S: Às vezes deveriam ter mais calma, eu acho. Eu sei que ele é impossível, mas também têm que ter calma

D: Têm que tentar entender as coisas para não mandarem pessoas erradas para a rua.

A: Às vezes deviam ser um bocadinho como o professor (P) (História) que é mais paciente e mais calmo e dá mais tempo. Só quando os que se portam mal abusam muito é que o professor deve por exemplo chamar uma auxiliar ou gritar.

R: Eles deviam era ter calma e dar uma segunda ou terceira oportunidade.

S: À terceira já é demais.

R: Pelo menos à segunda. À terceira mandavam chamar a Diretora de Turma, o professor da direção ou uma auxiliar.

D: Muitas vezes a *stora* de Português chama uma auxiliar, mas muitas vezes chama uma auxiliar e não manda para a rua. Por exemplo, o (Ri) dá a volta à *stora*, diz que não faz mais e fica por aí e acaba por não ir para a rua.

Questão secundária: Vocês gostam que os professores gritem convosco?

A: Não.

R: Não, já chega a minha avó gritar lá em casa.

Questão secundária: E acham que há outra forma de vos fazer compreender quando estão a ser inconvenientes com os professores?

S: Eu acho que os *stores* têm que falar mais baixo connosco, porque eu não gosto quando eles gritam. Assim eu fico mais nervosa e acabo por responder mal. Os *stores* gritam comigo em vez de falarem normalmente.

5. Mediante alguns episódios que ocorreram nas aulas (gritar nas aulas, empurrar a porta com força e não pedir licença para entrar, ofender os colegas, estar desatento) consideras que:

5.1. Consideras que estes tipos de comportamentos são graves ou não?

A: Sim, são bastante graves.

R: Muito muito graves.

D: Sim, eu também concordo.

S: Sim, são muito graves.

5.2. Na tua opinião, quais são as causas para este tipo de comportamentos?

D: Por exemplo, o (Ri) faz alguma coisa, vem de lá de fora e descarrega na turma e depois os outros começam a seguir o comportamento dele e a portar-se mal. Acho que por causa de um os outros começam.

R: Acho que é mais o comportamento do (T) do que do (Ri).

S: Sem o (T) e o (Ri) a turma porta-se muito melhor.

R: Em casa do (T) ele porta-se da mesma forma. Ele porta-se muito mal. Eu já estive em casa dele várias vezes.

S: Eu acho que o (T) tem problemas de depressão.

R: Ele toma comprimidos. Ele tem muita raiva.

S: Ele tem que se controlar. Eu também tenho esses problemas e eu às vezes controlo-me. Sei controlar-me e ele não. Não falo mal para os *stores* como ele.

R: Ele em casa, quando está comigo porta-se bem, mas depois quando me vou embora porta-se mesmo muito mal, não sei porquê.

D: Mas por exemplo, o (T). está sempre a olhar para o (L), quando faz alguma asneira olha para ele para ver se ele se ri ou não e eu acho que é para destabilizar a turma.

A: Por vezes o mau comportamento de alguns dos alunos é porque foram influenciados pelo mau comportamento de outros alunos.

5.3. Se não consideras este tipo de comportamentos graves, que comportamentos de indisciplina seriam mais graves para ti?

S: Falar mal com os professores eu acho.

R: Desrespeitar os professores e ameaçá-los acho que é o pior. Por exemplo, o (T) ameaçou a *stora* de morte.

D: Eu acho que não, porque é isso de ameaçar os *stores* e bater nos outros alunos.

S: Ele também já ameaçou o *stor* (P) que ia para uma cama de hospital.

D: Ele já admitiu que não gosta do *stor* (P)., mas também quando o (S) mandou o (A) ao chão e lhe partiu a cabeça eu acho que isso é o pior dos comportamentos.

A: Mas depois ele nunca mais falou comigo e acabou por pedir desculpa. Ele nunca mais me fez nada.

6. Quando os professores utilizam outras estratégias nas aulas, consideras que os episódios de indisciplina diminuem? Porquê?

D: Não, quando há grupos eu acho que o barulho normalmente aumenta.

S: Não, porque lá na turma mais ou menos todos são amigos e mais ou menos grande parte da turma são indisciplinados, então quando todos se juntam, principalmente os mais indisciplinados, é pior. A turma toda fala muito alto.

A: Uma das vezes em que isso aconteceu foi, por exemplo eu Educação Tecnológica ou Educação Visual, não me lembro bem, em que o professor estava a falar muito e o professor deu uma chapada ao (T).

R: A mim esse *stor* apertou-me o braço.

S: A mim até me deixou aqui marcas e tudo o *stor* (aponta para o braço). Ainda por cima foi por uma coisa que eu não fiz.

R: Eu acho que os episódios aumentam, porque quando o (T), o (Ri), a (S), o (L) e mais alguns quando se juntam todos depois ainda vai criar mais confusão e descarregam nos outros todos. Eu irrito-me com isso.

7. Gostas da forma como o(a) professor(a) ensina?

R: Sim, no geral gosto da forma de ensinar de todos os professores.

D: Sim. A *stora* de Inglês ela ensina bem só que ela é exigente e fala mal para nós.

S: É, ela é má para nós e manda-nos TPC`s todos os dias.

A: A professora (S) (Ciências da Natureza) muitas vezes ajuda-nos.

S: Às vezes ela também é mais exigente comigo porque me quer ajudar.

D: Eu não gostei muito, uma vez quando ela me disse que eu ia ter negativa e eu não tive, por acaso estava com medo.

8. Que atividades gostarias que os professores fizessem na sala de aula para te sentires mais motivado(a)?

R: Gostava que fizessem mais jogos de Matemática.

D: A *stora* anda-nos a prometer já há bastante tempo uns jogos de Matemática e ainda não fizemos.

S: Talvez ela faça no último dia de aulas.

R: Gostava de dar matéria nova em Inglês.

A: Por exemplo, gostava de fazer jogos científicos, jogos de Matemática, jogos que tem a ver com a disciplina e que dá para aprender com isso.

S: Podemos aprender, mas de uma maneira mais divertida.

Questão secundária: E por exemplo, gostam que sejam utilizados power point`s, vídeos, cartazes e outros materiais?

A: Eu adoro, por exemplo, nós estamos a usar um programa em TIC, que é o Scratch e estamos a fazer jogos, vídeos, umas animações giras.

9. Que outras alternativas propões para te sentires mais motivado(a) para aprender?

A: Que os professores nos motivem.

D: Serem mais como o professor (P), ele está a dar a matéria e é como se estivesse a contar uma história.

S: Motivarem-nos mais, brincarem mais connosco. Falar mais, porque os professores são muito sérios e o professor (P) brinca connosco.

R: Eu concordo com o (D), o professor (P) é o mais simpático deles todos. Mas a *stora* de Português às vezes também é fixe.

A: Em alguns testes podiam fazer como o professor (P) e punham uma música calma para ficarmos mais concentrados.

S: Os professores não dão muita atenção ao que dizemos. Só dizem que têm que dar a matéria e não têm tempo para isso. Se fosse a *stora* a falar talvez eles até aceitassem, mas como somos nós.

R: *Stora* quando nós estamos nos testes todos nos deixam sair, mas há um problema na *stora* de Português que não nos deixa sair.

Questão secundária: Numa escala de 1 a 4 sentes-te motivado(a) para aprender?

R: Um ou dois talvez.

D: Três.

A: Três.

S: Não me sinto muito motivada na escola. Talvez dois.

Questão secundária: O que é que podia mudar, para vocês que se sentissem mais motivados?

S: Os *stores* falarem melhor. Não serem tão exigentes connosco. Terem mais afeto para connosco.

R: Acho que eles deviam ser mais brincalhões, como o *stor* de HGP é muito simpático.

A: Pois é, é bastante brincalhão e simpático.

D: E também o facto de termos duas horas seguidas de aulas. Já temos a matéria de uma disciplina na cabeça e depois logo a seguir temos outra disciplina e temos muita matéria na cabeça.

S: Sempre que eu estou mal ele vem conversar comigo. Não é como os outros que me veem e não querem saber.

A: Especialmente na aula, mas fora da aula também quer saber de nós.

S: Nenhum *stor* cria relação connosco sem ser o *stor* (P).

R: Quando lemos um texto na sala, o professor pôs uma música sobre piratas e só por causa de eu ter trazido uma t-shirt com piratas ele começou a cantar e a brincar comigo.

Anexo H – Transcrição da entrevista aos alunos da turma 2

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA AOS ALUNOS DA TURMA 2

1. Como descreves a tua turma?

S: Eu gosto da turma. São muito agitados. O comportamento da turma é mais ou menos, mais para menos.

J: Eu acho que a turma de vez em quando exagera um bocado nos comportamentos, porta-se demasiado mal ou demasiado bem. Portar mal é falar muito, não deixar os professores falar e falarem ao mesmo tempo. Também não põem o dedo no ar para falar.

Rut: Há vezes em que nos portamos bem e vezes em que nos portamos mal, depende dos dias, se nós estamos bem ou se estamos mal. Depende também das confusões do intervalo, se acontece alguma coisa no intervalo nós não ficamos bem.

J: E das aulas que temos.

Rub: Depende do *stor* também.

D: A turma é malcomportada, porque somos muito agitados, mais numas disciplinas, mas no geral acho que somos muito agitados.

S: Isso inclui-te a ti também!

2. Achas que a tua turma é indisciplinada?

S: Sim, mais ou menos.

D: Sim mais ou menos.

J: Sim é uma turma indisciplinada!

Rut: Tem vezes em que somos bem-comportados e vezes em que somos malcomportados.

S: Quando nos queremos nos portar bem, nós portamos bem, mas quando nós queremos portar mal, nós portamo-nos muito mal.

J: Mas ninguém aqui se quer portar mal.

Rut: Na aula de TIC há muita bagunça. Praticamente ninguém faz nada.

S: Porquê!? Eu acabo sempre os trabalhos, o (D) não sei, mas eu acabo sempre os trabalhos todos.

Rut: Vocês sim, mas a maioria da turma só fica a jogar, como eu e no *Youtube*.

3. O que é para ti a indisciplina?

S: A indisciplina para mim é portar-me mal, interromper muito os professores e responder quando os professores nos fazem algumas perguntas sobre os comportamentos e isso. Tem a ver com o barulho.

J: Para mim a indisciplina é quando os alunos estão sempre a portar mal e não querem saber da aula.

S: É faltar ao respeito aos professores.

Rut: É a falta de educação com os professores.

D: Sim, é faltar ao respeito e não fazer o que os professores pedem.

Rub: Acho que é a mesma coisa que eles disseram.

4. Numa das aulas, o (R) entrou na sala batendo com o pé na porta e não pediu desculpa.

4.1. Será que é indisciplina?

Rub: Eu agi mal e não pedi desculpa à *stora*.

J: Sim e também há o caso de os alunos falarem sem porem o dedo no ar para falar, ou seja, falar sem ter a palavra.

Rut: Sim, mas não há muita opção.

S: Sim e também depende da aula e do professor.

Rub: E de como nós estamos, se nós estamos bem, se estamos mal.

D: Sim este foi um comportamento de indisciplina.

4.2. Porque é que achas que aconteceu?

Rub: Porque eu estava nervoso por causa do futebol. Eu estava a jogar futebol e o jogo correu mal. Depois cheguei mais tarde e ainda faltei ao respeito à *stora*.

D: Eu não me lembro, mas acho que é por causa da adrenalina de lá de fora. Vimos nervosos e chateados e depois quando estamos na aula descarregamos nos professores.

J: Eu acho que é falta de atenção, por entrar na sala de aula atrasado, esquecer de pedir licença e nem sequer pedir desculpa.

Rut: É a mesma coisa. Não tenho muita coisa a dizer.

S: Não tenho nada a dizer.

4.3. Acontece muitas vezes?

Rub: Agora já não acontece muitas vezes.

D: Eu acho que já não acontece muito.

J: Sim, por causa do futebol.

S: Agora se for mais grave, acontece fora das aulas.

4.4. Como é que o professor costuma reagir?

S: Os *stores* perguntam porque é que nós chegámos atrasados e dizem para regressar à porta e bater para entrar novamente.

Rut: Perguntam porque é que chegámos atrasados.

J: Às vezes não ligam.

Rub: Ou então mandam logo para a rua.

Rut: Alguns stores também não ligam muito e marcam falta de atraso.

4.5. O que achas da atuação do professor?

Rub: Depende do professor e se ele estiver bem ou se estiver.

Rut: É normal.

D: Ficam chateados, porque chegamos atrasados e já estávamos na escola e isso não devia acontecer. Ainda por cima se não pedimos para entrar, ainda é pior.

J: Com o professor de TIC chegamos atrasados e ele nem sabe que entrámos na sala.

Rut: Há alguns professores que não reparam e deixar passar e nós acabamos por passar de fininho.

D: Nas aulas mais agitadas, os stores não costumam reparar muito.

S: A professora de Português pergunta sempre e geralmente são sempre os mesmos que chegam atrasados.

4.6. Será que deveria agir de outra forma?

D: Não.

J: Acho que não.

S: Não, eu acho que os professores que não percebem que chegamos atrasados, deviam perceber e dar uma chamada de atenção.

Rut: Não, se fosse eu também ficava chateada e mandava logo os alunos para a rua.

Rub: Não.

5. Mediante alguns episódios que ocorreram nas aulas (gritar nas aulas, empurrar a porta com força e não pedir licença para entrar, ofender os colegas, estar desatento) consideras que:

5.1. Consideras que estes tipos de comportamentos são graves ou não?

S: Há coisas mais graves que não acontecem nesta escola, mas que podem acontecer em outras escolas. Os alunos falarem muito mal para o professor, chegar a empurrar.

J: Sim, mas se empurra a porta com força isso também é um comportamento graves.

D: Sim são graves.

J: Sim são graves, por exemplo se o aluno fechar a porta com força isso é falta de educação.

Rub: Eu também acho que isso é falta de educação e que são comportamentos graves.

Rut: Mais ou menos, acho que depende do caso, ou seja, do que acontece na sala.

5.2. Na tua opinião, quais são as causas para este tipo de comportamento?

Rut: O nervosismo do intervalo, as brincadeiras e brigas que se passam no intervalo podem prejudicar a nossa presença na sala de aula.

Rub: Os telemóveis também.

J: Se estivermos a jogar jogos de tiros no intervalo também pode destabilizar a nossa presença na sala de aula. O intervalo deixa-nos mais agitados.

Rut: Já aconteceu um aluno da nossa turma ficar muito alterado porque perdeu um jogo que nós agora andamos a jogar e não era bom. Quando alguém falava alguma coisa na sala de aula, ele já achava que era outra coisa e depois ficava alterado.

S: E também porque na turma, pelo menos entre eu e as pessoas com quem mais me dou, às vezes desligamos o telemóvel e depois isso aí também pode fazer com que fiquemos irritados.

D: Há um menino da nossa escola, que se lhe tocarmos no telemóvel ele começa a gritar e a dar pontapés e nós ficamos sem reação.

J: Depois vamos para as aulas e para os testes e não nos conseguimos concentrar.

Rub: Sim, isso é por causa do telemóvel.

Rut: Estar com fome atrapalha de vez em quando.

S: Alguém tem um namorado e depois o namorado acaba com essa pessoa, provavelmente ia ficar muito triste.

Rub: Sim e também quando se chateiam nos jogos e assim.

5.3. Se não consideras este tipo de comportamentos graves, que comportamentos de indisciplina seriam mais graves para ti?

Rub: Empurrar o *stor* e os colegas.

D: No ano passado isso aconteceu com um colega nosso.

S: Mesmo o professor se ele fizer alguma coisa com o aluno. Já tem havido bombinhas de mau cheiro nas aulas.

Rut: Sim isso aconteceu e não foi muito agradável.

6. Quando os professores utilizam outras estratégias nas aulas, consideras que os episódios de indisciplina diminuem? Porquê?

S: Sim, diminuem porque nós estamos a experimentar uma coisa nova e estamos mais atentos e concentrados.

J: Agora em Ciências não é a professora que está a dar a matéria e essa maneira é boa porque aprendemos uns com os outros e não estamos só a ouvir a professora a falar.

Rut: Hoje em Matemática, por exemplo, nós tivemos uma aula diferente, em que estivemos a encaixar peças para fazermos polígonos e foi fixe.

S: Mas houve mais barulho como é óbvio, porque nós a falar uns com os outros fazemos mais barulho. Estávamos mais agitados.

D: Sim eu também concordo.

Rub: E eu também.

7. Em relação à vossa motivação, numa escala de 1 a 4 (em que 1 representa muito pouca motivação e 4 representa muito motivado), qual é a vossa motivação para estarem na escola?

D: Dois, porque o horário das aulas é muito comprido. Entramos às 8h da manhã, que é muito cedo e saímos muito tarde e ainda temos trabalhos de casa e testes. A mochila também é muito pesada.

Rut: Sim, mas também depende dos dias, porque há dias em que o nosso horário é bom e outros em que é muito mau.

J: Dois e meio a três, porque há dias em que posso receber testes e há outros em que temos muito tempo de aulas e temos que acordar cedo.

Rut: Dois, porque acordar cedo é o pior. Eu tenho que acordar duas horas antes de entrar na escola, por causa do transporte de autocarro. Principalmente no Inverno que é pior.

J: E também o tempo que temos de descanso é pouco, o fim de semana passa muito depressa.

S: Entre dois e três. Digo três porque não irmãos e fico sozinha em casa a falar ao telemóvel e isso. Dois é porque não me apetece ir para a escola e porque estou cansada.

Rub: Entre dois e três, porque às vezes eu quero vir para a escola para receber os testes e isso e outras vezes não me apetece vir, mas também é fixe vir aprender novas coisas.

Rut: Eu acho que ter Matemática era mais fixe quando a *stora* Inês e a *stora* Alda estavam cá, agora voltámos a ter a nossa stora e não é tão fixe. Ter outras pessoas a ensinar-nos era melhor. Eu gostava muito de a ter na sala stora.

8. Gostas da forma como o(a) professor(a) ensina?

S: De alguns, porque a maneira como os professores agem depende da situação, porque há professores que perdem logo a paciência quando fazemos alguma coisa e isso.

J: Por exemplo, a forma como a professora de Matemática ensina eu não gosto muito.

Rub: Eu gosto de todos, mas do professor de TIC eu não gosto assim tanto, porque nós chamamos o professor e ele continua ali sem ir ter connosco.

S: Por exemplo, se tiver muita bagunça ele vai estar mais focado em corrigir aquilo, do que estar mesmo com as pessoas que estão a fazer o trabalho e que estão com dúvidas.

J: Depende dos professores também.

Rut: Para mim, os professores que eu gosto da maneira de dar aulas é a professora de Música, de Ciências, de EV e de História. O professor de História é o melhor. Hoje a aula foi mesmo muito gira.

D: Depende se eles estão chateados ou não. Se eles estiverem felizes podem dar as aulas com mais animação e depois nós ficamos mais felizes também, mas se eles estiverem a ter um mau dia chegam logo mais chateados.

S: E por exemplo em DT alunos, que era suposto ser agora, que é até às 17h, os professores também estão muito cansados como nós.

Rut: Sim, parece que ninguém presta muita atenção. Pelo menos eu fico mole, a pensar vou chegar a casa, vou tomar um banho e vou comer. Eu nessa aula já me sinto mais cansada.

9. Que atividades gostarias que os professores fizessem na sala de aula para te sentires mais motivado(a)?

J: Trabalhos de grupo e fazermos coisas sobre a matéria, mas que desse para brincar mais em vez de ser só a falar.

Rut: Sim, tipo desenhos ou em brinquedos como hoje na aula de Matemática em que nós estamos a montar os cubos.

S: Sim, por exemplo, é como na aula de Ciências em que nós estamos a fazer os trabalhos em grupos.

Rut: É por isso que eu gostava quando a *stora* dava aulas porque ficávamos a trabalhar em grupos e isso era fixe.

S: Eu também gostava que em Ciências fizéssemos mais atividades, como aquela em que vimos e abrimos o coração do porco.

Rut: Sim, essa atividade foi muito fixe. Depois também há a questão do comportamento, porque as professoras não fazem muitas vezes isso, porque cria muito barulho.

D: Sim isso e também gostava de fazer mais visitas de estudo. Este ano ainda não fizemos quase visita de estudo nenhuma. Eu gostava de fazer mais jogos, em vez de estarmos só a falar.

Rut: Sim, quando os professores começam a falar a aula toda, nós já não conseguimos prestar atenção nenhuma.

Rub: Eu prefiro escrever também.

Todos: Sim, eu também prefiro escrever.

D: Eu gostava também de fazer jogos individuais e participar em competições.

S: Eu acho que nós devíamos ter mais trabalho de grupo e trabalhos em que as pessoas convivam umas com as outras para serem mais amigas.

J: Sim, acho que a relação que os professores têm connosco também é importante e podíamos fazer todos jogos em conjunto.

Rub: Sim, a relação que temos com os professores é muito importante. O stor de HGP é aquele com quem mais gosto de falar e a stora de Ciências também.

J: A *stora* de Ciências também gosto muito dela. Está sempre alegre e fala muito connosco.

Rut: Por exemplo, a aula de História hoje foi diferente, porque nós rimos muito e o *stor* tem uma forma de dar aulas que eu gosto muito e hoje foi muito fixe.

J: Sim e explicou as coisas de maneira divertida.

Rub: Sim e eu acho que ele queria fazer uma aula normal, mas depois com os comentários dos alunos ele deu uma aula muito boa.

10. Que outras alternativas propões para te sentires mais motivado(a) para aprender?

Rut: Gostava que os professores sorrissem mais e estivessem mais bem-dispostos.

S: Os alunos precisam de ajudar em vez de estar a mandar bocas, deviam-se portar melhor. Por exemplo, os alunos que falam pouco deviam falar mais.

J: O professor devia motivar os alunos para estudar, por exemplo, podia dizer que a matéria é muito gira e dizer piadas ao longo das aulas.

Rut: Se contassem histórias ou piadas relacionadas com a matéria nós lembrávamo-nos muito mais. Podiam usar mais imagens e desenhar, porque para mim ajuda mais.

S: Os esquemas a mim ajudam-me muito a perceber a matéria, principalmente em Ciências. Quando estudo faço muitos resumos e esquemas.

D: Por exemplo, se o *stor* estiver a ter um mau dia é difícil ele estar feliz e estar motivado. Há alguns professores que ficam muito chateados quando perguntamos se já corrigiram os testes.

Rut: Eu tinha uma professora na minha antiga escola que inventava músicas com a matéria e nós nos testes depois ficávamos com as músicas na cabeça e lembrávamos nos testes e isso era fixe.

S: Eu em casa para estudar ouço música. Gostava de ter música nas aulas, mesmo que fosse baixinho.

Rub: Acho que os *stores* estiverem mais felizes as aulas correm melhor. Também ajuda fazermos esquemas e desenhos.

J: Deviam haver mais professores na mesma aula para poderem tirar as nossas dúvidas ao mesmo tempo.

Rut: Na aula de ET, há uns dias atrás estávamos a ouvir música, mas depois começou a haver muito barulho e passámos a ouvir a música com *phones*.

D: Eu acho que não devia haver música.

J: Deviam haver maneiras diferentes de aprender, por exemplo, o meu irmão tem uma coisa que tem para fazer trabalhos de casa. Por ano tem que fazer pelo menos trinta trabalhos de casa e ele faz quando quer. A maneira como ele aprende é totalmente diferente da maneira como nós aprendemos. Em Português ele lê um livro e depois tem que fazer um resumo do livro e apresentar à turma.

S: Podíamos fazer sopa de letras. Em Português podíamos fazer mais apresentações orais sobre um filme ou sobre um livro.

Rut: Em Português, a professora devia dar-nos mais textos com um tema para escrevermos.

Rub: Ou então ditados também.

J: Em Matemática devíamos continuar a fazer o número do dia e fazermos mais jogos.

D: Eu acho que trabalhos de grupo e jogos nos destabilizam porque falamos muito. A mim incentiva-me mais fazer um trabalho de casa em que vou receber uma nota a seguir.

J: Mas isso é mau (D). A avaliação não devia ser contínua, porque eu começo o ano sempre com más notas e depois melhoro sempre ao longo do ano.

S: Eu acho que deviam fazer trabalhos de casa que fossem de mistérios ou jogos.

Anexo I – Transcrição da entrevista à docente MB

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA À PROFESSORA COOPERANTE MB

1. Qual é a sua experiência profissional no âmbito da docência? E com este grupo de alunos em concreto?

Resposta: Leciono há 16 anos e sempre dei aulas ao 2.º Ciclo do Ensino Básico.

2. Como carateriza a turma 6.º 2.ª?

Resposta: É uma turma que tem um bom comportamento.

2.1. Acha que são um grupo indisciplinado?

Resposta: Não são um grupo indisciplinado, tirando aqueles três ou quatro elementos que perturbam o normal funcionamento das aulas.

2.3. Que comportamentos de indisciplina são mais frequentes?

Resposta: As reações de um dos alunos mais problemáticos, a má educação, as atitudes que tem quando se levanta repentinamente e responde de forma incorreta. Para além disto, destaco a conversa entre eles, o facto de não acatarem as minhas ordens e esse tipo de situações.

2.4. Que estratégias adota para prevenir este tipo de comportamentos?

Resposta: Peço a caderneta e chamava a atenção dos alunos que estavam a ter comportamentos incorretos.

2.5. Que estratégias adota quando a indisciplina ocorre?

Resposta: Com o aluno mais problemático costumo falar calmamente, tentando que ele fique mais tranquilo, com os restantes chamo a atenção. Para além disto, costumo também enviar recados na folha que eles têm colada nos cadernos diários de cada disciplina.

3. Como carateriza a turma 6.º 4.ª?

Resposta: É uma turma pequena e muito conversadora. Os alunos têm algumas dificuldades e os resultados são um pouco fracos.

3.1. Acha que são um grupo indisciplinado?

Resposta: Sim, os alunos desta turma são um grupo indisciplinado, porque são muito conversadores, acho que é esse o problema da turma.

3.2. Considera que todos ou quase todos os alunos são indisciplinados (irrequietos) ou é um fenómeno caraterístico de um pequeno grupo?

Resposta: A turma no geral é bastante conversadora.

3.3. Com este grupo pode dar-me um exemplo de um episódio de indisciplina que considere mais sério ou grave?

Resposta: Aquilo que tenho mesmo a destacar é a conversa e a distração. São mesmo muito conversadores, mas nunca houve nenhum episódio grave de falta de educação.

3.4. Que comportamentos de indisciplina são mais frequentes?

Resposta: A conversa é o comportamento de indisciplina mais frequente nesta turma.

3.5. Que estratégias adota para prevenir este tipo de comportamentos?

Resposta: Peço a caderneta e chamava a atenção dos alunos que estavam a ter comportamentos incorretos.

3.6. Que estratégias adota quando a indisciplina ocorre?

Resposta: Escrevo recados na folha que eles têm colada nos cadernos diários de cada disciplina. Ainda hoje lhes pedi para porem as cadernetas em cima da mesa e eles acalmaram logo.

3.7 O que é poderá explicar este comportamento da parte dos alunos?

Resposta: A confiança que eles têm uns com os outros, a desmotivação e o desinteresse, noto que eles são muito desinteressados, mas é assim em todas as

disciplinas, não é só com a minha. Por outro lado, acho que os pais também não os pressionam e não falam com eles e não ajudam nesse sentido. Não sei se é o caso ou não, porque eu não sou diretora de turma desta turma, mas a diretora de turma sabe e o conselho de turma todo ele sabe e fala isso nas reuniões, portanto, presumo que a diretora de turma possa dar essa informação aos pais. Os pais, à partida, sabem.

4. Quais são as causas da indisciplina dos alunos?

Resposta: A desmotivação e a falta de interesse para estarem na sala de aula e aprenderem.

5. Haverá relação entre a motivação dos alunos para as aprendizagens e os comportamentos de indisciplina que mantêm em sala de aula?

Resposta: Sim, compara o 6.º 2.ª com o 6.º 4.ª, na maioria o 6.º 2.ª é uma turma empenhada e interessada, tirando aqueles três ou quatro alunos e o 6.º 4.ª acontece completamente o contrário. Enquanto que no 6.º 2.ª eles trabalham, são empenhados, fazem tudo e estão atentos, no caso do 6.º 4.ª estes no geral tens ali um ou dois que são interessados e que trabalham, os outros estão todos na conversa e na brincadeira. Mesmo quando não estão na conversa estão completamente noutro local, não há nada que os motive e que lhes interesse. Poderá até vir de casa a falta de estímulo por parte das famílias dos alunos.

6. Nas suas turmas verifica que, na sua maioria, os alunos se sentem motivados para aprender?

Resposta: Nas outras turmas não acontece o mesmo que acontece com o 6.º 4.ª, nos quintos anos é diferente, até porque dou Ciências aos quintos anos e no caso do 6.º 4.ª dou-lhes Matemática. Não tenho razões de queixa, nem este tipo de comportamentos. Todos os outros alunos trabalham. Claro que tenho ali um ou dois casos de miúdos que têm mais dificuldades e, por isso, ficam mais sossegados, mas não tem nada a ver. Estou a falar neste contexto, noutras escolas encontras muitas turmas como o 6.º 4.ª.

7. Quais as estratégias que considera mais eficazes para motivar os alunos para as aprendizagens?

Resposta: Fazer diferentes tipos de atividades. Não estar sempre a trabalhar com as mesmas atividades. Diversificar as estratégias. A aula não ser tão centrada no professor, ser mais centrada nos alunos. Utilizar materiais mais lúdicos, o que nem sempre é possível, devido à falta de tempo.

8. Quais os sinais que a levam a perceber se os alunos estão motivados ou não?

Resposta: Se estão a trabalhar ou não. Se estão na conversa. Se fazem as coisas que nós pedimos. No caso do 6.º 4.ª é visível que eles não estão interessados em fazer o que lhes peço. Não estão motivados e não querem saber de nada. Não há o mínimo interesse e isso é percetível. Vê-se bem que eles não estão atentos, que não querem saber daquilo e não têm mesmo interesse em saber, tirando dois ou três alunos. De resto, os outros não querem saber, ou estamos ali a insistir a tentar que façam alguma coisa, porque por eles não fazem nada.

9. A sua forma de atuar (ensinar) é diferente quando sente que os alunos não estão motivados?

Resposta: Às vezes tento fazer outras coisas, fazer um jogo, mostrar um vídeo, mas nem sempre trago as coisas preparadas. Às vezes tenho uma coisa preparada e não consigo fazer. Mas tento arranjar outras estratégias para ver se eles se motivam. É por aí, mostrar um vídeo ou qualquer coisa assim.

10. Quais os fatores mais relevantes para os alunos adotarem uma postura interessada e empenhada na sala de aula?

Resposta: Dar reforços positivos, não sei. O professor pode tentar estimular o gosto para aprender.

11. Considera que a motivação dos alunos para a aprendizagem, pode estar associada a fatores externos à escola? Se sim, quais?

Resposta: Sim, o meio socioeconómico, o nível de escolaridade dos pais também tem influência e percebe-se isso. As vivências fora da escola também têm influência, os

locais por onde eles passam. O caso do aluno mais problemático do 6.º 2.ª, tem muitos problemas em casa e isso nota-se nas atitudes dele, que têm tudo a ver com aquilo que se passa fora da escola.

Temos que ser assertivos e estabelecer limites. Têm que perceber que não podem ser indisciplinados. Temos que definir regras com eles, que sabem que aquilo é para ser feito.

A relação que nós estabelecemos com os alunos é muito importante. Tento sempre ter uma relação mais próxima com eles. Isso ajuda a que se sintam mais motivados para aprender. Se eles gostarem de estar connosco, isso também é importante.

12. O que é que é para si a indisciplina?

Resposta: Eles não acatarem uma ordem. Estarem na conversa. Levantarem-se do lugar. Serem mal-educados. Ameaçarem os professores e os colegas. Não cumprirem as regras. Temos (professores) níveis de tolerância diferentes e não somos todos iguais. Uns toleram mais do que os outros. Eu sei que às vezes sou mais tolerante do que alguns colegas meus e eles também têm noção disso e sabem até onde é que podem ir. Às vezes é bom, mas também pode ser mau para nós, por permitir que eles abusem um pouco mais.

Anexo J – Transcrição da entrevista à docente SS

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA À PROFESSORA COOPERANTE SS

1. Qual é a sua experiência profissional no âmbito da docência? E neste grupo de alunos em concreto?

Resposta: Eu já leciono há doze anos, na minha atividade profissional. Tenho passado por diversas escolas, entre as quais umas mais problemáticas e outras menos problemáticas. Neste momento, considero que esta escola é uma das menos problemáticas em que já estive. Sempre trabalhei com alunos do 2.º Ciclo do Ensino Básico (CEB), apesar de poder lecionar também ao 1.º CEB. No entanto, prefiro trabalhar com alunos do 2.º CEB.

2. Como carateriza a turma 6.º 2.ª?

Resposta: A turma 6.º 2.ª é uma turma muito heterogénea, ou seja, temos alunos muito bons, com os quais conseguimos realizar estratégias muito diversificadas e temos outro grupo de alunos que manifestam alguma indisciplina e alguma desmotivação, com os quais é necessário diversificar as estratégias de ensino, para conseguirmos atingir os objetivos que pretendemos, de modo a que os alunos que revelam ter menos capacidade consigam também atingir os seus objetivos.

2.1. Acha que são um grupo indisciplinado?

Resposta: No fundo eles não são muito indisciplinados, há ali um grupo de cinco alunos que tentam perturbar a aula, mas se forem adotadas e postas em prática outro tipo de estratégias e eles estiverem sempre ativos, conseguimos trabalhar bem com eles. Não se pode considerar uma turma muito indisciplinada, porque os resultados até são bons.

2.2. Com este grupo pode dar um exemplo de um episódio de indisciplina que considere mais sério?

Resposta: Sim. Na semana passada, houve uma situação em que um dos alunos desta turma, que é bastante problemático, estava na aula a tentar arranjar conflito com mais dois alunos. Eu pedi a esses alunos para mudarem de lugar, sendo que um deles mudou efetivamente de lugar e o outro disse que não conseguia ver o quadro. Entretanto, o aluno que estava a destabilizar estava a tentar chamar a atenção e o aluno que não mudou de lugar repreendeu-o. Passado algumas chamadas de atenção, o aluno que estava a destabilizar a aula, saiu da sala a chamar paneleiro ao colega. O subdiretor teve que intervir para resolver a situação.

2.3. Que comportamentos de indisciplina são mais frequentes?

Resposta: Nesta turma, os comportamentos de indisciplina mais frequentes são as participações constantes na aula, em que os alunos não pedem a palavra e falam sem serem solicitados.

2.4. Que estratégias adota para prevenir este tipo de comportamentos?

Resposta: Para prevenir este tipo de comportamentos opto sempre por uma aula dinâmica, em que peço aos alunos para irem ao quadro, tento sempre ter alguns instrumentos diversificados para os alunos que terminam as tarefas antes do tempo previsto, de forma a combater os tempos em que os alunos não têm atividades para realizar. Nesta turma, não podem haver espaços mortos, senão irá gerar confusão e barulho.

2.5. Que estratégias adota quando a indisciplina ocorre?

Resposta: O que tento fazer é mandar o aluno para se retirar da sala de aula, que fique à porta para se acalmar e pensar no que fez. Depois deixo-o entrar novamente na sala. Caso o problema seja frequente e seja grave, solicito à funcionária que o acompanhe até à direção ou para um gabinete onde vai realizar uma atividade.

3. Como carateriza a turma 6.º 4.ª?

Resposta: A turma 6.º 4.ª é muito pequena, tem alguns alunos com algumas limitações e não é uma turma tão boa como o 6.º 2.ª, pois temos alguns alunos muito fracos e que revelam pouco interesse e motivação. Nós trabalhamos, mas eles nunca conseguem

mostrar interesse, pois estão sempre a reclamar e sempre desinteressados para realizar alguma tarefa.

3.1 Acha que são um grupo indisciplinado?

Resposta: Não, eles não são um grupo indisciplinado. Sobretudo, a dificuldade nesta turma é mais a desmotivação que eles têm para trabalhar, porque até nem têm comportamentos de indisciplina.

3.2. Com este grupo pode dar-me um exemplo de um episódio de indisciplina que considere mais sério ou grave?

Resposta: Com este grupo não tenho nenhum episódio de indisciplina a salientar. Apenas considero que são um pouco conversadores, mas quando são chamados à atenção acatam as ordens do professor e acalmam-se. O borburinho às vezes é saudável, porque a troca de experiências também é importante. Não costumam responder de forma indelicada a um colega ou a um professor.

5. Quais são as causas da indisciplina dos alunos?

Resposta: Na minha opinião as causas de indisciplina dos alunos têm a ver um pouco com a própria sociedade. A educação parte de casa e depois deve ser complementada na escola. A questão é que a sociedade não permite muito isso, porque os pais cada vez têm menos tempo para acompanhar os seus filhos e o que os pais fazem para combater esse problema é darem aos filhos tudo o que estes lhes pedem, para compensarem essa ausência, mas a educação não se compra com isso. Educar não é dar tudo o que eles querem, mas sim transmitir valores e compreenderem as coisas. Muitas das vezes, quando os alunos têm a vida facilitada em casa, querem que o mesmo aconteça na escola. Percebem que têm os pais do lado deles, quando há algum problema, os pais sem saberem a razão das situações, estão logo contra os professores e os auxiliares e assim é muito difícil combater a indisciplina, porque não estão todos a remar para o mesmo sentido. O que eu tento fazer sempre é chamar a atenção dos alunos, deixando-os a pensar sobre a maneira como falam para os adultos, o respeito que devem ter para comigo e com os colegas, levando-os a perceberem que não estão a ser corretos.

6. **Haverá relação entre a motivação dos alunos para as aprendizagens e os comportamentos de indisciplina que mantêm em sala de aula?**

   Resposta: Sim, muitos alunos estão motivados para aprender, para fazer mais e sempre à espera que ocorram coisas diferentes na sala de aula. Muitas das vezes, aqueles que não estão motivados até combinam nos intervalos algumas estratégias para fazerem com que a aula não funcione muito bem. Assim, têm que haver alguns pontos de divergência em que têm que ser separados do conflito e tentar encontrar um equilíbrio. Muitos deles quando as estratégias são diversificadas conseguem trabalhar bem. No entanto, isto pode resultar muito bem numa aula, mas noutra aula pode não funcionar. Tudo depende muito das turmas, dos alunos e da predisposição com que eles vêm para a sala de aula.

7. **Nas suas turmas verifica que, na sua maioria, os alunos se sentem motivados para aprender?**

   Resposta: Sim, verifico que os alunos se sentem motivados para aprender. É fácil observar isso no decorrer das aulas. Às vezes fico a pensar que eles não perceberam muito bem as matérias ou que estão um pouco mais agitados do que é habitual, mas depois através do trabalho diário, dos trabalhos de casa que realizam, do interesse, das questões e dos elementos de avaliação, conseguimos perceber que realmente eles aprenderam e conseguiram, pois, os resultados são bons.

8. **Quais as estratégias que considera mais eficazes para motivar os alunos para as aprendizagens?**

   Resposta: Considero que as atividades práticas são muito importantes. Também acho muito importante, que a partir de uma unidade, que é o que estamos a fazer neste momento distribuir a unidade e serem eles próprios a trabalhar a unidade, a fazer um esquema, ou seja, fazer um trabalho de forma a serem eles a dar a aula. O trabalho de campo também é interessante, ou seja, ir para o recreio, consoante a matéria, se for sobre as plantas, observarem e recolherem plantas, tem que ser um trabalho dinâmico e que relacione vários aspetos. Não é um trabalho só muito expositivo, ou seja, o expositivo é importante para consolidar, mas a aprendizagem tem que ser lançada e

provocada, de forma a serem os alunos a colocarem as suas dúvidas e partirem à descoberta. É importante serem eles os próprios indutores das suas aprendizagens.

9. Quais os sinais que a levam a perceber se os alunos estão motivados ou não?

Resposta: A participação diária, por exemplo, quando acabo as aulas e tenho alunos que vêm ter comigo e perguntam qual a matéria que vamos dar a seguir, o que é que podem fazer, se podem trazer algum material para a sala, de modo a contribuírem para a dinâmica da sala. Por exemplo, a partir da coroa imperial da flor estivemos a separar os órgãos reprodutores e eles próprios se ofereceram para trazer as flores. Este é um comportamento muito participativo e interessado. Posso dar outro exemplo, que aconteceu hoje na aula que era de Ciências, mas amanhã vamos ter ficha de Matemática e eles próprios solicitaram que fizéssemos exercícios de Matemática, ou seja, no fundo eles querem sempre atingir bons resultados. Acabámos por trocar a aula de Ciências com a aula de Matemática.

10. A sua forma de atuar (ensinar) é diferente quando sente que os alunos não estão motivados?

Resposta: A minha forma de ensinar tem muito a ver com as caraterísticas manifestadas pelos alunos. Nós enquanto professores, temos que nos adaptar às turmas que não são todas iguais. Tento sempre perceber quais são as dificuldades dos alunos. Quando avanço na matéria tento sempre perceber se todos os conteúdos ficaram bem consolidados, pois para mim não faz sentido avançar sem compreender que os alunos não atingiram os objetivos pretendidos. Caso isto aconteça, tento diversificar a forma como abordo os conteúdos ou outro material, de modo a que estes o percebam.

11. Que diferenças são essas?

Resposta: Valorizo o trabalho prático, as fichas de orientação com tarefas exploratórias, como uma tarefa para explorarem e a partir daí fazer uma síntese e orientar os conteúdos mais importantes. Também dou valor à forma como organizam o caderno diário, não de uma forma muito bonita, mas que esteja bem estruturado, bem-apresentado, com esquemas e resumos da matéria. Outros aspetos que valorizo é a participação oral, as fichas de trabalho, as fichas de avaliação sumativa, ou seja,

todos os elementos de avaliação formativa. Refiro-me tanto à disciplina de Matemática, como à disciplina de Ciências.

12. **Quais os fatores mais relevantes para os alunos adotarem uma postura interessada e empenhada na sala de aula?**

    Resposta: Os fatores que considero mais importantes para os alunos estarem motivados e empenhados na sala é a forma como a matéria é introduzida e dada, o tipo de atividades que são apresentadas, se são atividades práticas ou um bocadinho expositivas. Tudo o que seja trabalho em que eles estão envolvidos é um fator importante, porque os obriga a envolverem-se e o facto de as aprendizagens irem surgindo, faz com que eles se envolvam mais nessa aprendizagem. Valorizo mais o ensino por descoberta, em que lanço uma tarefa ou uma questão e dou orientações, de forma a serem os alunos a solicitarem essas informações ou a questionarem.

13. **Considera que a motivação dos alunos para a aprendizagem, pode estar associada a fatores externos à escola? Se sim, quais?**

    Resposta: Sim podem, sobretudo os problemas parentais ou familiares. Cada vez mais, a sociedade tem mais problemas e consequentemente os alunos sofrem com isso. Os alunos são o reflexo daquilo que se passa em casa. Muitas vezes em casa acomodam-se e é na escola que tentam chamar a atenção e manifestar esses comportamentos e essas inquietações. Na minha opinião, o equilíbrio para aprendizagem e o equilíbrio emocional têm muito a ver com o meio familiar em que eles estão inseridos.

    Outros fatores que estão relacionados são a adolescência, a própria sociedade em que estão inseridos, a idade, dado que esta é uma fase em que são facilmente influenciados pelos colegas. Muitas vezes aquilo que os colegas lhes dizem é o caminho por onde eles vão e não aquele que devem seguir.

ANEXO K – Análise de conteúdo à entrevista da turma 1

ANÁLISE DE CONTEÚDO À ENTREVISTA A UM GRUPO DE ALUNOS DA TURMA 1

TEMAS	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO	FREQ.
1. CARATERIZAÇÃO DA TURMA	A turma é constituída por alunos geralmente inteligentes.	É uma turma bastante inteligente.	A turma é muito inteligente.	A: A minha turma é bastante inteligente. R: É uma turma muito inteligente.	2
		Alguns são mais inteligentes do que outros.	Alguns alunos são mais inteligentes do que outros.	D: Alguns são inteligentes, outros não. S: Uns são inteligentes.	2
	Turma é descrita como unida existindo uma relação de amizade entre os alunos.		Todos os alunos mantêm uma relação de amizade entre si.	S: São bons amigos. S: Somos uma turma bastante unida.	2
2. CARATERÍSTICAS DA TURMA, COMPORTAME	Os comportamentos de um ou mais alunos prejudicam a restante turma.		Os comportamentos de um ou mais alunos destabiliza o comportamento dos restantes.	Todos: O mau comportamento de um destabiliza a turma toda. R: A turma fica destabilizada por causa de alguns colegas, que começam a falar e depois todos vão atrás.	4
	Umas vezes a turma é indisciplinada e verificam-se maus comportamentos, outras	Por vezes verificam-se momentos de indisciplina e mau comportamento.	Em certos momentos há comportamentos de indisciplina na turma.	S: Às vezes a turma é muito malcomportada. S: Mais ou menos grande parte da turma são indisciplinados.	2

NTOS E INDISCIPLINA	vezes tem um comportamento exemplar.	Outras vezes a turma comporta-se adequadamente e pode mesmo ser exemplar.	Noutros momentos, a turma apresenta um comportamento exemplar.	R: [Turma] tem maus comportamentos, e eu às vezes também, outras vezes porta-se bem e é exemplar.	1
	A maioria dos alunos é bem-comportada, sendo que os incidentes de indisciplina são associados a um pequeno grupo de alunos.	Nem todos os alunos são indisciplinados.	Metade da turma evidencia bons comportamentos.	A: Parte dela [turma] é um bocadinho [indisciplinada]. R: Metade da turma porta-se mal (…) e, às vezes passa-se da cabeça.	2
		Problema de indisciplina associada a alguns elementos específicos da turma.	Apenas alguns elementos da turma são indisciplinados.	R: Cinco ou seis é que são indisciplinados, mas os outros até se portam bem. D: Mais ou menos uns cinco respondem mal aos professores. D: Há o grupinho do (B), do (L), do (R) e do (Lea) que falam nas aulas e depois acusam o (Ri) sem ser ele o culpado.	3
	Atitude dos alunos em relação à indisciplina.		Os alunos não assumem que são indisciplinados e, por vezes, acusam outros colegas.	R: o (Ri) dá-me com coisas na cabeça. S: Responde mal aos professores. Diz sempre que não fez nada. R: A (S) não tinha feito nada e foi para a direção por causa do (Ri). Às vezes eu e o (L) não fazemos nada e eu vu para a rua por causa deles.	3
	Tipos de comportamentos de indisciplina evidenciados pelos alunos.	O mau comportamento dos alunos é um tipo de indisciplina.	O mau comportamento por parte dos alunos é um tipo de indisciplina.	S: Eu porto-me mal às vezes, mas não é assim tanto. A: Por vezes fazem barulho e alguns colegas respondem mal aos professores.	2

		Não prestar atenção às aulas e aos trabalhos que os professores pedem para fazer.		R: É (…) quando não dão atenção às aulas e não fazem os trabalhos.	1
		Faltar ao respeito aos professores.	Faltar ao respeito aos professores é um comportamento de indisciplina.	S: Falar mal com os professores. R: Desrespeitar os professores. D: Responder mal aos *stores*.	3
		Não realizar os trabalhos de casa que os professores pedem.	A não realização dos trabalhos de casa é um comportamento de indisciplina.	R: (…) não ser responsável quando não fazemos os trabalhos de casa.	1
		A agressividade contra os alunos e professores é caraterizada como um tipo de indisciplina.	Um dos tipos de indisciplina é a agressividade por parte dos alunos contra os colegas ou professores.	D: São agressivos, dizem palavrões. Um dos alunos ameaçou de morte a *stora* de Matemática. R: (…) ameaçá-los. O (T) ameaçou a *stora* de morte. D: (…) ameaçar os stores e bater nos outros alunos. R: (…) chamar coisas aos colegas, o (T) (…) começou a dizer ao (D) que lhe partia os dentes todos no meio da aula e estava só a gozar com ele. O (T) já disse que o (Ri) era deficiente mental e o *stor* apanhou-o.	4

		O bullying contra os colegas é associado pelos alunos a um tipo de indisciplina.	Alguns dos comportamentos de indisciplina existentes são associados ao bullying.	A: Eu ando na psicóloga por causa do bullying e do que me fazem. R: O (A) parece que sofre de bullying, todos gozam com ele, mas são mais aqueles que se portam mal.	2
3. EXPLICAÇÕES PARA A OCORRÊNCIA DE INDISCIPLINA	O recreio é um contexto destacado pelos alunos como causa da indisciplina.		O recreio e tudo o que neste decorre é uma das explicações para a indisciplina.	R: Ele está no recreio e às vezes zanga-se com os outros e depois vem descarregar para a aula. D: O (Ri) vem de lá de fora e descarrega na turma. Depois os outros começam a seguir o comportamento dele e a portar-se mal.	2
	As situações que ocorrem no seio familiar dos alunos são apontadas como causa de comportamentos de indisciplina.		Os episódios que ocorrem em contexto familiar são uma das causas de indisciplina em sala de aula.	R: Ele chateia-se muito com amigos e familiares e depois vem descarregar para a sala. S: Ele tem problemas e depois descarrega nos outros e nas coisas, dá murros na mesa.	2

	Alguns membros da turma influenciam os restantes alunos.			D: Acho que por causa de um os outros começam. S: Sem o (T) e o (Ri) a turma porta-se muito melhor. Quando se juntam os mais indisciplinados é pior. O mau comportamento de alguns dos alunos é porque foram influenciados pelo mau comportamento de outros alunos. R: Os episódios aumentam quando [alguns alunos] se juntam todos, depois ainda vai criar mais confusão e descarregam nos outros todos.	3
4. ESTRATÉGIAS E REAÇÕES DOS PROFESSORES A INCIDENTES DE INDISCIPLINA	Os alunos referem diferentes reações dos professores que vão da admoestação verbal à expulsão da sala de aula.	Por vezes, os professores não dão importância à indisciplina dos alunos.	Os professores acabam por ignorar os comportamentos de indisciplina.	D: Normalmente os stores não fazem muito caso quando ele dá um pontapé na porta ou coisa assim.	1
		Por vezes, os professores mostram-se desagradados com os maus comportamentos e pedem aos alunos para continuarem a trabalhar.	Os professores chamam a atenção dos alunos e solicitam-lhes que continuem a realizar o seu trabalho.	A: Começam a chatear-se com os alunos e a dizer para continuarem a trabalhar.	1
		Os professores elevam o tom de voz e ficam zangados.	Os professores elevam o tom de voz e mostram-se zangados.	R: Às vezes os *stores* falam ou gritam e depois portamo-nos logo bem. S: Os professores acabam por se zangar connosco.	4

		Quando os professores elevam o tom de voz, os alunos alteram os seus comportamentos.	Quando os professores elevam o tom de voz, os alunos mudam os seus comportamentos.	R: O *stor* de História manda um berro e ele cala-se logo. R: Os *stores* costumam reagir muito mal porque ele está a irritar os *stores* e está a fazer com que os *stores* gritem e se zanguem com ele. R: Quando há uns que respondem mal, muito mal aos *stores*, são agressivos e os *stores* ficam muito zangados.	2
		Há professores que resistem mais ao facto de pedir aos alunos que saiam da sala, no entanto, existem outros docentes que não são tão pacientes.	Alguns professores pedem aos alunos para se dirigirem para fora da sala, no entanto, há outros docentes que resistem mais a esta medida.	A: Pedem ao delegado ou subdelegado para irem chamar uma auxiliar ou os professores da direção. A: O professor de História aguenta bastante tempo até mandar os alunos para a rua. D: A professora mandou-o logo para a rua e foi chamar uma auxiliar. S: Os professores costumam mandar os alunos para fora da sala.	4
		Por vezes, certos alunos sofrem as consequências dos comportamentos dos colegas sem ter culpa.	Em algumas situações, os alunos sofrem as consequências dos comportamentos dos colegas sem terem culpa.	S: Uma vez o (Ri) falou e a *stora* mandou-me logo para a rua e ele nem sequer admitiu que foi ele. D: Ele uma vez disse um palavrão e a stora mandou a (S) para a rua, mesmo admitindo que foi ele a stora mandou-o para a rua.	2

		Os comportamentos indisciplinados, com mais gravidade, originam a suspensão dos alunos.	Quando a indisciplina é muito grave, os alunos são suspensos.	R: Depois o Diretor de Turma vai apanhá-lo e vai suspendê-lo. D: O (Si) nunca fez nada assim muito grave e partiu a cabeça ao (A) e foi logo suspenso. D: Quando a professora chama alguém da direção para o vir buscar ele cala-se logo.	3
	Opiniões dos alunos em relação às estratégias dos professores face a comportamentos de indisciplina que ocorrem na sala de aula	Na perspetiva dos alunos, às vezes os professores agem bem e outra vezes não.	Os alunos consideram que, por vezes, os professores são injustos com estes quando têm algumas atitudes.	S: Às vezes eles fazem mal e outras vezes fazem bem, porque (…) não aguentam e mandam logo para a rua mesmo na segunda oportunidade, mas às vezes fazem bem porque o aluno já está a abusar muito. D: Eu concordo com a (S). A: Eu também concordo com ela. R: Eu também.	4
		Os alunos acham que os professores deveriam ser mais pacientes e dar-lhes mais oportunidades.	Os alunos consideram que os professores deveriam ser mais pacientes em determinados momentos.	S: Às vezes deveriam ter mais calma. Eu sei que ele é impossível, mas também têm que ter calma. A: Às vezes deviam ser como o professor (P) que é mais paciente e mais calmo e dá mais tempo. Só quando os que se portam mal abusam muito é que o professor deve por exemplo chamar uma auxiliar ou gritar. R: Eles deviam era ter calma e dar uma segunda ou terceira oportunidade.	3

		Os alunos acham que os professores deveriam tentar perceber quais os alunos que estão a ter maus comportamentos.	Os docentes deveriam perceber quem são os alunos que de facto estão a ser indisciplinados.	D: Têm que tentar entender as coisas para não mandarem pessoas erradas para a rua.	1
		Os alunos não gostam que os professores gritem com eles.	Os alunos não gostam que os professores gritem com eles.	S: Eu acho que os stores têm que falar mais baixo connosco, porque eu não gosto quando eles gritam. Assim eu fico mais nervosa e acabo por responder mal.	1
		Os alunos relatam algumas atuações violentas, por parte dos professores, que ocorreram na sala de aula.	Durante a entrevista, os alunos relembraram alguns momentos de violência por parte dos professores, em sala de aula.	A: O professor estava a falar muito e o professor deu uma chapada ao (T). R: A mim esse *stor* apertou-me o braço. S: A mim até me deixou aqui marcas e tudo o *stor*. Ainda por cima foi por uma coisa que eu não fiz.	3
	Opiniões dos alunos sobre as estratégias de ensino adotadas pelos professores.	Grande parte dos alunos gostavam de realizar jogos matemáticos, científicos e outros nas aulas.	Os alunos gostariam de ter mais momentos na sala em que as atividades envolvessem jogos matemáticos e científicos.	R: Gostava que fizessem mais jogos de Matemática. A: Gostava de fazer jogos científicos, jogos de Matemática, jogos que tem a ver com a disciplina e que dá para aprender com isso. S: Podemos aprender, mas de uma maneira mais divertida. A: Eu adoro um programa que estamos a usar em TIC, que é o Scratch e estamos a fazer jogos, vídeos e umas animações giras.	4

		Estratégias utilizadas pelos professores, que os alunos não consideram eficazes.	Um aluno considera que o trabalho em grupo propicia o barulho em sala de aula.	D: Quando há grupos eu acho que o barulho normalmente aumenta.	2
5. ESTRATÉGIAS DOS PROFESSORES PARA MOTIVAR OS ALUNOS	Para os motivar, os alunos gostavam de manter uma relação mais próxima e menos informal com os seus professores.	Os alunos gostavam que os professores não fossem tão sérios, algo que os iria motivar mais.	Os alunos gostavam que os professores não fossem tão sérios.	S: Motivarem-nos mais, brincarem mais connosco. Falar mais, porque os professores são muito sérios e o professor (P) brinca connosco. A: Que os professores nos motivem. D: Serem mais como o professor (P), ele está a dar a matéria e é como se estivesse a contar uma história.	3
		Reproduzirem música em momentos de avaliação de forma a que os alunos se concentrem.	Um aluno gostava de poder ouvir música em momentos de avaliação.	A: Em alguns testes podiam fazer como o professor (P) e punham uma música calma para ficarmos mais concentrados.	1
		Os alunos evidenciam a vontade de que os docentes brinquem mais com eles.	Os alunos gostavam que os professores fossem mais divertidos e brincalhões.	R: Acho que eles deviam ser mais brincalhões, como o *stor* de HGP é muito simpático. S: Sempre que eu estou mal ele vem conversar comigo. Não é como os outros que me veem e não querem saber. A: Especialmente na aula, mas fora da aula também quer saber de nós.	4

				R: O professor pôs uma música sobre piratas e só por eu ter trazido uma t-shirt com piratas ele começou a cantar e a brincar comigo.	
		Os alunos revelam que gostariam que os professores fossem mais afetivos e carinhosos para com eles.	Os professores deviam demonstrar mais carinho e afeto para com os alunos.	S: Os *stores* falarem melhor. Não serem tão exigentes connosco. Terem mais afeto para connosco. S: Nenhum *stor* cria relação connosco sem ser o *stor* (P).	2
	Os professores devem dar mais atenção aos interesses dos alunos.		Os professores deveriam dar mais importância ao que os alunos gostavam de fazer na sala de aula.	S: Os professores não dão muita atenção ao que dizemos. Só dizem que têm que dar a matéria e não têm tempo para isso.	1
	Os alunos gostam da forma de ensinar dos professores.		Na sua globalidade, os alunos apreciam a forma como os professores abordam os conteúdos e propõem as tarefas.	R: No geral gosto da forma de ensinar de todos os professores. D: A stora de Inglês ensina bem só que é exigente e fala mal para nós. A: A professora (S) muitas vezes ajuda-nos. S: Às vezes ela também é mais exigente comigo porque me quer ajudar.	4

ANEXO L – Análise de conteúdo à entrevista da turma 2

ANÁLISE DE CONTEÚDO À ENTREVISTA A UM GRUPO DE ALUNOS DA TURMA 2

TEMA	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO	FREQ.
1. CARATERIZAÇÃO DA TURMA	Uma das alunas gosta da sua turma.		Uma das alunas gosta da sua turma.	S: Eu gosto da turma.	1
	Turma caraterizada globalmente pelos entrevistados como malcomportada.	A turma é agitada.	A turma é agitada.	S: São muito agitados. D: A turma é malcomportada, porque somos muito agitados, mais numas disciplinas.	2
	A turma porta-se bem em determinados momentos, exagerando nos comportamentos.	A turma comporta-se mal.	Por vezes, a turma tem maus comportamentos.	Rut: Há vezes em que nos portamos bem e vezes em que nos portamos mal. Rut: Tem vezes em que somos bem-comportados e vezes em que somos malcomportados. S: O comportamento da turma é mais ou menos, mais para menos.	3
		Turma porta-se demasiado bem ou demasiado mal.	Em determinados momentos a turma exagera nos seus comportamentos.	J: A turma de vez em quando exagera um bocado nos comportamentos, porta-se demasiado mal ou demasiado bem.	1

		Os alunos portam-se bem consoante os seus interesses.	O comportamento dos alunos é influenciado pelos seus interesses.	S: Quando nos queremos nos portar bem, nós portamos bem, mas quando nós queremos portar mal, nós portamo-nos muito mal.	1
2. CARATERÍSTICAS DA TURMA, COMPORTAMENTOS E INDISCIPLINA	A turma apresenta comportamentos de indisciplina.		Um aluno considera que a turma é indisciplinada.	J: Sim é uma turma indisciplinada!	1
	Alguns alunos consideram que a turma por vezes é indisciplinada.		Apenas alguns alunos consideram que a turma é indisciplinada.	S: Sim, mais ou menos. D: Sim mais ou menos.	2
	Tipos de comportamentos de indisciplina evidenciados pelos alunos.	A indisciplina é faltar ao respeito para com os professores e não fazer o que estes solicitam.	A indisciplina é caraterizada como a falta de respeito para com os professores.	S: É faltar ao respeito aos professores. Rut: É a falta de educação com os professores. D: Sim, é faltar ao respeito e não fazer o que os professores pedem.	3
		A indisciplina carateriza-se por os alunos falarem muito nas aulas, interromperem os professores e falarem	Para estes alunos, a indisciplina evidencia-se por falarem muito, sem que os professores	S: A indisciplina para mim é portar-me mal e interromper muito os professores. Tem a ver com o barulho.	1

		sem terem permissão.	lhes concedam a palavra.		
		Os alunos portam-se mal e estão desatentos ao que os professores dizem.		J: Para mim a indisciplina é quando os alunos estão sempre a portar mal e não querem saber da aula.	1
	Os alunos consideram que os episódios de indisciplina mais graves se baseiam na violência física contra os professores e em atitudes violentas por parte dos mesmos.		Na perspetiva dos alunos, os comportamentos de indisciplina mais graves são a violência física e verbal por parte dos alunos.	S: Os alunos falarem muito mal para o professor, chegar a empurrar. J: Empurrar a porta com força (…) é um comportamento grave. Rub: Empurrar o *stor* e os colegas.	3
	Globalmente, os alunos sentem-se pouco motivados para permanecerem na escola.	Numa escala de 1 a 4, a motivação dos entrevistados para permanecerem na escola varia entre os 2 e os 3.	Em média, os entrevistados não se sentem muito motivados para permanecerem na escola e fazerem novas aprendizagens.	D: Dois, porque o horário das aulas é muito comprido. J: Dois e meio a três, porque há dias em que posso receber testes e há outros em que temos muito tempo de aulas e temos que acordar cedo. Rut: Dois, porque acordar cedo é o pior. Eu tenho que acordar duas horas antes de entrar na escola, por causa do transporte de autocarro.	5

				S: Entre dois e três. Não me apetece ir para a escola e estou cansada. Rub: Entre dois e três, porque às vezes eu quero vir para a escola para receber os testes e isso e outras vezes não me apetece vir, mas também é fixe vir aprender novas coisas.	
3. EXPLICAÇÕES PARA A OCORRÊNCIA DE INDISCIPLINA	Os alunos encaram que ocorre indisciplina devido a fatores externos à escola.	Os alunos consideram que ocorre indisciplina devido à forma como se sentem.	O estado emocional dos alunos determina possíveis comportamentos de indisciplina.	Rut: Depende dos dias, se nós estamos bem ou se estamos mal. Depende também das confusões do intervalo. Rub: Depende de como nós estamos, se estamos bem ou se estamos mal.	1
		Um dos entrevistados refere que o uso dos telemóveis, mesmo que fora da sala de aula, pode destabilizar o seu desempenho escolar.	A utilização de telemóveis determina pode propiciar comportamentos indisciplinados na sala de aula.	Rub: Os telemóveis também.	1

	Parte dos alunos refere que a indisciplina ocorre devido a fatores relacionados com a escola.	A indisciplina pode ocorrer dependendo das aulas que os alunos têm.	A indisciplina pode ocorrer dependendo das aulas que os alunos têm.	J: E das aulas que temos. S: Sim e também depende da aula.	2
		Os alunos pensam que os professores influenciam os episódios de indisciplina.	A postura dos professores tem influência na indisciplina dos alunos.	Rub: Depende do *stor* também. S: E também depende (…) do professor.	2
		Segundo os entrevistados, os episódios de indisciplina ocorrem devido a acontecimentos que se registam nos intervalos.	Todos os acontecimentos que ocorrem nos intervalos determinam o funcionamento das aulas e, consequentemente, os episódios de indisciplina sucedidos nas mesmas.	Rub: Eu estava nervoso por causa do futebol. Depois cheguei tarde e ainda faltei ao respeito à *stora*. D: Vimos nervosos e chateados e depois quando estamos na aula descarregamos nos professores. Rut: O nervosismo do intervalo, as brincadeiras e brigas que se passam podem prejudicar a nossa presença na sala de aula. J: O intervalo deixa-nos mais agitados. J: Depois vamos para as aulas e para os testes e não nos conseguimos concentrar.	5

4. CONSEQUÊNCIAS DA INDISCIPLINA E METODOLOGIAS ADOTADAS PELOS PROFESSORES	Quando os alunos chegam atrasados às aulas, frequentemente os professores solicitam-lhes que batam novamente à porta e peçam licença para entrar.	Os alunos batem novamente à porta e pedem licença para entrar.	Os alunos são convidados a entrar novamente na sala, pedindo licença para tal.	S: Os *stores* perguntam porque é que nós chegámos atrasados e dizem para regressar à porta e bater para entrar novamente.	1
		Os docentes perguntam qual o motivo para os alunos chegarem atrasados.	Os docentes interrogam os alunos sobre o motivo pelo qual chegaram atrasados.	Rut: Perguntam porque é que chegámos atrasados.	1
		Os professores solicitam a saída definitiva dos alunos para fora da sala de aula.	Os docentes solicitam que os alunos se retirem definitivamente da sala de aula.	Rub: Ou então mandam logo para a rua.	1
		Outras vezes, os docentes, não dão importância aos atrasos dos alunos e continuam a lecionar as aulas.	Por vezes, os professores optam por não dar relevo aos comportamentos dos alunos, com o intuito de não perturbar ainda mais o	J: Às vezes não ligam. Rut: Alguns stores também não ligam muito e marcam falta de atraso. D: Nas aulas mais agitadas, os stores não costumam reparar muito. Rut: Há alguns professores que não reparam e deixar passar e	3

			funcionamento das suas aulas.	nós acabamos por passar de fininho.	
	Os alunos consideram que é legítimo que os professores fiquem incomodados com o facto de estes chegarem atrasados às aulas.	A reação dos professores, pode ser influenciada pelo facto de estes estarem bem bem-dispostos.	A disposição com que os professores vão para a sala de aula determina a reação que irá ter face aos comportamentos dos alunos.	Rub: Depende do professor e se ele estiver bem ou se estiver.	1
		Os professores ficam desagradados pelo facto de os alunos chegarem atrasados às aulas e não por pedirem licença para entrar.	Os docentes ficam desagradados pelo facto de os alunos chegarem atrasados às aulas e não por pedirem licença para entrar.	D: Ficam chateados, porque chegamos atrasados e já estávamos na escola e isso não devia acontecer. Ainda por cima se não pedimos para entrar, ainda é pior.	1
	Geralmente, quando os professores diversificam as estratégias de ensino, os alunos sentem-se mais empenhados e a sua concentração aumenta.	Os alunos sentem-se agrados pelo facto de os professores diversificarem as suas estratégias de ensino, fator determinante na sua concentração e na relação que	Os alunos sentem-se agrados pelo facto de os professores diversificarem as suas estratégias de ensino, fator determinante na sua concentração e	S: Sim, diminuem porque nós estamos a experimentar uma coisa nova e estamos mais atentos e concentrados. J: Agora em Ciências não é a professora que está a dar a matéria e essa maneira é boa porque aprendemos uns com os	3

		estabelecem com os seus pares.	na relação que estabelecem com os seus pares.	outros e não estamos só a ouvir a professora a falar. Rut: Hoje em Matemática, por exemplo, nós tivemos uma aula diferente, em que estivemos a encaixar peças para fazermos polígonos e foi fixe.	
		O facto de os professores solicitarem trabalhos aos alunos que envolvam o trabalho colaborativo, promove algum ruído dentro da sala de aula.	O trabalho em grupos influencia a que os alunos debatam as suas ideias e opiniões e, consequentemente, exista mais ruído na sala de aula.	S: Mas houve mais barulho como é óbvio, porque nós a falar uns com os outros fazemos mais barulho. Estávamos mais agitados.	1
	Quanto à forma como os professores ensinam, na globalidade, os alunos gostam das metodologias de ensino utilizadas pelos professores.		De uma forma geral, os alunos apreciam a forma como os seus professores ensinam.	S: De alguns, porque a maneira como os professores agem depende da situação. J: Por exemplo, a forma como a professora de Matemática ensina eu não gosto muito. Rub: Eu gosto de todos, mas do professor de TIC eu não gosto assim tanto, porque nós	5

				chamamos o professor e ele continua ali sem ir ter connosco. J: Depende dos professores também. Rut: Para mim, os professores que eu gosto da maneira de dar aulas é a professora de Música, de Ciências, de EV e de História. O professor de História é o melhor.	
	Quanto ao tipo de atividades realizadas, os alunos gostariam de ter aulas mais dinâmicas.	Os alunos gostavam de ter aulas mais práticas.	Os alunos gostariam que fossem realizadas mais ativdades práticas nas suas aulas.	S: Eu também gostava que em Ciências fizéssemos mais atividades, como aquela em que vimos e abrimos o coração do porco.	1
		A música nas aulas ajudaria os alunos a concentrarem-se.	Uma das alunas refere que a música ajuda a turma a concentrar-se.	S: Gostava de ter música nas aulas, mesmo que fosse baixinho.	1
		Alguns dos entrevistados gostariam de fazer mais trabalhos de grupo.	Os alunos gostavam de trabalhar mais vezes em conjunto com os seus colegas.	J: Trabalhos de grupo e fazermos coisas sobre a matéria, mas que desse para brincar mais em vez de ser só a falar.	3

				S: Na aula de Ciências em que nós estamos a fazer os trabalhos em grupos. S: Eu acho que nós devíamos ter mais trabalho de grupo e trabalhos em que as pessoas convivam umas com as outras para serem mais amigas.	
		Uma das alunas prefere atividades baseadas na manipulação de materiais lúdico-didáticos.	Uma das alunas prefere atividades baseadas na manipulação de materiais lúdico-didáticos.	Rut: Sim, tipo desenhos ou em brinquedos como hoje na aula de Matemática em que nós estamos a montar os cubos.	1
		Devia existir mais do que um professor em cada aula da mesma área curricular.	Deveria existir mais do que um professor em casa aula, de forma a que os alunos tivessem mais apoio.	J: Deviam haver mais professores na mesma aula para poderem tirar as nossas dúvidas ao mesmo tempo.	1
		Realizarem mais visitas de estudo.	A realização de mais visitas de estudo.	D: Sim isso e também gostava de fazer mais visitas de estudo.	1
		Outros alunos gostavam de	Alguns alunos gostariam de poder	Rub: Eu prefiro escrever também.	5

		escrever mais durante as aulas.	praticar mais a sua escrita nas aulas.	Todos: Sim, eu também prefiro escrever. Rut: Em Português, a professora devia dar-nos mais textos com um tema para escrevermos.	
		Na área curricular de Português, os alunos gostavam de fazer mais apresentações orais.	Na área curricular de Português, os alunos gostavam de fazer mais apresentações orais.	S: Em Português podíamos fazer mais apresentações orais sobre um filme ou sobre um livro.	1
		Na área curricular de Matemática, os alunos gostariam de continuar a realizar o número do dia e fazerem mais jogos lúdico-didáticos.	Na área curricular de Matemática, os alunos gostariam de continuar a realizar o número do dia e fazerem mais jogos lúdico-didáticos.	J: Em Matemática devíamos continuar a fazer o número do dia e fazermos mais jogos.	1
		Também os trabalhos de casa deviam desafiar mais os alunos.	Os trabalhos de casa deveriam apresentar mais desafio aos alunos.	S: Eu acho que deviam fazer trabalhos de casa que fossem de mistérios ou jogos.	1
	Os alunos consideram que a relação que mantém com os professores é muito		A relação que os professores estabelecem com	J: Sim, acho que a relação que os professores têm connosco também é importante e	4

5. ESTRATÉGIAS DOS PROFESSORES PARA MOTIVAR OS ALUNOS	importante para que se sintam motivados para as aprendizagens.		os alunos é muito relevante para a motivação dos mesmos.	podíamos fazer todos jogos em conjunto. Rub: Sim, a relação que temos com os professores é muito importante. O *stor* de HGP é aquele com quem mais gosto de falar e a stora de Ciências também. J: A *stora* de Ciências também gosto muito dela. Está sempre alegre e fala muito connosco. Rut: A aula de História hoje foi diferente, porque nós rimos muito e o *stor* tem uma forma de dar aulas que eu gosto muito e hoje foi muito fixe.	
	Os alunos consideram que os professores deveriam estar mais bem-dispostos nas aulas para se sentirem mais motivados.		Os alunos consideram que os professores deveriam estar mais bem-dispostos nas aulas para se sentirem mais motivados.	Rut: Gostava que os professores sorrissem mais e estivessem mais bem-dispostos.	1
	Os professores deveriam tentar tornar os conteúdos	Através de esquemas.	Os esquemas são uma das formas de	S: Os esquemas a mim ajudam-me muito a perceber a matéria,	2

	mais atrativos para os alunos.		organização da informação elegida pelos alunos.	principalmente em Ciências. Quando estudo faço muitos resumos e esquemas. Rub: Também ajuda fazermos esquemas e desenhos.	
		Tornando os conteúdos interessantes e apelativos através de piadas.	Os professores deveriam abordar os conteúdos de forma a cativar o interesse dos seus alunos.	J: O professor devia motivar os alunos para estudar. Dizer que a matéria é muito gira e dizer piadas ao longo das aulas. Rut: Se contassem histórias ou piadas relacionadas com a matéria nós lembrávamo-nos muito mais. Podiam usar mais imagens e desenhar.	2
	A motivação dos professores também interfere com a motivação dos alunos.		Os alunos consideram que a motivação dos professores interfere no decorrer das aulas e, inevitavelmente, na motivação dos estudantes.	D: Se o *stor* estiver a ter um mau dia é difícil ele estar feliz e estar motivado. Rub: Acho que os *stores* estiverem mais felizes as aulas correm melhor.	2

ANEXO M – Análise de conteúdo à entrevista da professora MB

ANÁLISE DE CONTEÚDO À ENTREVISTA REALIZADA À DOCENTE M.B.

TEMA	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO	FREQ.
1. DESCRIÇÃO DO PERCURSO PROFISSIONAL DAS DOCENTES	A docente exerce a sua atividade profissional há 16 anos como professora do 2.º Ciclo do Ensino Básico.		A docente leciona no 2.º Ciclo do Ensino Básico há 16 anos.	R: Leciono há 16 anos e sempre dei aulas ao 2.º Ciclo do Ensino Básico.	1
2. DESCRIÇÃO DOS ALUNOS DA TURMA	Na sua globalidade, a docente carateriza a turma 6.º 2.ª como sendo uma turma bem-comportada, mas inclui um pequeno grupo de 3 ou 4 elementos mais problemáticos e verificam-se alguns incidentes de indisciplina: má educação, falarem entre eles e não acatarem ordens.	A turma é bem-comportada.	A turma tem um bom comportamento.	R: É uma turma que tem um bom comportamento.	1
		A docente não considera a turma um grupo indisciplinado, exceto um grupo de três ou quatro alunos.	A turma não é indisciplinada exceto um grupo de três ou quatro elementos que perturbam o funcionamento das aulas.	R: Não são um grupo indisciplinado, tirando aqueles três ou quatro elementos que perturbam o normal funcionamento das aulas.	1
		Diferentes tipos de comportamentos de indisciplina manifestados pelo pequeno grupo de alunos.	O grupo de alunos destacado manifesta alguns comportamentos de indisciplina.	R: As reações de um dos alunos mais problemáticos, a má educação, (…) a conversa entre eles e o facto de não acatarem as minhas ordens.	1

	A turma 6.º 4.ª é considerada pela docente como um grupo pequeno, indisciplinado e muito conversador, sendo que os alunos apresentam algumas dificuldades de aprendizagem e os seus resultados são insatisfatórios.	A turma tem poucos elementos e é muito conversadora.	Apesar de ter poucos elementos a turma é muito conversadora.	R: É uma turma pequena e muito conversadora.	1
		Os alunos têm dificuldades e os seus resultados escolares são fracos.	Globalmente, os resultados das avaliações sumativas são fracos devido às dificuldades evidenciadas pelos alunos.	R: Os alunos têm algumas dificuldades e os resultados são um pouco fracos.	1
		A turma é indisciplinada pelo facto de ser muito conversadora.	A turma evidencia comportamentos de indisciplina devido à conversa excessiva entre todos os seus elementos.	R: Os alunos desta turma são um grupo indisciplinado, porque são muito conversadores, acho que é esse o problema da turma. R: A turma no geral é bastante conversadora	2
		A conversa e a distração são os principais fatores de indisciplina na turma, na perspetiva da docente.	A conversa e a distração são os principais motivos de indisciplina nesta turma.	R: É a conversa e a distração. São mesmo muito conversadores, mas nunca houve nenhum episódio grave de falta de educação. R: A conversa é o comportamento de indisciplina mais frequente nesta turma.	2
	Para a docente, a indisciplina evidencia-se de várias formas.	Falta de educação.	A falta de educação é um comportamento de indisciplina.	R: Serem mal-educados.	1

		Ameaças verbais e físicas contra colegas e professores.	As ameaças contra docentes e colegas são consideradas pela docente como comportamentos indisciplinados.	R: Ameaçarem os professores e os colegas.	1
		O não cumprimento das regras de funcionamento da sala de aula.	O não cumprimento das regras de funcionamento da sala de aula é um comportamento de indisciplina.	R: Não cumprirem as regras.	1
		Levantarem-se do lugar sem a autorização da docente.	É um comportamento de indisciplina quando os alunos se levantam dos seus lugares sem permissão dos docentes.	R: Levantarem-se do lugar.	1
		Que os alunos estejam constantemente na conversa.	A conversa excessiva na sala de aula.	R: Estarem na conversa.	1
		Não cumprirem aquilo que os professores pedem.	A docente considera que quando os alunos não fazem aquilo que esta pede estão a ser indisciplinados.	R: Eles não acatarem uma ordem.	1

3. CAUSAS DA INDISCIPLINA	Na perspetiva da docente, as causas da indisciplina estão relacionadas com os próprios alunos.	A desmotivação e o desinteresse são algumas causas de indisciplina na sala de aula.	A desmotivação e o desinteresse dos alunos são causas apontadas para haver indisciplina.	R: (…) a desmotivação e o desinteresse, noto que eles são muito desinteressados, mas é assim em todas as disciplinas, não é só na minha. R: A desmotivação e a falta de interesse para estarem na sala de aula e aprenderem.	2
	Por outro lado, as causas da indisciplina estão relacionadas com diversos fatores externos à escola.	A relação que os alunos estabelecem uns com os outros é outra causa evidenciada.	A confiança que os alunos têm entre si é uma causa para a indisciplina.	R: A confiança que eles têm uns com os outros [é uma das causas apontadas para a indisciplina].	1
		A falta de interesse dos pais ou familiares em motivar os alunos.	O desinteresse dos pais em motivar os filhos para a aprendizagem é uma causa de indisciplina.	R: Os pais também não os pressionam e não falam com eles e não ajudam nesse sentido. R: Poderá até vir de casa a falta de estímulo por parte das famílias dos alunos.	3
		O meio socioeconómico em que os alunos estão inseridos.	O meio socioeconómico de que os alunos provêm pode ser uma causa para a indisciplina.	R: O meio socioeconómico [determina, na sua perspetiva, comportamentos de indisciplina].	1

		O nível de escolaridade dos pais ou dos familiares dos alunos.	O nível de escolaridade dos pais determina a indisciplina dos seus filhos.	R: O nível de escolaridade dos pais também tem influência e percebe-se isso.	1
		As experiências que os alunos vivenciam fora da escola.	Todas as experiências e vivências que os alunos têm fora da sala de aula podem ser propiciadoras de comportamentos de indisciplina.	R: As vivências fora da escola também têm influência, os locais por onde eles passam. R: O caso do aluno mais problemático do 6.º 2.ª, tem muitos problemas em casa e isso nota-se nas atitudes dele, que têm tudo a ver com aquilo que se passa fora da escola.	2
4. MOTIVAÇÃO DOS ALUNOS PARA AS APRENDIZAGENS	A professora julga que a relação que é estabelecida com os alunos tem influência na motivação dos mesmos.		A motivação dos alunos é determinada pela relação que os docentes estabelecem com eles.	R: A relação que nós estabelecemos com os alunos é muito importante. Tento sempre ter uma relação mais próxima com eles. Isso ajuda a que se sintam mais motivados para aprender. Se eles gostarem de estar connosco, isso também é importante.	1
	A docente considera que existe relação entre a motivação dos alunos para as aprendizagens e os comportamentos de	A turma 6.º 2.ª, na sua globalidade, é empenhada e interessada à exceção de um pequeno grupo de alunos.	Globalmente, a turma é empenhada, interessada e atenta para aprender, com exceção de um	R: Na maioria o 6.º 2.ª é uma turma empenhada e interessada, tirando aqueles três ou quatro alunos. R: No 6.º 2.ª eles trabalham, são empenhados, fazem tudo e estão atentos.	2

	indisciplina que mantêm em sala de aula.		pequeno grupo de alunos.		
		Na turma 6.º 4.ª, poucos são os alunos interessados e trabalhadores. Os restantes são muito conversadores e estão sempre na brincadeira.	A turma 6.º 4.ª é apontada como uma turma desinteressada, muito conversadora e desmotivada para trabalhar e aprender.	R: No caso do 6.º 4.ª estes no geral tens ali um ou dois que são interessados e que trabalham, os outros estão todos na conversa e na brincadeira. R: Mesmo quando não estão na conversa estão completamente noutro local, não há nada que os motive e que lhes interesse. R: No caso do 6.º 4.ª é visível que eles não estão interessados em fazer o que lhes peço. Não estão motivados e não querem saber de nada. Vê-se bem que eles não estão atentos, que não querem saber daquilo e não têm mesmo interesse em saber, tirando dois ou três alunos. De resto, os outros não querem saber, ou estamos ali a insistir a tentar que façam alguma coisa, porque por eles não fazem nada.	3
		Nas restantes turmas em que a docente leciona, os alunos são mais	Todas as outras turmas da docente são trabalhadoras, embora	R: Nas outras turmas não acontece o mesmo que acontece com o 6.º 4.ª. Não tenho razões de queixa, nem este	1

		empenhados e trabalhados, sendo a turma 6.º 4.ª uma exceção.	alguns alunos tenham dificuldades.	tipo de comportamentos. Todos os outros alunos trabalham. Claro que tenho um ou dois casos de miúdos que têm mais dificuldades e, por isso, ficam mais sossegados, mas não tem nada a ver.	
	Os sinais que mostram à docente se os alunos estão empenhados na realização das tarefas são a realização dessas mesmas tarefas e se os alunos conversam muito entre si.		A docente percebe se os alunos estão empenhados quando realizam as tarefas que esta propõe, se estiverem efetivamente a realizá-las ou se estiverem na conversa.	R: Se estão a trabalhar ou não. Se estão na conversa. Se fazem as coisas que nós pedimos.	1
5. ESTRATÉGIAS ADOTADAS PELAS DOCENTES PARA MOTIVAR OS ALUNOS	Para prevenir comportamentos de indisciplina a docente, adota como estratégia pedir a caderneta aos alunos e chamar-lhes a atenção para os seus comportamentos.		Com o intuito de prevenir comportamentos de indisciplina, a docente chama a atenção dos alunos e, posteriormente, pede-lhes as cadernetas.	R: Peço a caderneta e chamava a atenção dos alunos que estavam a ter comportamentos incorretos.	1
	A docente reage de diferentes formas quando ocorrem	Com os alunos mais problemáticos, a docente fala calmamente, de forma	A docente fala de forma calma com os	R: Com os alunos mais problemáticos costumo falar	1

	episódios de indisciplina na sala de aula.	a que estes fiquem mais tranquilos.	alunos mais problemáticos.	calmamente, tentando que eles fiquem mais tranquilos.	
		Com os restantes alunos, a docente chama-lhes a atenção para os seus comportamentos.	A professora chama a atenção dos alunos.	R: (…) com os restantes chamo a atenção.	1
		A docente alerta os alunos para se acalmarem e, por vezes, escreve recados para os encarregados de educação numa folha específica para esse efeito.	Antes de escrever recados para os encarregados de educação, a docente tenta que os alunos se acalmem.	R: Escrevo recados na folha que eles têm colada nos cadernos diários de cada disciplina. Ainda hoje lhes pedi para porem as cadernetas em cima da mesa e eles acalmaram logo. R: Costumo também enviar recados na folha que eles têm colada nos cadernos diários de cada disciplina.	2
	Como estratégias de ensino diversificadas, a docente opta por alterar as metodologias de trabalho.	Diversificando as estratégias e a tipologia de tarefas que propõe aos alunos.	É necessário diversificar as estratégias de ensino e os exercícios que se propõem aos alunos.	R: Fazer diferentes tipos de atividades. Não estar sempre a trabalhar com as mesmas atividades. Diversificar as estratégias. R: Mas tento arranjar outras estratégias para ver se eles se motivam.	2
		Não centrando a aula em si e dando voz aos alunos e às suas ideias.	A aula deve centrar-se mais nos alunos e não tanto nos professores.	R: A aula não ser tão centrada no professor, ser mais centrada nos alunos.	1

		Utilizando mais materiais lúdico-pedagógicos, como	A utilização de materiais lúdicos propicia e motiva os alunos para as aprendizagens.	R: Utilizar materiais mais lúdicos, o que nem sempre é possível, devido à falta de tempo. R: Às vezes tento fazer outras coisas, fazer um jogo, mostrar um vídeo.	2
		Estimulando o gosto e a motivação pela aprendizagem nos alunos.	É importante estimular o gosto e a motivação dos alunos para as aprendizagens.	R: Dar reforços positivos. O professor pode tentar estimular o gosto para aprender.	1
		Estabelecendo limites e definindo regras com os alunos.	É necessário estabelecer limites e regras com os alunos.	R: Temos que definir regras com eles, que sabem que aquilo é para ser feito.	1

ANEXO N – Análise de conteúdo à entrevista da professora SS

ANÁLISE DE CONTEÚDO À ENTREVISTA REALIZADA À DOCENTE S.S.

TEMA	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	UR	FREQ.
1. DESCRIÇÃO DO PERCURSO PROFISSIONAL DAS DOCENTES	A formação inicial da docente enquadra-se no ensino do 1.º e do 2.º CEB. Esta leciona há 12 anos no 2.º CEB, tendo trabalhado sempre com alunos desta faixa etária.		A docente leciona há 12 anos em 2.º CEB, apesar de a sua formação ser em 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico.	R: Eu já leciono há doze anos. Sempre trabalhei com alunos do 2.º Ciclo do Ensino Básico, apesar de poder lecionar também ao 1.º CEB. No entanto, prefiro trabalhar com alunos do 2.º CEB.	1
2. DESCRIÇÃO DOS ALUNOS DA TURMA	Na sua globalidade, a docente carateriza a turma 6.º 2.ª como sendo uma turma heterogénea.	Parte dos alunos da turma revelam facilidade na aquisição dos conteúdos	A maioria dos alunos revelam facilidade na aquisição dos conteúdos.	R: A turma 6.º 2.ª é uma turma muito heterogénea, ou seja, temos alunos muito bons, com os quais conseguimos realizar estratégias muito diversificadas.	1
		Outra parte da turma revela algumas dificuldades em atingir os objetivos pretendidos, sendo necessários diversificar as estratégias de ensino com estes.	Um pequeno grupo de alunos são indisciplinados e estão desmotivados para aprender.	R: Temos outro grupo de alunos que manifestam alguma indisciplina e alguma desmotivação, com os quais é necessário diversificar as estratégias de ensino, para conseguirmos atingir os objetivos que pretendemos.	1

		Globalmente, a turma não é indisciplinada, dado que os resultados são satisfatórios.	A docente considera que a turma não é indisciplinada, pois os seus resultados são bons.	R: No fundo eles não são muito indisciplinados. Não se pode considerar uma turma muito indisciplinada, porque os resultados até são bons.	1
		O pequeno grupo de alunos que perturba as aulas, executa as atividades propostas quando a docente diversifica as suas estratégias de ensino.	Quando a docente altera a estratégia de ensino, verifica que os alunos indisciplinados conseguem atingir os objetivos pretendidos.	R: Há ali um grupo de cinco alunos que tentam perturbar a aula, mas se forem adotadas e postas em prática outro tipo de estratégias e eles estiverem sempre ativos, conseguimos trabalhar bem com eles.	1
		Os comportamentos de indisciplina mais frequentes, destacados pela docente, são as intervenções frequentes dos alunos, sem lhes ser dada a palavra.	A indisciplina evidenciada pelos alunos são as participações constantes sem que lhes seja dada a palavra.	R: Nesta turma, os comportamentos de indisciplina mais frequentes são as participações constantes na aula, em que os alunos não pedem a palavra e falam sem serem solicitados.	1
	A turma 6.º 4.ª é considerada pela docente como um grupo pequeno, desinteressado e desmotivado.	A turma tem poucos elementos e alguns dos alunos apresentam limitações.	A turma tem poucos elementos e alguns dos alunos apresentam limitações.	R: A turma 6.º 4.ª é muito pequena, tem alguns alunos com algumas limitações e não é uma turma tão boa como o 6.º 2.ª.	1
		Os alunos com mais dificuldades revelam pouco interesse e desmotivação.	Os alunos com mais dificuldades de aprendizagem sentem-se desmotivados e desinteressados.	R: (…) pois temos alguns alunos muito fracos e que revelam pouco interesse e motivação. R: (…) a dificuldade nesta turma é mais a desmotivação que eles têm para trabalhar.	2

		Os alunos são um pouco conversadores, mas habitualmente respeitam as indicações dos professores.	Apesar de os alunos serem conversadores, por norma, respeitam as indicações dos professores.	R: (…) são um pouco conversadores, mas quando são chamados à atenção acatam as ordens do professor e acalmam-se.	1
		Apesar da docente tentar colmatar as dificuldades apresentadas pelos alunos, estes nunca revelam interesse e protestam por terem que realizar as tarefas.	A docente sente que apesar de tentar trabalhar com os alunos, estes continuam desinteressados e aborrecidos com as tarefas.	R: Nós trabalhamos, mas eles nunca conseguem mostrar interesse, pois estão sempre a reclamar e sempre desinteressados para realizar alguma tarefa.	1
		A docente não considera a turma um grupo indisciplinado.	A turma não é um grupo indisciplinado.	R: Não, eles não são um grupo indisciplinado. R: (…) até nem têm comportamentos de indisciplina. R: Não costumam responder de forma indelicada a um colega ou a um professor.	3

3. CAUSAS DA INDISCIPLINA	A docente considera que a indisciplina está relacionada com a sociedade, uma vez que a educação deve ser dada em casa e os familiares têm cada vez menos tempo e, por isso, tentar compensar os filhos com bens materiais.		Como causa de indisciplina, a docente aponta a falta de tempo que os pais têm para dedicar aos filhos e que, por isso, os tentam compensar com bens materiais. Isto faz com que os alunos não tenham regras e limites e pensem que na escola também funciona assim.	R: (…) as causas de indisciplina dos alunos têm a ver um pouco com a própria sociedade. A educação parte de casa e depois deve ser complementada na escola. (…) a sociedade não permite muito isso, porque os pais cada vez têm menos tempo para acompanhar os seus filhos e o que fazem para combater esse problema é darem aos filhos tudo o que lhes pedem. Educar não é dar tudo o que eles querem, mas sim transmitir valores e compreenderem as coisas.	1
4. MOTIVAÇÃO DOS ALUNOS PARA AS APRENDIZAGENS	A docente considera que grande parte dos seus alunos está motivada para aprender e para que sejam realizadas diferentes atividades em cada aula.		Os alunos estão motivados para novas aprendizagens e querem que cada aula seja sempre diferente da anterior.	R: (…) muitos alunos estão motivados para aprender, para fazer mais e sempre à espera que ocorram coisas diferentes na sala de aula.	1

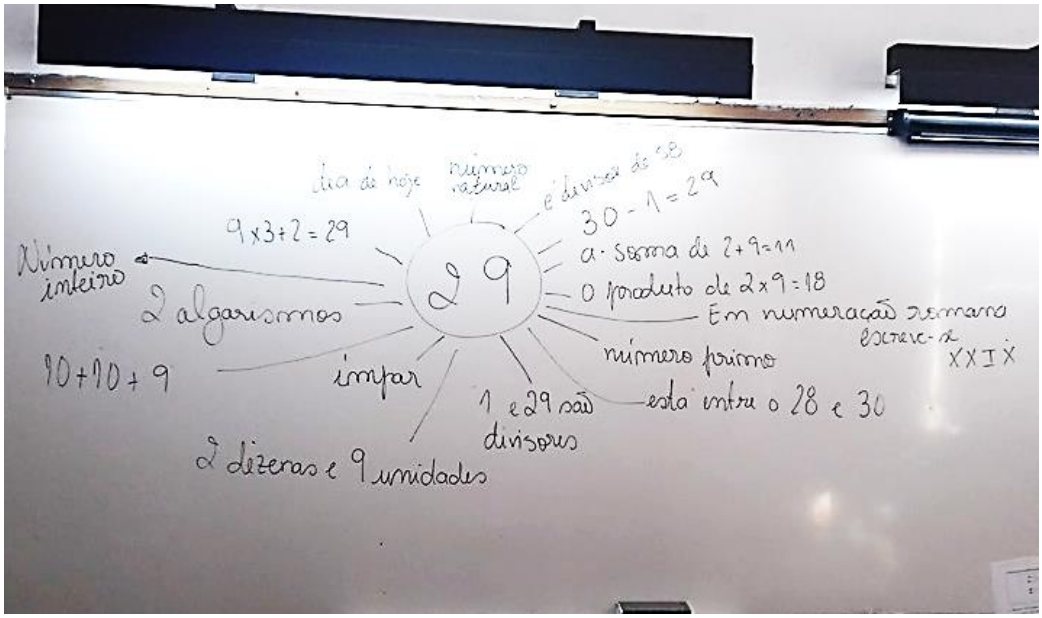
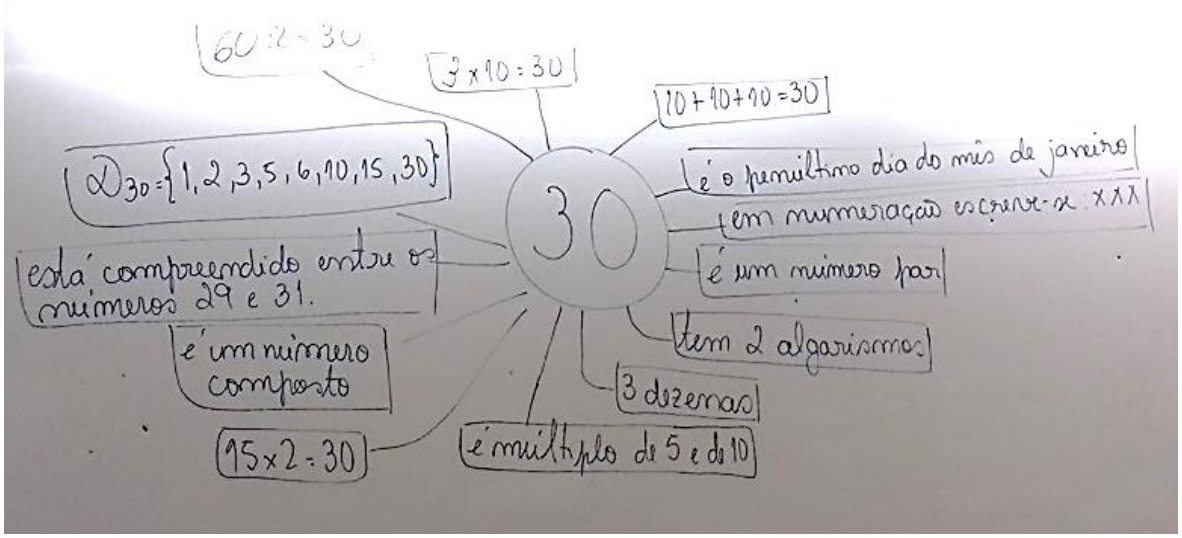
	Apesar de a docente considerar que quando são utilizadas estratégias diversificadas, os alunos trabalham bem, os resultados podem diferir consoante as turmas, os alunos e a predisposição com que estes vêm para as aulas.		Apesar de as estratégias de ensino serem diversificadas, o resultado pode diferir de turma para turma.	R: Muitos deles quando as estratégias são diversificadas conseguem trabalhar bem. (…) isto pode resultar muito bem numa aula, mas noutra aula não. Tudo depende muito das turmas, dos alunos e da predisposição com que eles vêm para a sala de aula.	1
	Através do trabalho realizado diariamente, dos elementos de avaliação, do interesse em determinados conteúdos e das questões colocadas, a docente verificou em diversas situações, que os seus alunos se sentem motivados para aprenderem.		Através de diferentes formas, a docente verifica que em todas as suas aulas os alunos estão motivados para as aprendizagens.	R: (…) verifico que os alunos se sentem motivados para aprender. É fácil observar isso no decorrer das aulas. (…) através do trabalho diário, dos trabalhos de casa que realizam, do interesse, das questões e dos elementos de avaliação, conseguimos perceber que realmente eles aprenderam e conseguiram, pois, os resultados são bons.	1
	O sinal indicador de interesse e motivação		As intervenções constantes e diárias dos	R: A participação diária, por exemplo, quando acabo as aulas e tenho alunos que	1

	por parte dos alunos, destacado pela docente, está relacionado com a participação diária e constante dos mesmos.		alunos é um indicador de que os alunos estão motivados para aprenderem novos conteúdos.	vêm ter comigo e perguntam qual a matéria que vamos dar a seguir, o que é que podem fazer e se podem trazer algum material para a sala.	
	Como fatores importantes à motivação e empenho dos alunos para a aprendizagem, a docente destaca o ensino por descoberta e a forma como são abordados os conteúdos programáticos.	A professora considera que o ensino pela descoberta é um dos fatores mais relevantes para que os alunos adotem uma postura interessada e empenhada na sala de aula.	A docente valoriza o ensino pela descoberta, uma vez que para esta é importante que os alunos descubram através de tarefas lançadas por si.	R: Valorizo mais o ensino por descoberta, em que lanço uma tarefa ou uma questão e dou orientações, de forma a serem os alunos a solicitarem essas informações ou a questionarem.	1
		A forma como os conteúdos são abordados e o tipo de atividades sugeridas contribuem substancialmente para a motivação dos alunos.	A forma como os conteúdos são abordados e o tipo de atividades sugeridas são influenciadores da motivação dos alunos.	R: (…) a forma como a matéria é introduzida e dada, o tipo de atividades que são apresentadas, se são atividades práticas ou um bocadinho expositivas. Tudo o que seja trabalho em que eles estão envolvidos é um fator importante.	1
	A docente considera que a motivação dos alunos para a aprendizagem é influenciada por diversos fatores externos à escola.	Os problemas parentais e familiares têm uma grande influência na vida escolar e pessoal dos alunos, dado que afetam o seu equilíbrio emocional.	O equilíbrio familiar e, consequentemente emocional, tem uma grande influência no desempenho escolar dos alunos.	R: (…) sobretudo os problemas parentais ou familiares. R: Os alunos são o reflexo daquilo que se passa em casa. Muitas vezes em casa acomodam-se e é na escola que tentam chamar a atenção e manifestar esses comportamentos e essas inquietações.	3

				R: (…) o equilíbrio para aprendizagem e o equilíbrio emocional têm muito a ver com o meio familiar em que eles estão inseridos.	
		A faixa etária em que os alunos se encontram.	A faixa etária dos alunos poderá afetar o seu desempenho.	R: (…) a adolescência. R: (…) a idade.	2
		A contexto social em que estão inseridos.	O contexto social dos alunos pode determinar o seu rendimento escolar.	R: (…) a própria sociedade em que estão inseridos.	1
		A influencia negativa por parte dos colegas com que se relacionam.	A influencia negativa por parte dos colegas com que se relacionam, determina os caminhos que os alunos seguem.	R: (…) esta é uma fase em que são facilmente influenciados pelos colegas. Muitas vezes aquilo que os colegas lhes dizem é o caminho por onde eles vão e não aquele que devem seguir.	1
5. ESTRATÉGIAS ADOTADAS PELAS DOCENTES PARA MOTIVAR OS ALUNOS	Para prevenir comportamentos de indisciplina, a docente opta por dar aulas dinâmicas, motivando a participação dos alunos, utilizando diferentes materiais e tendo sempre tarefas extra para os alunos que terminam o		Com a finalidade de prevenir a indisciplina, a docente privilegia aulas dinâmicas, incentivando a participação dos alunos, a utilizando diferentes recursos materiais e tendo sempre tarefas a mais.	R: (…) opto sempre por uma aula dinâmica, em que peço aos alunos para irem ao quadro, tento sempre ter alguns instrumentos diversificados para os alunos que terminam as tarefas antes do tempo previsto, de forma a combater os tempos em que os alunos não têm atividades para realizar.	1

	trabalho antes do tempo previsto.				
	Quando ocorrem comportamentos de indisciplina na sala de aula, a docente age de forma diferente consoante as situações.	Chama a atenção aos alunos, fazendo-os compreender que é incorreto ser mal-educado para com os adultos e os colegas.	Depois dos episódios de indisciplina, a docente elucida os alunos de que não é correto ser mal-educado para com os adultos e os colegas.	R: O que eu tento fazer sempre é chamar a atenção dos alunos, deixando-os a pensar sobre a maneira como falam para os adultos, o respeito que devem ter para comigo e com os colegas, levando-os a perceberem que não estão a ser corretos.	1
		Pede aos alunos para que se retirem, se acalmem e pensem no comportamento que tiveram, deixando-os entrar novamente na sala passado algum tempo.	Pede aos alunos que se retirem da sala, pensando no seu comportamento e permitindo a sua entrada na aula posteriormente.	R: O que tento fazer é mandar o aluno para se retirar da sala de aula, que fique à porta para se acalmar e pensar no que fez. Depois deixo-o entrar novamente na sala.	1
		Quando o problema é recorrente, a docente solicita a presença da funcionária para acompanhar o aluno à direção ou a um gabinete próprio para esse efeito.		R: Caso o problema seja frequente e seja grave, solicito à funcionária que o acompanhe até à direção ou para um gabinete onde vai realizar uma atividade.	1
	Como opções metodológicas, a docente elege	As atividades práticas são muito benéficas para a aprendizagem.	A docente privilegia as atividades práticas na sua prática pedagógica.	R: (…) as atividades práticas são muito importantes. R: Valorizo o trabalho prático.	2

	diferentes formas de abordar os conteúdos e diversos tipos de recursos materiais.	A aprendizagem por descoberta e atividades exploratórias são opções elegidas pela docente.	A docente privilegia a aprendizagem dos alunos por descoberta, uma vez que sente que estes ficam mais interessados, empolgados e empenhados em aprender e participam no processo de ensino-aprendizagem.	R: (…) partir de uma unidade, que é o que estamos a fazer neste momento distribuir a unidade e serem eles próprios a trabalhar a unidade, a fazer um esquema, ou seja, fazer um trabalho de forma a serem eles a dar a aula. R: É importante serem eles os próprios indutores das suas aprendizagens. R: (…) a aprendizagem tem que ser lançada e provocada, de forma a serem os alunos a colocarem as suas dúvidas e partirem à descoberta. R: (…) as fichas de orientação com tarefas exploratórias, como uma tarefa para explorarem e a partir daí fazer uma síntese e orientar os conteúdos mais importantes.	4
		O trabalho de campo é evidenciado pela professora como uma opção metodológica que desperta interesse e motiva os alunos.	O trabalho de campo desperta o interesse e motivação dos alunos.	R: O trabalho de campo também é interessante, ou seja, ir para o recreio, consoante a matéria, se for sobre as plantas, observarem e recolherem plantas, tem que ser um trabalho dinâmico e que relacione vários aspetos.	1
	A docente valoriza todos os elementos de avaliação formativa que contribuam para o		Para a docente a avaliação formativa contribui mais para o sucesso escolar dos	R: Dou valor à forma como organizam o caderno diário, esteja bem estruturado, bem-apresentado, com esquemas e resumos da matéria. (…) valorizo a participação oral,	1

	sucesso escolar dos alunos.		alunos, do que a avaliação sumativa.	as fichas de trabalho, as fichas de avaliação sumativa, ou seja, todos os elementos de avaliação formativa.	
	A forma de ensinar da docente adapta-se consoante as dificuldades dos alunos/turma.	A docente considera que os professores têm que se adaptar às dificuldades de cada aluno e da turma, na sua globalidade.	Os professores devem ter em conta a individualidade de cada aluno e face a isso adaptar a sua forma de ensinar.	R: A minha forma de ensinar tem muito a ver com as caraterísticas manifestadas pelos alunos. Nós enquanto professores, temos que nos adaptar às turmas que não são todas iguais.	1
		Quando os alunos não conseguem atingir os objetivos pretendidos pela docente, esta diversifica a forma como aborda os conteúdos e o tipo de materiais que utiliza.	Quando verifica que os alunos não atingem os objetivos que pretende, a docente modifica a forma como aborda os conteúdos e o tipo de materiais que utiliza.	R: Quando avanço na matéria tento sempre perceber se todos os conteúdos ficaram bem consolidados, pois para mim não faz sentido avançar sem compreender que os alunos não atingiram os objetivos pretendidos. (…) tento diversificar a forma como abordo os conteúdos ou outro material.	1

ANEXO O – Rotina do número do dia